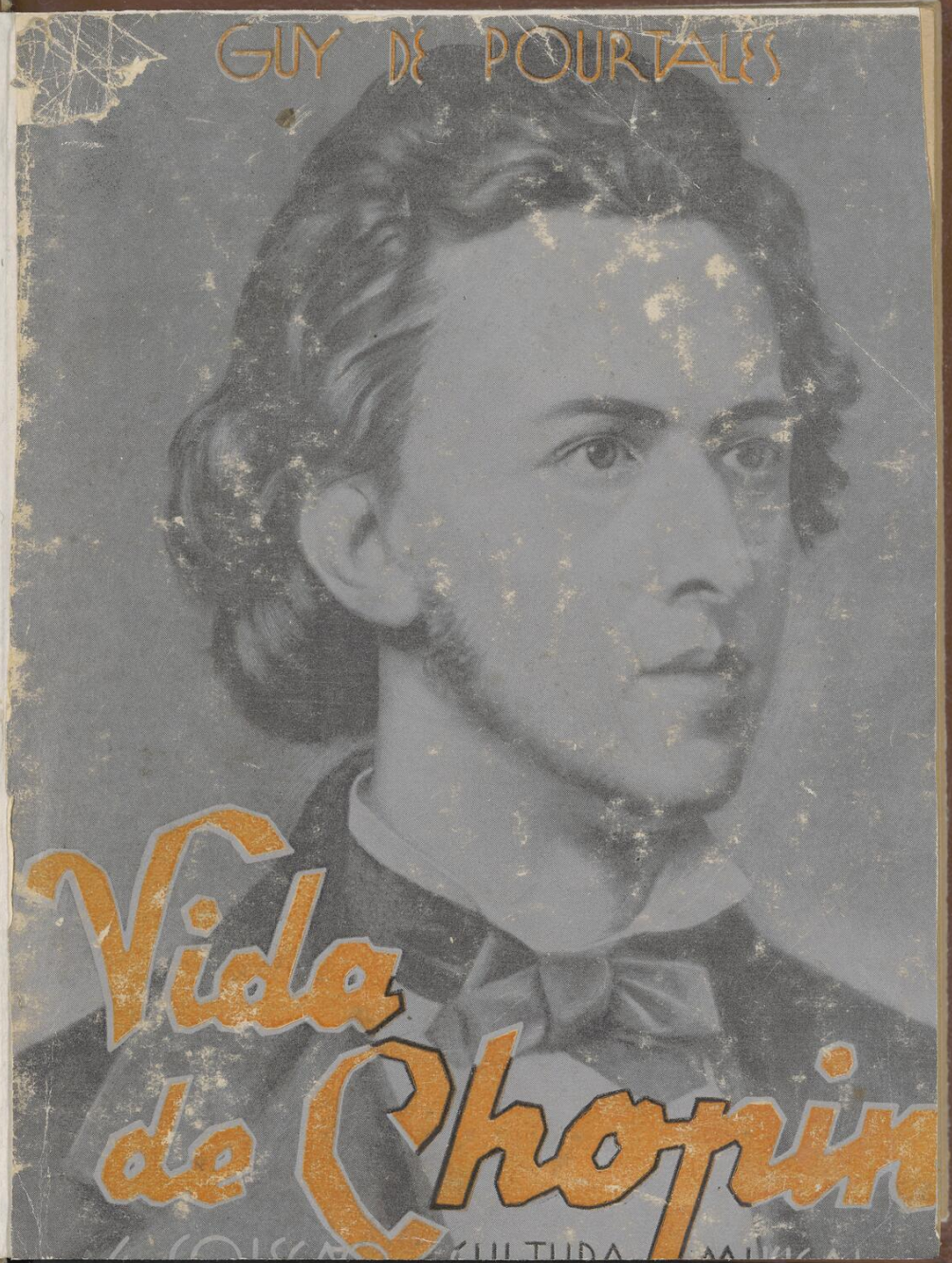
GUY DE POURTALES



Vida de Chopin



GUY DE POURTALÈS

VIDA DE CHOPIN

"Êle se servia da arte mais para dar a si mesmo a própria tragédia."
LISZT

Tradução de
ARISTIDES ÁVILA

EDIÇÕES DA
LIVRARIA CULTURA BRASILEIRA
RUA LIBERO BADARÓ, 41 - 9.º - salas 12 a 15
Telefone: 2-7810
SÃO PAULO — 1934

INSTYTUT FRYDERYKA W WARSZAWIE BIBLIOTEKA
Zbiory Stowarzyszenia I.F.C. 1996

ESTE É UM TRABALHO DA EMP. GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS"

DEDICATÓRIA

Quando lembrei o exemplo de Liszt a uma alma sofrida, mas ainda capaz de entusiasmo, pensei em oferecer-lhe também esta história de Chopin. Não que deva esta servir para esfumar o que possa haver naquele de demasiadamente cintilante. Ao contrário, completam-se, e revelam, cada qual por sua face, o duplo aspecto dêste sêr simbólico a que chamamos o artista, o sensível, ou o realizador, aquele, enfim, que se nos impõe à admiração.

Uma destas máscaras representa glória e paixão; a outra, dor e solidão.

Bem compreendo o que de romântico transpira destas quatro palavras, agora que já passou a moda do romantismo. Mas, se verifico que em nossos dias tudo se tem tentado efetivamente para suprimir de nossa orquestra as harpas, os tremolos, *os* rubato, *as grandes*

ondas harmônicas que pasmaram três gerações de amadores dos conflitos entre o céu e o inferno, basta-me, entretanto, abrir o jornal na secção dos tribunais, olhar as vitrinas de lojas de quadros, ouvir um saxofone, para convencer-me de que os temas da legenda humana em parte alguma mudaram.

O verdadeiro desacôrdo entre nossos antepassados e nós está em que o feio (ou aquilo que assim chamavam), hoje se incorporou ao belo (ou aquilo que assim classificamos). Por outras palavras, agora não ha mais o feio, nem o belo; o consonante, nem o discordante; já não ha censura estética. Escreveu um de nossos sábios: "Vejo passar o "homem moderno" com uma idéa de si mesmo e do mundo, que já não é uma idéa determinada... Tornou-se-lhe impossível ser o homem de um só ponto de vista e pertencer realmente a um só idioma, a uma só nação, a uma só confissão, a uma só física." (1) *Acrescentamos: nem a uma só música. Rigorosamente, cientìficamente, é-nos licito acreditar em tudo, ou em nada; amar a todos, ou a ninguém. Mas, disso tudo, que lucramos, a não ser em puerilidade, ou velhice? Pergunto se esta nova abundância nos fecunda melhor do que a aparente pobreza fertilizava nossos pais. O conjunto de sensações e conhecimentos não apurou nossa lucidez, como também a sereia e a máquina de escrever não adicionaram um novo som à escala. Entretanto, não consentiriamos em prescindir*

(1) Paul Valery — *Rhumbs.*

de nenhum dêsses recentes artigos. Mas, se um jazz bem irônico, bem cínico me encanta, não exclue para mim o prazer de ouvir Chopin. Ficaria desconsolado se não soubesse apreciar duas formas tão diferentes da tristeza moderna: uma nascida em Nova Orleans, outra num sótão de Varsóvia.

Para resumir, em outras palavras, o pequeno problema que as vidas paralelas de Liszt e de Chopin apresentam à nossa reflexão, digamos que, em certos dias, estamos menos aptos à ação, à mocidade, sob todas as suas formas; em outros, à reserva, ao pudor, à incerteza, à meditação, e — se bem que esta palavra tenha perdido toda a beleza, — ao mistério.

De Liszt, a vida se lê em pleno dia. Em toda a parte êle a escreveu com tinta e com suas aventuras. De Chopin, quasi nada subsiste. A própria natureza o preservava das vãs investigações, e quis o destino, além do mais, que em grande maioria suas cartas e relíquias fôssem queimadas numa casa de Varsóvia, onde morava sua irmã, em 1863. Não o encontramos, pois, senão em sua música, em alguns vestígios de correspondência e na memória de seus amigos. Seja como for, sua vida foi sempre tão simples e tão lógica, que um pouco de comentário é preciso para entendê-lo, tal como sôbre uma nota uma appoggiatura *lhe realça o valor. Com excepção de duas ou três viagens, o mundo exterior pouquíssimo penetrou naquela imaginação toda voltada para o íntimo. Sua poesia é o que êle*

acrescenta, de possível e de melodioso, às decepções de cada dia.

Mal favorecido em amor, em amizade, em tudo o que exige deslumbramento, — ou um excesso de pedal — êste infeliz iluminado não se contemplou em outro espêlho que não fôsse o ébano de seu piano.

"Piano, instrumento maravilhoso" — disse êle. Bem entendido, pois que o piano é uma orquestra. Mais ainda, é um instrumento. Portanto, uma alma, — a única que Chopin conhecera. Por isso, fez do piano seu legatário universal.

*
* *

Se Liszt nos infunde a audácia de colher as alegrias do momento que passa e um pouco de confiança em nós mesmos, Chopin nos pode ser um companheiro não menos fraternal. Sua vida é a de nossa própria sombra cheia de ânsia. Sua música não será, talvez, outra coisa que um cântico elevando-se de nosso deserto interior.

Toda arte é rica, sobretudo na medida da riqueza que sabemos emprestar-lhe. Toda alma nos possue, na medida dos esforços que fazemos para recebê-la. Recebamos esta como uma expressão (mais pura do que a podem representar simples palavras) do que ha de eternamente indefinível no amor.

I

"Um anjo de rosto lindo, tal uma mulher triste"

"Um anjo de rosto lindo, tal uma mulher triste..." Justo é colocar, no frontispício dêste estudo o retrato de Chopin traçado por certa mão que êle amou. Na Idade Média, ingênuos pintores pregavam na penumbra das catedrais uma obra expiatória, ante a qual, depois, vinham êles mesmos prosternar-se. Esta mão de mulher, hoje morta, outrora acariciante, escrevendo aquelas palavras, obedeceu sem dúvida à vaga necessidade de sentir-se absolvida. E acrescentou: "Nada era mais puro e, ao mesmo tempo, mais exaltado que seus pensamentos..." E, talvez, com um ligeiro tremor: "... mas êste sêr não compreendia senão o que fôsse idêntico a si mesmo. Seria preciso um microscópio para ler em sua alma, onde tão pouca luz dos livros penetrava".

Jamais, porém, um microscópio serviu para decifrar uma alma. Deixemos de lado os instrumentos de ópti-

ca, para seguir o conselho de Liszt: "Procuremos ver com o coração".

*
* *

E' necessário inscrever ainda um nome no alto destas páginas, pois que êle inflama inteiramente aquele de quem nos vamos ocupar: o da Polônia. Desde 1795, êste velho país fôra completamente desmembrado, quando Napoleão, o grande poéta da geografia, criou, após a primeira campanha da Prússia, o ducado de Varsóvia (1807), que devia durar até a queda do Imperador, isto é, oito anos apenas. Mas, bastaram êstes oito anos, para aureolar a França e o espírito dos poloneses de não se sabe que juvenil prestígio.

Ora, em 1806, um certo senhor Nicolau Chopin, professor de francês, encarregado da educação da filha da condessa Skarbek, casava-se na aldeia de Zelazowa Wola, a seis leguas de Varsóvia, com a senhorita Justina Krzyzanowska. Era francês de origem, natural de Marainville, pequena aldeia muito próxima da colina de Sion, no coração espiritual dessa Lorena, cuja história é curiosamente ligada à da Polônia. A noiva dêste antigo guarda-livros feito preceptor era uma jovem de vinte e quatro anos, de família nobre e arruinada. Tinha ela, em casa da condessa, com outras pessoas de condição, as funções de dama de honra, como o exigia a tradição entre êsses fidalgos pobres e orgulhosos.

INSTITUT FRYDERYKA BIBLIOTEKA CHOPINA-NARODOWY
Zgoda Stowarzyszenie

Ao lado da aristocrática habitação, protegida por um maciço de árvores, elevava-se uma casinha flanqueada por uma escadaria, e atravessada de ponta a ponta por um vestíbulo, de onde se avistavam o páteo, os estábulos, e, ao longe, os campos de alfafa e de colza.

Aí se instalou o jovem casal. A' direita da entrada, três cômodos baixos, cujo tecto se tocava com os dedos. Logo nasceu uma filha, que se chamou Luiza. Pouco tempo após êste obscuro acontecimento, houve a campanha dos franceses na Prússia, — Tilsitt, Austerlitz, Iena, Wagram, — e as águias polonesas voavam seguindo as águias imperiais. Haydn morreu enquanto, pela segunda vez, troavam os canhões de Napoleão às portas de Viena. Como caíssem perto quatro obuzes, disse o velho compositor a seus domésticos aterrados: "Por que se assustam? Saibam que onde estiver Haydn, nenhum desastre pode acontecer." Stendhal, comissário junto ao exército, assistiu-lhe aos funerais. Depois, anotou em seu canhenho: "Por que todos os franceses ilustres nas belas letras própriamente ditas, La Fontaine, Corneille, Molière, Racine, Bossuet, se reuniram por volta de 1660? Por que todos os grandes pintores apareceram pelo ano de 1510? Por que, desde essas épocas venturosas, a natureza tem sido tão avarenta?... Terá a música a mesma sorte?"

Entretanto, Beethoven escrevia o *Quatuor serioso* e a sonata em mi bemol maior, denominada *do Adeus.* Havia já composto seis sinfonias, a sonata a Kreutzer, a *Appassionata* e *Fidelio.* Schumann, Liszt e Wagner

aproximavam-se. Goethe vivia. Byron publicava os primeiros versos; Shelley e Keats esboçavam os seus. Balzac, Hugo, Berlioz estavam nos bancos escolares. E, a 22 de fevereiro de 1810, às seis horas da tarde, na casinha de Zelazowa Wola, nascia Frederico Francisco Chopin.

Veio ao mundo ao som da música, pois, por coincidência, sob as janelas do quarto, uma serenata de rústicos violinos embalava uma núpcia de aldeia.

II

Infância de Chopin

Em 1.º de outubro do mesmo ano, Nicolau Chopin foi nomeado professor de francês no Liceu de Varsóvia, e toda a família se instalou na Capital, adaptando-se imediatamente aos costumes citadinos, e não mais voltou para o campo. Varsóvia era, de resto, uma grande terra, onde fàcilmente se deixavam raízes por entre seus palácios italianos e barracas de madeira. Sua população fervilhante juntava à pompa asiática a imundície da Groenlândia. Lá se via o judeu barbudo, a religiosa, a rapariga de capa de seda clara e o polonês bigodudo, de caftan, com cinturão, espada e botas vermelhas.

Multiplicou-se o velho Chopin para aumentar seus recursos, pois a família ia crescendo. Depois de Luiza e Frederico, nasceram Isabel e Emília. Em 1812, tornou-se professor da Escola de Artilharia e Engenharia, e obteve o mesmo cargo na Escola Militar Preparatória,

em 1815. Em seguida, abriu em sua própria casa um pequeno pensionato para jovens abastados.

Vê-se fàcilmente o ambiente, os hábitos e costumes, em meio dos quais cresceu Frederico, neste interior unido e atarefado. As virtudes domésticas dos seus, de modéstia um pouco rígida, preservavam-no dos severos contactos da realidade. Por isso, dizia Liszt que "sua imaginação tomara êste aveludado tenro das plantas que nunca foram expostas à poeira das estradas".

Eis aí, pois, um menino muito suave, muito pálido, jovial, de uma sensibilidade de moça, dominado por duas paixões: o amor pela mãe, e o piano. Muito cedo o puseram ante o teclado, ao qual voltava êle espontâneamente, atraído pelas teclas.

A música arrancava-lhe lágrimas e gritos, tornando-se-lhe desde logo um mal necessário. Gostava também muito de suas irmãs, e entre os discípulos do pai, escolheu quatro amigos: Fontana, Titus, Woyciechowski e os irmãos Wodzinski.

Ao completar oito anos, deu uma audição em benefício do velho poéta Niemçiewicz. Vestiram-no à inglesa, com uma roupa de veludo e um largo colarinho dobrado. E, como sua mãe o interrogasse, em seguida, sôbre o êxito alcançado, indagando o que mais havia apreciado o público, respondeu com altivez: "Meu colarinho!"

A aristocracia polonesa, e mesmo o grão-duque Constantino, governador de Varsóvia, interessaram-se pelo menino. Recebeu ordem de apresentar-se a êsse

príncipe terrível, e tocou para êle a *Marcha*, composição sua.

— Menino, — disse-lhe o irmão do tzar — por que olha sempre para cima?

Pois não é para o tecto que olham os poétas?

Chopin não era "um prodígio intelectual, nem um pequeno animal amestrado — escreveu um de seus biografos — mas uma criança ingênua e modesta, que tocava piano tal como os passaros cantam"...

Deram-lhe professores. Zywny, a princípio, um velho de mais de sessenta anos, natural da Boêmia, violinista, bom pedagogo, que tinha o culto de Bach, culto que conseguiu inculcar ao discípulo. Bem se sabe quão profundamente se gravam no espírito os entusiasmos da infância. Depois, em 1824, ao mesmo tempo que Frederico foi para o colégio, seu pai substituiu Zywny por Elsner, professor silesiano, que lhe ensinou harmonia e composição. Sem ser um musicista notável, Elsner não deixava de ser uma personalidade: autor de óperas, sinfonias, missas. Era, além disso, professor do Conservatório. Teve o mérito de em nada contrariar os dons pessoais de Chopin: — "Deixá-lo agir, — dizia — se se afasta um pouco dos caminhos batidos e do método antigo, é porque tem o seu próprio, e um dia suas obras darão o testemunho de uma originalidade que ainda não se encontrou em ninguém. Êle segue um caminho extraordinário, porque seus dons são extraordinários."

Ha de se aprovar êste bom profeta; Elsner era modesto. Habitava duas celas em um velho mosteiro da rua dos Jesuitas. Seus alunos beijavam-no no ombro direito, à moda polonesa, e êle retribuia beijando-lhes ambas as faces. Em seu relatório anual do Conservatório, anotou: "Chopin, Frederico (aluno do terceiro ano), aptidões espantosas, gênio musical".

Também no Colégio se aplicou Chopin, ao ponto de conquistar prêmios. Enfim, era um adolescente dócil e meigo, alegre até as palhaçadas, como muitos melancólicos. Os camaradas tinham-lhe adoração, sobretudo por causa de seu talento para a mímica e a imitação, o que prova até que ponto sentia elle as expressões da alma. Representava comédias com suas irmãs, que escreviam peças para meninos. Chegou a dirigir um jornal.

Estes mínimos acontecimentos esmaltavam uma vida sem reveses. Apenas três factos reclamam especial menção: em maio e junho de 1825, em dois concertos realizados no Conservatório, Chopin tocou um *Allegro* de Moscheles e improvisou perante o Imperador Alexandre, que lhe fez presente de um anel. No decurso do mesmo anno, publicou seu *Primeiro Rondo* em dó menor (op. 1), dedicado à senhora Linde, mulher do diretor do Liceu. Finalmente, no verão seguinte, foi convidado pelo príncipe Radziwill para ir ao palácio d'Antonin.

Se, por um lado, tocar em público já não lhe offerecia novas emoções, por outro, publicar sua música foi uma alegria cheia de frescura, que êle gozou com uma

satisfação infantil. E se não era a peça nem muito profunda, nem perfeita, tinha, contudo, seu cunho pessoal. "Uma dama, — dizia Schumann pouco tempo depois, — tê-la-ia achado muito fina, muito bonita..." Eis como desde já começavam a influir as mulheres! Tal foi a primeira flor que desabrochou nesta alma cândida.

A visita ao Palacio d'Antonin, no verão de 1826, foi para Chopin a revelação dos prazeres que podem proporcionar a opulência material e o requinte do espírito, quando reunidos por mãos hábeis. Era o que faltava ao jovem aristocrata para despertar-lhe o estro. Um luxo, que os fortes desprezariam. Mas um coração feminino não poderia prescindir dêsses prazeres sàbiamente distribuidos, que vão desde uma cozinha delicada até as obras de arte; desde o confôrto material até as subtilezas da inteligência, e que submetem tal coração ao domínio do delicioso. De minha parte, acharia interessante conhecer os móveis, os quadros, os hóspedes, as conversações que se podiam ver e ouvir durante êste verão de 1826, no palácio do príncipe Radziwill. Infelizmente, estes esclarecimentos não podem ser fornecidos de um modo seguro. Enfim, talvez baste saber que Chopin considerava Antonin "um paraiso" e que declarou "divinas" as jovens princesas. Mas, bem certo é que, desde então, a nostalgia provocada pela harmonia entre o país natal, uns suntuosa vivenda e uma feliz mocidade, transformou todos os seus impulsos numa tristeza invencível.

III

Nascimento do poéta

Quando se perguntava a Chopin, depois de qualquer de suas improvisações ao piano, de uma audácia sempre um pouco sombria, mas de tão pungente e tão dramática ternura, por que nome se deveria chamar esta desolação atávica, que parecia coisa madura demais para um espírito tão moço, respondia êle com esta expressão polonesa: "*Zal*". Palavra que repetia e amava, susceptível de interpretações diferentes, e que tanto encerra todas as ternuras, todas-as humildades, como o rancor, a revolta e as mais frias vinganças. Palavra que ora significa dor inconsolável, ora ameaça, ou amargura inútil, e que, enfim, conviria a todos êsses poétas e cruéis Hamletos que são os eslavos. Desde os dezesseis anos, o *zal* foi o inimigo de sua felicidade, o inimigo que se arma novamente, quando se tem o coração romântico e quando a destruição de si mesmo se apresenta como a fórmula mais brilhante da vida. Por se ter conhecido e cultivado sem resistência, Chopin realizou o excepcional milagre

de ser êle próprio, integralmente, antes que a vida lhe tivesse ensinado o que quer que fôsse: de permanecer êle mesmo, a despeito da vida. Aos dezesseis anos, já possuia a soma de conhecimentos que lhe era necessária, e que se reduzia às sete notas da escala — o bastante para exprimir todos os sentimentos. Não o afligia a necessidade de qualquer outro alimento que não fôsse a procura de seu próprio estilo. Era sua maneira de atingir a verdade. Fora do piano, o universo, de facto, não passava de literatura.

Então seu pai consentiu em que êle deixasse a escola aos dezessete annos, para dedicar-se inteiramente à música. Instalou-se para êle, num sótão, uma pequena sala de trabalho, com um velho piano e ũa mesa, onde escreveu as primeiras obras. E foi já nessa época que, ensaiando suas fôrças, adquiriu aquele toque e aquele estilo tão novos que logo iriam deslumbrar o mundo artístico. No ano seguinte, compôs as *Variações* sôbre o *la ci darem la mano* de Mozart, das quais Schumann dizia, enquanto folheava: "Outro dia, Eusébio entrou silenciosamente. Conheces o sorriso irônico com que êle nos deixa intrigados. Eu estava ao piano... Eusébio colocou diante de nós um trecho de música, dizendo estas palavras: "Tirai o chapéu, senhores, um gênio!" Não deviamos ver o título. Folheei maquinalmente o caderno: a fruição velada da música sem sons, tem algo de encantador. Demais, ao que me parece, cada compositor oferece ao olhar uma fisionomia das notas, que lhe é peculiar: Beethoven tem uma feição bem diversa da

de Mozart, sôbre o papel... Mas desta vez, cuidei que olhos absolutamente desconhecidos, olhos de flor, olhos de animal fabuloso, olhos de pavão, olhos de donzela, me contemplavam maravilhosamente. Qual não foi, pois, o assombro dos presentes, lendo sob o titulo: (opus 2... Chopin)? Jamais tinha ouvido êste nome."

Guardemos o som profético dessa surpresa: olhos de flor, olhos de animal fabuloso, olhos de pavão, olhos de donzela. Êste belo retrato musical, inteiro, é o Cisne polonês que ensaia os primeiros vôos.

E êle alça o vôo, pouco tempo depois, pelo princípio de setembro de 1828, para a primeira viagem. Um amigo de seu pai, o professor Jaroçki leva-o consigo a Berlin, onde vai assistir a um congresso científico. Para Frederico, é um entusiasmo delirante.

Após cinco dias de solavancos na diligência, chegam os viajantes à capital da Prússia, e descem no Hotel do Kronprinz. A primeira visita de Chopin foi à fábrica de pianos de Kisting, a segunda à Academia de canto, a terceira à Ópera, onde se levava *Fernando Cortez* de Spontini, e *O Casamento Secreto*, de Cimarosa. "Acompanhei estas óperas com grande prazer — escreveu êle aos seus — mas devo reconhecer que a música de Haendel está mais próxima do ideal musical do que eu imaginava... Além disso, vai-se representar *Freyschutz*; é precisamente dessa música que necessito." Vê de longe Spontini, e o jovem Mendelssohn. Janta no Congresso dos Naturalistas. "Ontem, banquete em honra dos senhores sábios. Que caricaturas! Classifiquei-as em três

grupos". Teve por vizinho, à mesa, um professor de Hamburgo, que, conversando com Jaroçki, toma o prato de Chopin pelo seu, e põe-se a tamborilar sôbre êle. "Um sábio autêntico, não é?, ao qual não falta sequer um grande nariz disforme. Eu estava como sôbre alfinetes durante êsse tamborilar, e, quando terminou, a primeira coisa que fiz, foi limpar com o guardanapo os sinais de seus dedos no prato." Pela minúcia com que relatou êsse incidente, bem se pode avaliar o desgôsto que lhe causou. Em seguida, tratou de modas femininas. Pormenores? Não. Isso o interessou mais vivamente que as visitas obrigatórias ao museu geológico. Afinal, após uma permanência de quinze dias, ei-lo de novo na diligência, para retomar a estrada de Varsóvia. Chegando a Zullichan, entre Frankfurt-sôbre-o-Oder e Posen, como os cavalos afrouxassem, foi preciso parar e esperar a muda. Que fazer? Por felicidade, o posto de muda era, ao mesmo tempo, o albergue. O professor Jaroçki aproveita para se pôr à mesa; Chopin avista um piano. Abre-o, senta-se e começa a correr os dedos. Então, um viajante idoso vem silenciosamente sentar-se ao pé dele; depois outro, e logo, pé ante pé, todos os moradores da casa: o dono do pôsto, a mulher, as filhas e os vizinhos. Que surpresa, êste rouxinol trazido pelo vento, do país das fadas! De repente surge a cabeça do postilhão e uma voz de trovão adverte:

— Para a diligência! Os cavalos estão atrelados!

— Para o diabo o desmancha-prazeres! — responde, furioso, o dono do pôsto.

Tendo-se erguido, todos pediam ao moço que se sentasse de novo.

— Continue, por favor, continue — insistem as senhoras.

— Eu darei cavalos suplementares, se for preciso — acrescenta o dono do pôsto.

E o velho viajante, por sua vez:

— Senhor, sou velho musicista, que conhece sua arte. Tambem eu toco piano. Se Mozart o tivesse ouvido, apertar-lhe-ia a mão. Eu, obscuro demais, não me permito essa liberdade...

E quando Chopin se despediu, êste público estranho o agarrou e carregou em triunfo.

Um Schumann confundido; aquele dono de pôsto exaltado; aquele mau músico, tímido e todo trêmulo de emoção, tais eram os sinais de que um novo poéta nascera entre os homens.

IV

Desgraça e ideal

Só no ano seguinte, porém, foi êle encontrar seu caminho. Certa noite, na Ópera, notou, num papel secundário, uma jovem cantora de timbre claro, cabelos louros e boca atraente. Ficou sabendo que se chamava Constance Gladkowska, e que ainda era aluna do Conservatório. A impressão que lhe produziu essa moça foi viva, mas toda pura e infantil. Conquistar a fita que lhe prendia a cabeleira, e morrer guardando-a sôbre o peito, teriam satisfeito seus desejos. E tão superficial foi tal sentimento, que a ninguem o confiou desde logo. De resto, mais o preoccupava outra idéa: deixar Varsóvia, pois que sentia já ter esgotado todos os seus recursos musicais.

No mês de julho de 1829, munido de algum dinheiro penosamente economizado pelo pai, pôde partir para Viena o jovem compositor, em quem, agora, de toda a parte se fundavam tantas esperanças. Sua primeira visita foi para Haslinger, editor de música e grande ben-

feitor, que o recebeu de braços abertos, e já lhe chamava a "nova estrêla do Norte". Mas Chopin, sem ter ainda vinte anos, era desconfiado e céptico. Apresentaram-no ao conde Gallenberg, administrador dos teatros imperiais; encorajaram-no a dar um concêrto. "O que tranquiliza Gallenberg, — escrevia êle a seus pais — é que não pesarei em sua bolsa. Aquí me faço de desinteressado e diletante. Sou musicista por amor à arte."

O concêrto teve lugar no Teatro Imperial, no dia 11 de agosto, às sete horas da noite. A orquestra tocou uma *ouverture* de Beethoven e árias de Rossini. Em seguida, o frágil Chopin, já de aparência tão doentia, encaminhou-se para o estrado. Uma velha, sentada à primeira fila, exclamou entre dentes: "Que pena, não ter êste rapaz um porte melhor!" Mas Chopin estava lívido, mais de raiva que de emoção, pois não tendo logrado a orquestra decifrar suas variações, obrigava-o a mudar de programa. Improvisou então sôbre um tema de *A Dama Branca*, e, depois, sôbre a ária polonesa de *Chmiel*.

Excepto Liszt, ninguém jamais improvisou como Chopin. Sob sua mão elegante se abria um mundo aveludado de leves máguas, e cada qual estremecia ao surpreender uma lembrança das próprias melancolias. E tanto velhos como jovens, acompanhavam com delícia, aqueles delicados sussurros. Qual é, pois, o poder dos poétas, senão fazer cantar nossa alma, cujo segrêdo possuem melhor do que nós?

Tal foi o êxito dêste primeiro concêrto, que Chopin se animou a dar o segundo, uma semana mais tarde. E desta vez tocou sua *Krakoviak*, que a orquestra repetiu, e as *Variações* sôbre o *la ci darem*. Estava presente o conde Lichnowski, amigo de Beethoven, e aplaudiu com delírio. Público, musicistas e críticos confessaram sua surpresa, pois em Chopin tudo era novo, tanto a forma como o fundo. "O público reconheceu neste moço um grande artista... Em razão da originalidade de sua técnica e de suas composições, quasi se lhe poderia atribuir o gênio" — disseram o *Wiener Theaterbeitung* e o *Allgemeine Musikalische*. "A requintada delicadeza de sua execução, a indescriptível destreza de seu mecanismo, o remate de seus matizes, quê refletem a mais profunda sensibilidade, a clareza de sua interpretação e de suas composições, que trazem o cunho de um gênio, revelam um *virtuose* favorecido pela natureza, que, sem prévio reclamo, aparece no horizonte como um dos mais brilhantes meteóros". Uma só crítica, a mesma que Chopin fazia a si próprio: toca suave demais; faltam-lhe cintilação e sonoridade.

E' "quasi unanime dizerem que eu toco por demais docemente, ou melhor, suavemente demais para êste público, — escrevia êle a seus pais. — Estão habituados a ouvir os caixões dos *virtuoses*. Mas prefiro dizerem que sou muito suave, a que sou muito brutal". E em outra carta: "E' meu modo de tocar; e sei que agrada infinitamente ás mulheres e aos artistas."

Nesta altura, parte para Praga, acompanhado até a diligência por todos os músicos vienenses, que em tão pouco tempo havia cativado. Lá estava o próprio Czerny, com quem Chopin tocara várias vezes, a dois pianos. Em sua opinião, "era um homem excelente e mais sensível que suas composições". Visita Praga, onde conhece o célebre violinista Pixis e Alexandre Klengel, autor de 48 fugas que passam por ser as mais belas, depois das de Bach. Klengel interessou muito a Chopin, e estiveram juntos mais de seis horas, ao piano e em palestra. Frederico parte logo para Dresde, detendo-se em Teplitz, estação de águas, situada na fronteira da Boêmia e de Saxe, onde passou a tarde no castelo do príncipe Clary.

Uma pequena, mas "honesta" sociedade aí se achava reunida: os donos da casa, um general austríaco, um capitão da Marinha inglesa, um general saxão, todo constelado de condecorações, alguns rapazes e moças. Depois do chá, a princesa pede a Chopin que se "digne" ir para o piano. O artista "digna-se", e solicita um tema para improvisar. O mestre de música do príncipe propõe um motivo do *Moysés* de Rossini, e Chopin estende-se em filigranas tão belas, que é forçado a voltar ao piano quatro vezes. Querem retê-lo em Teplitz, mas êle não aquiesce. Uma inquietude, um pouco de agitação, impelem-no a continuar a viagem. Alguma coisa lhe rumina o íntimo. Mal se interessa por Dresde, onde poucos dias permanece, sem fazer nada de útil, partindo

então para Breslau. Regressa, enfim, a Varsóvia, a 12 de setembro.

Três semanas após, descobre sua moléstia, enquanto escreve uma valsa: "Talvez, para minha desgraça, tenha encontrado meu ideal. Ha seis meses que sonho com êle todas as noites, e ainda não lhe dirigí uma palavra. Em sua intenção, é que compus o *Adagio* de meu concêrto (em fá menor, op. 21) como também a valsa (op. 70, N.º 3), que escreví esta manhã, e te envio. Observa a passagem marcada por uma cruz. Ninguém, senão tu, lhe conhece a significação. Quanto seria feliz, meu caro, se a pudesse tocar para ouvires. No quinto compasso do trio, a melodia grave domina até o mi bemol acima, na clave de sol. Não deveria falar nisso, tão certo estou de que tu mesmo o terias sentido".

Esta confidência é dirigida a Titus, amigo querido entre todos, porque é musicista como êle. Assim encontra Chopin, de um relance, as duas palavras que haviam de ser desde então as chaves de toda a sua vida: "Desgraça" e "ideal". Palavras que formam um ambiente, talvez mesmo demasiado. Mas, se perderam elas agora seu prestígio, restituamos-lhes um valor activo de poesia. Nesta Europa, que desabrochava para o romantismo e respirava com fervor um vocabulário magnificente, existia a fé que transporta, e a cândura que gera as obras do amor e as da história. Um tempo mau, "um tempo de malucos e malucas", — disse Charles Maurras. Talvez. Mas um tempo, em que as idéas e os sentimentos não encerram mais que um valor retórico, tem para

a arte um preço inestimável. Ora, ninguém menos que Chopin se dava por satisfeito com palavras. As que empregava, traduziam exatamente as expressões de seu piano. Escrevendo que, para sua desgraça, descobrira o ideal, sem dúvida não cuidava que houvesse acertado tão bem. Eis, porém, fixado o tema musical, onde milhões de criaturas vão, graças a êle, descobrir todo o encanto do desespêro.

Nesta desgraça, neste ideal, trata-se naturalmente de Constance Gladkowska. E, algum tempo depois, acrescenta êle: "Podes calcular quanto Varsóvia me parece triste. Se não me sentisse feliz no seio de minha família, não me aguentaria aquí. Oh! como é angustioso não ter ninguém com quem repartir a tristeza e a alegria! Como é horrível, quando se oprime o coração, não poder desabafar! Sabes o que eu quero dizer. Muitas vezes digo a meu piano o que te desejaria confiar."

Ouve muita música, e fica impressionado com o último dos trios de Beethoven. Jamais ouvira coisa tão grande, disse êle.

Compõe, vae à Ópera. Constance Gladkowska estréa em *Agnes* de Paër. Chopin admira-lhe o desempenho, a formosura e a extensão da voz. "Ela fraseia e matiza deliciosamente. Sua voz, a princípio, tremia ligeiramente, mas logo se refez da perturbação. Cobriram-na de applausos".

Acaba por conhecê-la, e acompanha-a ao piano. Sente-se morrer de tristeza e dúvida.

Deve partir? Deve ficar? Afinal, decide-se a aceitar um convite do príncipe Radziwill, e vai passar uma semana do outono em Antonin. Aí, é recebido como um grande homem, e faz música com o príncipe, que é autor de uma partitura de *Fausto*.

Ornamentam êste paraiso duas Evas encantadoras: "quero dizer, as duas jovens princesas, amáveis, musicais e meigas criaturas. Quanto à princesa-mãe, bem sabe ela que não é o nascimento que dá valor ao homem". Sabiam-no também as princesas, que se apraziam em pedir lições àquele artista com feições de moça. Wanda deixava-o conduzir seus dedos, para adquirir uma posição correta. Elisa fez-lhe o retrato. "A princesa Wanda possue um verdadeiro sentimento da música. Não é preciso repetir-lhe a cada instante: aquí, crescendo; aí, piano... aquí, mais lento; lá, mais depressa... Tive que prometer enviar-lhe minha *Polonesa em fá menor*".

Escreve mais uma Polonesa para piano e violoncelo. "É uma peça brilhante para uso das damas".

Não se esquece de Constance, embora o arrebate a princesa Elisa.

Mas êle reconhece a própria capacidade de ser seduzido com toda a pureza por duas criaturas ao mesmo tempo. Não esquece, tão pouco, seu caro Titus de coração selvagem e silencioso. Num momento de expansão, lhe escreve: "Poderia untar meu corpo com os mais raros perfumes de Bizâncio, que ainda te recusarias a abraçar-me, se eu não soubesse compelir-te a isso por

uma espécie de atração magnética. Mas ha na natureza fôrças secretas..."

Regressando a Varsóvia, resolve dar um concêrto, ao qual comparece Constante. Não poderia ela deixar de compreender que a ela é que Chopin dedicava sua glória nascente. Efetivamente, tal concêrto teve lugar no dia 17 de março de 1830, quando acabava de completar vinte annos. Êste acontecimento suscita um interêsse extraordinário. Sala à cunha. No programa, enfeitado, segundo a moda, de música de Elsner, de Kurpinski, um solo de trompa, e outro de canto, a parte de Chopin, constava de seu *Concêrto em fá menor* e um *pot-pourri* sôbre árias nacionais. O efeito produzido não foi, porém, o que esperava. Só os entendidos compreenderam e apreciaram a originalidade do artista.

Entretanto, Constance, sentada à primeira fila, lhe sorrí, e êle se sente pago.

Um segundo concêrto, alguns dias após o primeiro, obtém um êxito mais brilhante, e o *Rondo à Krakoviak* desencadeia o entusiasmo. De todos os lados partem gritos: "Um terceiro concêrto! Um terceiro concêrto!" Desta vez, parece que a crítica, o público e os amadores foram unânimes em declarar Chopin o pianista e compositor mais eminente da Polônia. Entretanto, corriam as semanas, sem lhe trazerem verdadeiras alegrias. Seus amores por Titus e Constance o animavam e afligiam. Trazia sempre suas cartas sôbre o coração. Só por êles é que compunha, e parecia-lhe que, enquanto não ouvissem êles sua composição mais recente, esta

nada valia. "O trabalho me oprime. Escrevo forçado. Muitas vezes faço do dia noite e da noite dia. Vivo num sonho e durmo durante minhas vigílias. Sim, peor ainda, é como se eu devesse dormir sempre, pois sinto eternamente a mesma coisa. Mas, em vez de recuperar as fôrças nessa sonolência, ainda me atormento e mais enfraqueço".

Trabalha em seu *Adagio* em mi maior, que deve ser "romântico, calmo melancólico, e evocar muitas recordações agradáveis. Deve ser como o sonho de uma noite de primavera, iluminada pela lua... Se for mau, pouco importa. Ha de me reconhecer o êrro de ter feito mal, contra minha vontade. Mas isso provém de que algo me entrou pelos olhos, como também no coração, contra minha vontade. Isto me aflige, me oprime, se bem que seja para mim objeto de carinho e estima".

Um pouco de imprevisto lhe vem da chegada de uma célebre cantora alemã, a Sòntag, que dá uma série de seis concêrtos. O príncipe Radziwill apresenta-lhe Chopin, que experimenta um momento de entusiasmo. Não é bela, mas encantadora, acima de qualquer expressão, e cativa toda a gente. Frederico merece a honra de vê-la em trajes matutinos, e apresenta-lhe Constance. Mas a passagem da cantora por Varsóvia não vai além de um luminoso episódio, e Chopin recai logo em suas incertezas. A partida lhe parece cada vez mais necessária ao desenvolvimento artístico; mas, por outro lado, o receio de perder seu amor o paralysa. A 4 de setembro, escreve a Titus:

"Tenho acessos de raiva. Continuo a não me mexer. Não tenho fôrça bastante para fixar o dia de minha partida. Tenho o pressentimento de que, se deixar Varsóvia, jamais tornarei a ver minha casa. Imagino que parto para morrer. Ah ! que tristeza deve ser não morrer onde sempre se viveu ! Como seria horrível para mim, ver junto a meu leito de morte um médico ou uma criada indiferente, em vez de todos os meus. Desejaria passar alguns dias em tua casa, onde, talvez, encontrasse um pouco de tranquilidade. Mas, como não posso, limito-me a percorrer as ruas, abismado em minha tristeza, e depois voltar para casa. E para que ? Para perseguir minhas quimeras. Raramente o homem é feliz. Se lhe são destinadas apenas algumas horas de ventura, por que renunciar êle a suas ilusões, que são também tão fugitivas ?"

Mais estranha ainda é a carta de 18 de setembro, em que faz esta singular confidência: "Enganas-te ao acreditar, como tantos outros, que meu coração está influindo de algum modo em minha permanência aquí. Fica certo de que saberia colocar-me acima de tudo, quando se tratasse do meu "eu", e que se eu amasse, conseguiria dominar, por vários anos ainda, meus tristes e estéreis impulsos. Convence-te de uma coisa: de que eu também me preocupo com o meu bem, e me prontifico a sacrificar tudo pelo mundo. Por mundo, entendo: os olhos dos outros, a opinião pública, que tanto pesa entre nós e que não quero contribua para minha infelicidade. Não aquele sofrimento íntimo que ocultamos

dentro de nós mesmos, mas aquilo que chamarei nossa miséria exterior. Enquanto gozar de saúde, trabalharei de boa vontade a vida toda. Devo trabalhar mais do que minhas fôrças o permitem ? Se for necessário, poderei fazer o dôbro do que hoje faço. Tu não és senhor do que pensas, mas eu sou sempre senhor de meus pensamentos. Nada me obrigaria a deixá-los, como se destacam as folhas das árvores; em mim, até durante o inverno, ha sempre o verdor. Claro, não se trata senão da cabeça ! No coração, em compensação... Deus meu ! o maior calor... Não admira, pois, que nele a vegetação seja luxuriante... Tuas cartas repousam em meu coração, ao lado da fita (de Constance), pois, se bem que não se conheçam, êsses objetos inanimados sentem que provêm de mãos amigas".

Em suma, esta indecisão bem reflete que o mais sólido de sua natureza é o instincto musical; que êsse instinto vencerá tudo, desejos, confôrto e paz; que seu "sofrimento íntimo", embora necessário, é, contudo, menos necessário que esta marcha obstinada para todo um porvir de solidão e melodia.

Um dia, saindo da igreja, avista Constance. "Meus olhos se surpreenderam ante seu olhar. Então, lanceime pela rua fóra, e levei um quarto de hora para voltar a mim. Fico, por vezes, tão louco, que é espantoso ! Mas, de sabado a oito dias, partirei, aconteça o que acontecer. Porei minha música na valisa, a fita dela em minha alma, a alma debaixo do braço, e avante, na diligência !"

A 11 de outubro, finalmente, dá um último concêrto, com o concurso de Gladkowska. Frederico toca uma novíssima obra que acabava de compor, o *Concêrto em mi menor* e uma *Fantasia sôbre árias polonesas.* Vestida de branco e coroada de rosas, Constance canta a cavatina da *Dama do Lago,* de Rossini. "Conheces o motivo: "*Quante lacrime per te versai,* — escreve Chopin a Titus, — Ela disse o *tutto detesto* até o *si* grave, de um modo admirável. Zielinski declarou que aquele "si" valia por si só mil ducados. Após havê-la reconduzido da cena, toquei meu *Pot-pourri* ao apagar das luzes. Desta vez, pelo menos, eu me compreendí a mim mesmo; a orquestra se compreendeu e a platéa nos compreendeu... Agora, só me resta fechar as malas. Minha bagagem está pronta. Minhas partituras copiadas de novo, meus lenços debruados, minhas calças novas experimentadas".

Que espera êle ainda ? É como uma última oportunidade que o destino lhe oferece, e que êle não colherá.

1.º de novembro de 1830 é a data fixada: vai partir para Viena. Desde a manhã, toda uma comitiva se põe a caminho. Elsner, os amigos e músicos acompanham-no até Wola, o subúrbio histórico onde outrora se faziam as eleições dos reis. Durante o banquete, executa-se uma cantata composta por Elsner em sua honra.

Que teu talento, nascido em nossa terra,
Esplenda em tudo e em toda a parte,

Estejas nas margens do Danúbio,
Do Sprée, do Tibre, ou do Sena.
Cultiva as tradições de teus pais,
E, por tua música,
— Nossas mazurkas e cracovianas, —
Canta a glória de tua pátria.
Sim, realizarás teus sonhos.
Crê sempre, Chopin, que, por tua musa,
Levarás à glória teu país.

CÔRO

Não importa deixares teu país
Pois tua alma fica conosco.
Fazemos votos por tua felicidade
E guardaremos no coração tua memória.

Empalideceu o jovem príncipe da arte, quando lhe entregaram uma taça de prata cheia da terra de sua pátria. Depois, não se conteve e desatou a soluçar.

Quanto a Constance, não tornou a vê-la. Dois anos após, casou-se com um fidalgo provinciano.

Mais tarde, por que estranho favor do céu, se fecharam para a luz aqueles olhos azues que tanto o poéta havia amado ? Constance perdeu a vista. Entretanto, de quando em vez, ela ainda se punha ao piano e cantava a bela canção: *Quante lacrime per te versai...*

Alguém que a conheceu no fim de sua vida, contava que "De seus olhos, que ficaram límpidos apesar da cegueira", então corria o pranto...

V

Solidão em Viena e revolução em Varsóvia

Titus Woyciechowski reuniu-se a Chopin em Kalisz.

Mais velho que êle alguns anos, era física e moralmente oposto a Frederico: um rapaz grande e forte, de traços duros e autoritários, lacônico, mas igualmente apaixonado pela música. Suas mãos enormes, talhadas para o manejo da espada de seus antepassados, quando pousavam sôbre as teclas do piano, tornavam-se leves como se tivessem asas. O frágil Frederico, de olhos profundos e rosto infantil, conduzia, contudo, à vontade êste cão de fila possante e submisso.

Passaram por Breslau, depois por Dresde, onde se evaporou uma semana em visitas, saraus e espectaculos.

Munido de cartas de recomendações, Chopin foi prestar suas homenagens à sra. Dobrziçka, uma senhora polonesa, alta dama da côrte da princesa Augusta. Esta dama ocupava um apartamento no palácio real, onde êle foi muito bem recebido, e convidado a voltar,

em pequena reunião de pessoas íntimas. Chopin aceitou, imaginando desde logo que teria de pagar com seu talento; mas tinha por princípio nada recusar a seus compatriotas. No dia marcado, deu entrada nos salões da grande dama, onde se achavam poucas pesoas: algumas senhoras e um homem de cêrca de trinta anos, de rosto raspado, que tomou por um sábio, ou um sacerdote da côrte. A sra. Dobrzyçka apresentou-o a seus hóspedes: "Um de nossos jovens patrícios, sr. Frederico Chopin, artista do maior talento, que não nos negará ouvir uma de suas mazurkas, eco da pátria longínqua". Chopin se pôs ao piano. Sentia-se bem disposto, a cabeça cheia de poesia, e o coração de saudade. Constance, suas irmãs, a velha Varsóvia flutuavam-lhe diante dos olhos. E de dez maneiras diversas, exprimiu-lhes com aquela graça despretensiosa a pura emoção de que ninguém jamais dera exemplo.

Foi ouvido em profundo silêncio. Depois, a nobre senhora levantou-se e veio dizer-lhe, com os olhos marejados de lágrimas: "Muito obrigada, pela hora deliciosa que proporcionou a Suas Altezas Reais". Então, inclinando-se numa reverência, lhe designou as duas damas e o senhor barbeado. Era a Infanta Augusta, sua cunhada e o príncipe João, o futuro rei de Saxe, que Chopin tomara por um doutor em Teologia. Estas pessoas, no dia seguinte, mandaram entregar-lhe cartas chancelladas ao enderêço de Suas Majestades o Rei e a Rainha das Duas Sicilias e de Sua Alteza Sereníssima o Principe de Lucca, recomendando "o sr. Frederico Cho-

pin, um artista excepcional, ao qual está reservado o mais brilhante futuro".

Sob estes felizes auspícios, Frederico e Titus chegaram a Viena pelo fim de novembro. Andaram em busca de um apartamento e, mediante cincoenta florins por mês, alugaram um de três cômodos, situado no Kohlmarket.

Mas esta ingrata capital já não se lembra do artista que aplaudira. O editor Haslinger recusa-se a comprar-lhe as obras, e Chopin não consente em dar-lhas gratuitamente. "Êle pensa, talvez, — diz — que, fingindo tratá-las como ninharias, eu o leve a sério e lhas entregue por seus belos olhos. Engana-se. Minha divisa será: Paga, animal!" Estes pequenos precalços, porém, de um sôpro se dissipam, quando os acontecimentos que se desenrolaram na Polônia começam a transpirar pelos jornais. Efetivamente, em 29 de novembro, estalara a insurreição em Varsóvia. Mais uma vez, êste velho povo reduzido à escravidão, tentava recobrar a liberdade. As notícias chegavam às migalhas: em 29 de novembro, dezoito conjurados se dirigiram ao Palácio do Belvedere, onde residia o Grão Duque Constantino, para apoderar-se de sua pessoa. Mas chegaram tarde demais. "O passaro tinha voado" e, levando suas tropas russas, já se afastava dos muros de Versóvia. Liberta por algum tempo, sublevava-se a cidade inteira contra os opressores. No dia seguinte, um novo govêrno era nomeado, proclamada a guerra da independência e milhares de voluntários por toda a parte se alis-

tavam. Desde estes primeiros movimentos, Titus e Frederico sentiam-se transportados de entusiasmo. Titus equipou-se dos pés à cabeça e, sem esperar por mais nada, foi reunir-se a seus companheiros de armas. Ficando só, Chopin lamentava-se de sua inacção. Entretanto, que fazer de suas mãos tão finas? de seu inútil talento? Ao acaso, sem objetivo certo, alugou uma diligência e lançou-se ao encalço de Titus. Mas não chegou a alcançá-lo, e naquele sombrio crepúsculo de inverno pareceu-lhe tão baldado seu ardor guerreiro, que deu ordem ao cocheiro de fazer meia volta e regressar a Viena. Aí encontrou uma carta de seu pai, que, adivinhando os sentimentos do filho, lhe suplicava que não se desviasse de sua carreira. Que tantos sacrifícios trouxessem ao menos algum proveito.

E assim Chopin fica. Mas a provação é dura de vencer nesta Áustria de Metternich, toda hostil à Polônia. Os artistas de suas relações evitam-no. Mais de uma vez, ao passar, ouve dizer que o único êrro de Deus é ter criado os poloneses. O correio agora não lhe chega senão com grande atraso, e êle vive angustiado. Tem notícia de que o general russo Paskewitch marcha contra Varsóvia. Já entrevê a cidade incendiada, seus pais e Constance massacrados. Passa todo tempo a escrever, êle que tem verdadeiro horror ao papel de cartas. "Parece-me que estou sonhando, e que ainda estou em meio de vocês. Estas vozes que escuto e às quais meus ouvidos não estão acostumados, dão-me a impressão de matracas... Viver, ou morrer, hoje tudo me é in-

diferente. Por que estou abandonado? Por que não me acho com vocês, compartilhando o perigo?" E as festas de Natal só logram agravar êste drama de inquietação.

Tinha razão Dante, quando disse que uma recordação feliz é o peor sofrimento nos dias de desventura.

Nessa noite de Natal, vai à igreja de Santo Estevão, e aí, de pé, na parte mais obscura da catedral, apoiado a uma coluna gótica, evoca o pinheiro familiar iluminado por velas, com os modestos presentes que suas irmãs e êle se ofereciam recìprocamente, e a ceia tradicional, quando toda a família, reunida em torno à mesa, partia o pão bento que os irmãos leigos dos Conventos haviam distribuido durante o Advento.

Passa a maior parte dos dias de festa, só, em seu quarto, que êle mesmo assim descreve: "E' grande e tem três janelas; a cama, em frente; meu maravilhoso piano à direita, e o divã à esquerda; entre as janelas um espêlho e, no centro da peça, uma grande mesa de acajú. O soalho é encerado. Calma. Todas as manhãs, um criado de insuportável estupidez me chama. Levanto-me, tomo o café que muitas vezes já está frio, pois, a tocar, delle me esqueço. Pelas nove horas, chega meu professor de álemão. Em seguida, estudo. Depois, Hummel (o filho do compositor), vem trabalhar em meu retrato, enquanto Nidecki estuda meu concêrto. Fico em *robe de chambre* até meio dia. A essa hora, entra um bom alemãozinho, Herr Leidenfrost, com quem dou um passeio pela esplanada. A seguir, vou almoçar onde

me convidam, ou então, no albergue *zur böhmische Köchin*, que é frequentado por todos os estudantes da Universidade... Logo após, faço visitas, volto para casa ao cair da tarde, penteio-me, visto-me e vou a algum sarau. Pelas onze horas, ou meia noite — nunca mais tarde — regresso, toco, choro, rio, leio, deito-me e sonho com vocês."

Nesta mesma carta a seu amigo Matuszynski, escreve êle ainda no dia de Natal (1830):

"... desejaria ardentemente receber de ti uma carta; sabes porque. Quanta alegria me causam as notícias de meu anjo da paz! Como gostaria de tanger todas as cordas, não só as que evocam sentimentos tormentosos, como aquelas em que soam os *lieder* cujo eco atenuado ainda vaga pelas margens do Danúbio... Mas não posso viver como desejaria... Aconselhas-me a escolher um poéta. Não sabes, porém, que sou a criatura mais indecisa do mundo, que não escolheu com acêrto senão uma só vez na vida? Todos os jantares, saraus, concertos e bailes me aborrecem. Estou farto disso tudo. Não posso fazer o que quero: devo vestir-me, requintar-me, calçar-me, pentear-me e representar como homem tranquilo nos salões, e depois voltar para casa e trovejar sôbre o piano. Não tenho confidente; para com toda gente devo ser polido. Perdoa-me estas lamúrias, meu caro João; elas, porém, me acalmam e me dão alívio. Um ponto de tua carta muito me entristeceu. Produziu-se uma mudança? Esteve ela doente? Num sêr tão sensível, seria capaz de acreditar... Tran-

quiliza-a e conta-lhe que, tão longe quanto me sustentem as fôrças, até na morte, sim, até depois da morte, minhas cinzas serão espalhadas a seus pés. Tudo isso é ainda muito pouco, e podes dizer-lhe bem mais. Eu mesmo seria capaz de fazê-lo, mas o mundo que diria? Sê meu intérprete junto a ela. Ante-ontem, jantei em casa da sra. Bayer, uma polonesa cujo nome é Constance. Gosto de sua companhia, por causa dessa reminiscência. Sua música, seus lenços, seus pratos são marcados com a inicial dela."

"1.º de janeiro de 1831. Recebi tua carta. Não sei o que em mim se passa. Amo-vos a todos, mais do que à minha vida. Escreve-me. Então, estás no exército? Coitados de vossos pais! que fazem vossos amigos? Vivo convosco. Queria morrer por ti, por todos vós. Se partires, como poderás dar-lhe meu recado? Cuidado com meus parentes. Poderiam desconfiar do mal... Como começa triste o ano para mim! Talvez não chegue ao fim dele. Abraça-me. Partes para a guerra? Volta coronel. Ah! Por que não posso eu ser ao menos vosso tambor? Se julgares desnecessário, não lhe entregues meu bilhete. Já não me lembro do que escreví. Podes lê-lo. Talvez seja o primeiro e o último."

Depois, anota em seu caderno de bolso: "Esta cama em que me deito, talvez já tenha recebido um cadáver. Quem terá sido êsse morto? Era êle mais imperfeito que eu? Tinha pais? irmãos? amante?... Agora, é êle indiferente a tudo. Sem dúvida, morrer é o melhor

dos actos humanos; ou, ao contrário, será nascer?..." Finalmente, algumas linhas mórbidas sôbre Constance: "Amava-me, ou representava ela um papel? Como é difícil adivinhar! Sim, ou não? Sim, não, sim, não?... Sim, é certo. Seja, porém, feita sua vontade."

Assim se revela inteiramente Chopin, inquieto, solitário, assombrosamente terno. Nele todas as dores e algumas simples alegrias estão em estado embrionário. Mas o *homem* só progride com extrema lentidão. Como as mulheres, inconcientemente êle se reserva para o sofrimento, sòmente pelo qual se tornará adulto.

Todavia, os dois anos decorridos desde seu primeiro entusiasmo por Constance Gladkowska já foram fecundos em obras admiráveis. Não é sem algum orgulho que Chopin separa, no maço de seus manuscritos, páginas como a *Valsa em si bemol maior* (op. 70 n.º 3), da qual, ha pouco, assinalava a Titus uma passagem confidencial; o esbôço de *Estudos*, o primeiro dos *Noturnos* e o dois *Concertos* (em si menor, op. 11 e fá menor, op. 21). Se, quanto à construção, ao esqueleto, muito devem ainda a Hummel, quanto ao fundo e à forma, são integralmente de Chopin. As partes de orquestra são fracas, porque êle não chegava a *pensar orquestralmente*, mas as de piano, de uma originalidade e de uma poesia que trazem a marca do eterno.

Mais tarde, dirá Liszt do *Adagio do 2.º Concêrto*, pelo qual Chopin tinha uma especial predileção, que toda esta peça "é de uma perfeição ideal", que "seu sentimento, ora radioso, ora cheio de enternecimento, faria

sonhar com uma passagem magnífica inundada de luz, em algum vale feliz de Tempé, que se tivesse escolhido para ser o local da narrativa dramática de uma cena pungente. Dir-se-ia uma desgraça irreparável colhendo o coração humano em face do incomparável esplendor da natureza."

Ha justeza nessas palavras, talvez um pouco amplas. Mas é difícil transportar para o vocabulário usual o que tão bruscamente escapa ao comum e revela um novo universo ao mais complexo de nossos sentidos. Uma análise musical é o mais vão dos exercícios da inteligência, pois não se pode construir senão sôbre o sentimento.

Vejamos, antes, as salas de concêrto: na maior parte, são ocupadas por amantes e velhos. E' que estes compreendem, recordam e buscam êsse poderoso inexprimível, onde melhor se encontram a si mesmos. O próprio Chopin ignorava ainda o que dava. Sentia-se mal em molduras clássicas, mas trazia em si a satisfação de uma crescente sabedoria, desenvolvido e macerado em suas primeiras dores.

*
* *

O inverno arasta-se como Deus ajuda, e Chopin, com um pouco mais de alegria do que ousa confessar, vai de festa em festa. Deixa crescer as suiças, ou melhor, uma das suiças; a outra não é necessária, "pois ao publico só se mostra o lado direito". Torna-se íntimo do dr. Malfatti, antigo médico de Beethoven e da côrte, sibarita jovial e benemérito que habita uma elegante *villa* rodeada de jardim.

Volta a primavera, e os pessegueiros e cerejeiras se cobrem de uma neve branca e rósea. No dia de São João, nessa *villa* se dá uma festa ao luar. Em frente aos terraços, no ambiente nupcial embalsamado pelas laranjeiras, embalado pelos repuxos, Chopin toca, enquanto os vienenses escutam o estrangeiro de olhos tristes, a parafrasear em meias-tintas uma valsa de Strauss.

Chopin vai a concertos, depara com muitos artistas, mas, exceptuando o violinista Slavik, além de Paganini que tira noventa e seis notas *staccato* numa só arcada, ninguém lhe parece grande. Nada apreciável lhe oferece Viena. Em toda a parte não se tocam senão valsas e embora a gente se ria, os editores não imprimem outra coisa. Sente-se doente. Confessa-o a seus amigos, mas proibe-lhes que informem seus pais. Projeta mais uma viagem, faz extrair o passaporte, sem saber ao certo se optará pela França, Alemanha ou Inglaterra. A Itália fascina-o também, mas ha revoluções em Bolonha, Milão, Ancona e Roma. Indeciso, seria capaz de jogar "cara ou corôa", se não fôsse o caso de tentar um pouco a sorte. Acaba por escolher Londres, e, por mero acaso, faz acrescentar no passaporte: "passando por París". Ei-lo tranquilizado e munido de alguns pontos de referência que lhe prendem a imaginação. Prepara a bagagem, faz suas despedidas, e reserva lugar na diligência para o dia 20 de julho (1831).

Poucos dias antes de partir, chega-lhe uma carta de seu compatriota, o escritor Witnicki, amigo de seus pais, carta essa que o atinge no ponto mais sensível. "... Tenha sempre em vista a nacionalidade. A nacionalidade é, mais uma vez, a nacionalidade. Para um artista secundário, é uma palavra quasi vazia de sentido; mas não para um talento como o seu. Ha ũa melodia natal, assim como ha um clima natal. As montanhas, as florestas, as águas e os prados, têm sua voz natal, não obstante nem todas as almas a compreendam... Cada vez que penso nisso, meu caro senhor Frederico, enlevo-me pela doce esperança de que será o primeiro que saiba colher os vastos tesouros da melodia eslava... Procure as melodias populares eslavas, como os mineralogistas procuram as pedras e os metais nas montanhas e nos vales... Dissera-me que aí se aborrece e entendia. Ponho-me em seu lugar: não ha polonês que esteja tranquilo, quando sua pátria se acha entre a vida e a morte. Mas lembre-se sempre, caro amigo, de que não partiu para definhar, senão para aperfeiçoar-se na arte e tornar-se o consôlo e a glória de seu país e de sua família."

Em 20 de julho partiu a carruagem. E, por Salzburgo, alcançou Munich, onde estacionou algumas semanas. Depois, retomou o caminho e chegou a Stuttgart, recebendo aí a notícia, em 8 de setembro, da tomada de Varsóvia pelos russos. Sob o choque desta horrível notícia, foi para o piano, e sua mágua estalou num improviso dilacerante.

Foi o primeiro esbôço do *Estudo em dó menor* (n.º 12 da op. 10), que se denomina *A Revolução* — "Que mudança! Que angústia! Quem o poderia prever?" — escrevia êle algumas semanas mais tarde. Estas palavras parecerão, talvez, um tanto fracas. Mas Chopin não as queria nem grandes, nem fortes. A emoção sempre teve nele uma tonalidade moderada. Todavia, em seu caderno de apontamentos, dá expansão às imprecações: "Os bairros incendiados; Matuszynski e Titus assassinados, sem dúvida!... Paskewitch, e êste cão de Mohilew apoderam-se da querida cidade. Moscou domina o mundo! Oh! Meu Deus! Onde estás? Aí estás e não te vingas? Não estás satisfeito com os massacres moscovitas? Ou então... então... serás tu também, enfim, um moscovita?"

E o jovem exilado não se apercebia de que viria a ser, segundo a bela metáfora de Paderewski, o genial contrabandista que, nas páginas de sua música, faria voar por cima das fronteiras o polonismo proibido; o sacerdote que traria aos poloneses, na debandada, o sacramento da pátria.

VI

"Não sei se haverá no mundo cidade onde se encontrem mais pianistas que em París"

Quando o carro que conduzia Chopin transpôs as portas de París, o jovem músico trepou para a boléa, ao lado do cocheiro. Não sabia onde pôr os olhos, se nos monumentos, ou na multidão, tão densa, que se poderia julgar uma nova revolução. Entretanto, nada mais que a alegria de reviver atirava essa multidão para a rua, forçando os cavalos a irem a passo. O cocheiro reconhecia, como ninguém, os trajes simbólicos dos senhores burgueses, e designava-os a seu companheiro de viagem. Cada partido político ostentava seus distintivos. "A Escola de Medicina" e os "Jovem-França, distinguiam-se pela barba e pelas gravatas. Os "carlistas" vestiam coletes verdes; os "republicanos", coletes vermelhos; os "saint-simonianos", coletes azues. Muito se orgulhavam da sobrecasaca "à proprietaria"" que lhes caia até os tornozelos. Viam-se artistas fantasiados de Rafael, cabeleira até os ombros, e chapéus de abas largas.

Outros, à moda da Idade Média. Numerosas mulheres trajadas de pagens, de mosqueteiros, de caçadores. E nesse torvelinho, vendedores brandiam suas brochuras: "Comprai *A arte de conquistar amores e de os conservar.* Procurai *Os amores dos padres.* Comprai *O Arcebispo de Paris e a senhora duquesa de Berry*"

A princípio, Frederico ficou um tanto escandalizado com essas coisas. Mas logo foi agradàvelmente surpreendido por um grupo de jovens, que desfilava, gritando: Viva a Polônia! "E' em hora ao General Ramorino, êsse italiano que se empenha em libertar do tacão russo os nossos irmãos poloneses" — explicou o cocheiro. Foi preciso parar, afim de que o povo passasse. Depois, chegando ao pôsto de muda, Chopin desceu, e fez transportar a bagagem para um cabriolé, que o conduziu a uma agência de alojamento, onde lhe indicaram duas salas no quarto andar do Boulevard Poissonnière n.º 27.

Aí êle se sente bem porque suas janelas dão para um balcão, de onde se podem ver, enfileirados, os boulevards. A longa perspectiva de árvores limitadas por duas filas de casas, deslumbra-o. "E' lá em baixo, — pensa êle, — que se escreve a história de França." A pequena distância, na rua do Inferno, Chateaubriand redige suas Memórias, e escreve: "Quantos acontecimentos se desenrolaram em frente a minha porta!... Mas, depois do processo de Luiz XVI, e das insurreições revolucionárias, tudo é insignificante em matéria de

julgamento e de insurreição." E ao mesmo tempo, uma daquelas mulheres de vestes burguesas, em sua mansarda, compõe romances que assina com o nome de George Sand, e exclama: "Viver, como é suave! Como é bom, apesar dos desgostos, dos maridos, do tédio, das dívidas, dos pais, dos mexericos; apesar das dores pungentes e das fastidiosas intrigas! Viver, é inebriante! Amar, ser amada! E' a felicidade, é o Céu!"

No dia seguinte à sua chegada, Frederico mergulha na multidão e embriaga-se de solidão, que é mais completa aquí do que no fundo das florestas da Alemanha, e lhe proporciona ao mesmo tempo excitações e receios. Deixa-se levar ao sabor da onda humana, até que, súbitamente, esta engrossa, se organiza e Chopin se vê transportado por uma coluna compacta que desfila de bandeira à frente para aclamar Ramorino. Então, tomado de verdadeiro medo, desembaraça-se dela e volta para casa, por caminhos afastados, sobe até seu balcão e assiste do alto a essa tempestade de entusiasmo. As lojas se fecham, um esquadrão de hussardos chega a gálope e varre a populaça que assobia e vaia os soldados. Até alta noite é uma algazarra que parece motim. E Chopin escreve a Titus: "Nem te posso dizer a impressão desagradável que me produziram os gritos horríveis dessa turba descontente."

Decididamente, êle não tolera barulho, nem multidão. A política não foi feita para êle

Música, música, único derivativo possível, porque é o único método de pensar pelo sentimento. "Aquí mal se pode aprender o que seja o canto. Com excepção de Pasta, creio que não ha na Europa maior cantora que Malibran-Garcia."

Passa as noites na Academia Real ou na Ópera Italiana. Véron dirige a Academia, onde Habeneck rege a orquestra. Nos *Italianos*, são Rossini e Zamboni. Tem ocasião de ouvir Lablache e a Malibran no *Barbeiro de Sevilha*, depois em *Otelo* e em *A Italiana em Argélia*. E, movido pela satisfação, escreve de novo a Titus: "Não podes fazer uma idéa de Lablache. Alguns dizem que a voz de Pasta está enfraquecendo, mas nunca ouvi em minha vida voz tão divina. Malibran percorre a extensão de três oitavas; no gênero, seu canto é único, encantador. Ela personifica Otelo, e a Schroeder-Devrient, Desdemona. Malibran é pequena, e a alemã muito maior. Às vezes, parece que Desdemona vae estrangular Otelo."

Chopin traz uma carta de recomendação a Paër, que o põe em relações com Cherubini, Rossini, e o pianista Kalkbrenner, então mais famoso que qualquer outro. Com o coração palpitante, vai procurar em sua casa êste mestre incontestável. Era um homem frio e compassado, com atitudes de diplomata, olhar inquieto. Dava-se ares de fidalgo, era sem dúvida muito polido, mas, sem dúvida, muito pedante. Diz Marmontel que sua técnica era segura, harmoniosa, de uma perfeita igualdade, e causava mais encanto que admiração; que

sua mão esquerda era de um vigor singular e que êle tocava sem a menor agitação da cabeça, nem do corpo, num estílo nobre e de grande escola. "Um gigante, — diz Chopin — que esmaga toda a gente, inclusive a mim." O jovem artista admira em Kalkbrenner sobretudo o purista, o homem que, ao piano, fala a língua de Cícero.

O mestre e o desconhecido executam, um diante do outro, vários trechos. Ao terminar Chopin seu *Concêrto em mi menor,* disse-lhe Kalkbrenner: "O senhor tem o estilo de Cramer e o toque de Field", o que é indubitávelmente o elogio mais belo que pôde achar. E, farejando neste discípulo inesperado o grande homem de amanhã, explica-lhe suas falhas, faz ressaltar sua ausência de método, dá mesmo alguns traços a lapis no *Concêrto.* Tenta decifrá-lo, mas, se o consegue na primeira parte, esbarra desde o princípio da segunda, em dificuldades intransponíveis, pois a técnica era absolutamente nova. Todavia, afirma com solenidade que três anos de estudo sob sua direção farão de Chopin um novo chefe de escola. Frederico sente-se acabrunhado. Ainda três anos de estudo! Que dirá sua família? "Entretanto, submeter-me-ei, — pensa êle, — com tanto que tenha a certeza de dar um grande passo para a frente." Mas, voltando para casa, dissipa-se a dúvida. "Não, não serei uma copia de Kalkbrenner... Não, êle não destruirá em mim esta aspiração — audaciosa, concordo, mas nobre — *de me criar um mundo novo.*"

Um quarto de século antes de Wagner, já se nota neste rapaz de vinte anos a certeza de um destino idêntico.

Agradeçamos ao sr. Nicolau Chopin por ter conservado a confiança em seu filho. "Mas, meu bom amigo, — lhe escreve êle, — não se concebe que, com as aptidões que êle diz ter notado em ti, julgue serem ainda necessários três anos de trabalho, debaixo de suas vistas, para fazer de ti um artista e te dar uma escola. Sabes que fiz tudo que dependeu de mim para secundar tuas inclinações e desenvolver teu talento, e que jamais te contrariei em nada. Sabes também que o mecanismo da técnica pouco tempo te tomou, e que teu espírito trabalhou mais que teus dedos. Se outros têm passado dias inteiros a mexer no teclado, tu raramente passaste uma hora toda a executar obras alheias... O gênio se faz notar num relance, aos entendidos, mas o que êstes não vêm é o ponto em que reside a genialidade."

Mais notável, porém, é a carta de sua irmã Luiza, que correu à procura de Elsner, para lhe comunicar o embaraço em que se abismara a família. E o velho mestre, bem como a irmã, logo vislumbraram na proposta do *virtuose* um cálculo interesseiro.

Então, lhe responderam êles, que tinham o coração franco, e que tinham fé: "Elsner não ficou contente e exclamou: "Eis aí já a inveja! Três anos!" Abanou a cabeça, e acrescentou: "Conheço Frederico: êle é bom, mas não tem amor próprio, nenhuma vontade de progredir: fàcilmente é dominado. Escrever-lhe-ei

dizendo como compreendo tudo isso." Com efeito, esta manhã trouxe uma carta, que te envio, e continuou a falar conosco sôbre o assunto. Nós que julgamos os homens pela simplicidade de nosso coração, pensavamos que Kalkbrenner fôsse o homem mais honesto do mundo; mas Elsner não foi absolutamente da mesma opinião e disse: "Êles reconheceram um gênio em Frederico e já receiam ser destronados por êle. Por isso, querem retê-lo três anos em suas mãos, para obstar o que a natureza por si mesma faria desabrochar." Elsner não quer que imites, e exprime-se muito bem, dizendo: "Toda imitação não vale o original." Desde que imites, deixarás de ser original e, embora sejas muito jovem, tuas concepções podem ser melhores que as de muitos outros... Demais, Elsner não quer vêr em ti apenas um concertista, um virtuoso célebre, o que é mais fácil e de menor valor, mas quer ver-te atingir o fim para o qual a natureza te impele e para o qual te formou. O que o irritou em extremo foi, como disse êle, essa ousadia, essa arrogância de meter o lapis na partitura, depois de a percorrer, para cortar certas passagens, sem jamais ter ouvido o *Concêrto* com todo o efeito de orquestra. Disse que seria outra coisa, quando escrevesses um concêrto, aconselhar-te a fazer o *Allegro* mais curto; mas, forçar-te a riscar o que está escrito é que não lhe pode perdoar. Elsner comparou isso a uma casa, da qual se quisesse, depois de construida, suprimir uma coluna julgada supérflua e se mudasse tudo, destruindo o que parecesse mau. Penso que Elsner tem razão,

quando afirma que para ser superior é preciso ultrapassar não só os mestres, como também os contemporâneos. Pode-se muito bem ultrapassá-los, imitando-os, mas isto será seguir-lhes o caminho. E êle assegura que tu, que agora sentes o que é bom e o que é melhor, deves traçar tua própria diretriz. Teu gênio te guiará. Ainda uma coisa, disse êle: "Frederico tirou de sua terra natal esta particularidade: o ritmo — como dizer? — que o torna tão mais característico e mais original, quanto são nobres suas concepções." Êle gostaria que isso permanecesse em ti. Não compreendemos todas essas coisas como tu, meu caro Fritz, e não damos conselho algum: mandamos-te simplesmente nossas observações."

E' bela esta carta. Sem literatura, mas atinge o fundo. Frederico seguiu os conselhos e preferiu ficar *êle mesmo*, custasse, embora, um prolongado esfôrço. Entretanto, Kalkbrenner teve a virtude de não se zangar, vendo que êste discípulo de escol não se tinha deixado convencer. Sua amizade persistiu. O proprio Kalkbrenner o apresentou aos diretores da famosa casa Pleyel. Chopin ligou-se a outros artistas, especialmente Hiller, pianista, compositor e musicografo, e Franchomme, célebre violoncelista, que o ajudaram a organizar seu concêrto de estréa, realizado a 26 de fevereiro de 1832, no salão Pleyel.

Frederico tinha-o preparado com um zêlo minucioso, em meio de incessantes dificuldades. Foram recrutados cinco violinistas, entre os quais Urban, amigo

de Liszt e Baillot, que deviam tocar o *Quintetto* de Beethoven; as senhoritas Tomeoni e Izambert, para o canto; Kalkbrenner, Stamati, Hiller, Osborne, Sowinski e Chopin executariam uma *Grande Polonaise* a seis pianos, composta por Kalkbrenner; depois, Chopin tocaria seu *Concêrto em fá menor* e as *Variações* sôbre o *la ci darem* de Mozart. A *Grande Polonaise* inquietava-o. "Não é uma idéa maluca? — escrevia êle a Titus. — Um dos pianos de cauda é enorme, é o de Kalkbrenner; o outro, pequeno, é o meu." Êle não era amigo de ostentação. Demais, os concêrtos perante o público sempre lhe eram odiosos. Assim, na noite de 26 de fevereiro, viu-se subir para o estrado um jovem muito pálido, cuja atitude denunciava menos uma inspiração teatral que um sincero tédio.

A sala não estava ocupada senão pela metade e contavam-se sobretudo poloneses, críticos e musicistas. Via-se, na primeira fila, o rosto belo e regular de Liszt. Fez-se profundo silêncio, quando Chopin deslizou sôbre o teclado suas primeiras carícias. Do piano elevou-se então uma voz que ninguém jamais ouvira. Cada qual, entretanto, percebia o grito de seu *eu* mais íntimo.

Não eram descrições, nem comentários brilhantes, mas o simples canto da vida, a confidência autêntica, a palavra essencial do coração. Por meio daquela delicada justeza, — que é o poder dos puros — Chopin transportou êsse auditório de entendidos. Liszt, pessoalmente, cujos "aplausos mais redobrados não bastavam para exprimir o entusiasmo", viu nele a revelação

de "uma nova fase do sentimento poético, ao lado de felizes inovações na forma da arte". Deu-lhe desde essa noite sua calorosa amizade. Fétis, crítico rigoroso, mas ponderado, declarou: "Eis um jovem que, abandonando-se às próprias inclinações naturais, e não tomando modêlo algum, encontrou, senão uma completa renovação da música de piano, pelo menos uma parte do que em vão se procura ha tanto tempo: uma abundância de idéas originais, cujo tipo não se acha em parte alguma."

Chopin aceitou êstes elogios sem orgulho, como sem falsa modéstia, pois era destituido de toda vaidade. Fizeram-se as contas da receita: chegou apenas para cobrir as despesas. Mas isto era pouco, em comparação a outra decepção: o público francês não comparecera. Assim, falhara o objetivo que o artista visava. Quando voltou a seu quarto, perto de meia-noite, imaginou que o destino havia pronunciado contra êle uma sentença desfavorável, e concebeu o projeto de partir para a América.

Não possuia quasi dinheiro. Suas relações continuavam a ser pouco numerosas e limitavam-se a uns poucos artistas e compatriotas. Ah! Como era feliz Meyerbeer, que acabava de fazer representar seu *Roberto o Diabo*, mina de ouro e de glória! E êle confessa a Titus:

"A sorte aquí me conduziu. Aquí se respira suavemente, é verdade. Talvez, porém, se suspire mais ainda. París é tudo que desejarias que fôsse. Aquí

podes divertir-te, aborrecer-te, rir, chorar, fazer o que bem entenderes, sem que ninguém te gratifique com um olhar. Cada um segue exclusivamente seu caminho. Não sei se haverá no mundo cidade onde se encontrem mais pianistas que em París, mas onde também existam mais burros e virtuosos. Ah! como desejaria que estiveses ao pé de mim! Se soubesses como é triste não poder aliviar a alma! Aprecio bastante o convívio dos homens. Entro fàcilmente em relações, e por isso estou cumulado de amizades; mas não ha ninguém, ninguém, que me possa compreender. Meu coração, por assim dizer, é sincopado, o que me desgosta. Desejaria uma pausa — a solidão — e que durante o dia todo, ninguém me visse, nem me dirigisse a palavra. Detesto sobretudo ouvir tilintar minha campainha, enquanto escrevo."

Muito tilintava, porém, essa campainha, e tocada exatamente pelo peor dos maçantes: o importuno, terrível e ridículo Sowinski. "Entra êle diretamente em minha casa. E' qualquer coisa de enorme, de possante, que usa pequenos bigodes. Senta-se ao piano e improvisa sem saber porque. Martela, bate, cruza as mãos, sem tom nem som, a demolir o teclado durante cinco minutos, a mais não poder. Tem dedos enormes, feitos, antes para manejar as rédeas e o chicote nos confins da Ukrania. Não tem outros predicados além do bigodinho e de um bom coração. Quando nos veremos de novo? Talvez nunca mais, pois te asseguro que minha saúde é miserável. Aparentemente estou bem

disposto, mas interiormente me sinto acabrunhado. Sombrios pressentimentos, agitações, insônia, nostalgia, indiferença para tudo. Alegria de viver, e, logo em seguida, o desejo da morte..."

Outros amigos vão e vêm, rodeando o pequeno apartamento de Chopin: Alberto Grzymala, o conde Plater, Liszt, Berlioz, que chega de Roma com grandes projetos, exilados poloneses. Mas, dinheiro, quasi não o tem toda esta gente, e Frederico, apesar dos "pequenos reforços" que lhe manda o pai, vê esgotarem-se-lhe os recursos.

Quanto ao amor, é um luxo em que nem é bom pensar. A lembrança de Constance apaga-se desde que Isabel anuncía ao irmão o casamento da infiel: "Fico assombrada de como possa ser assim insensível. Bem se vê que um belo palacete lhe era uma atração muito mais forte. Ah! sentimento era coisa que não havia sensão em seu canto." Mas a castidade é própria do pobre, e o gôzo é uma palavra que Chopin não compreende sequer.

Entretanto, uma mulher bonita e moça mora no andar de baixo. Encontram-se na escada, sorriem-se. Algumas vezes se falam. Ela ouve de seu quarto os apaixonados acordes criados — para quem? — por êsse lindo anjo masculino. Um dia lhe diz ela:

— Venha à minha casa, uma noite. Tantas vezes estou só, e adoro a música.

Còrando, porém, êle recusa. Mas, em seu quarto húmido, diante do papel, um lamento se lhe escapa: "Teria lá encontrado um fogão e um pouco de calor. Seria tão bom aquecer-se..."

VII

Anos felizes, anos de trabalho

"Amanhã, — escrevia a seus pais, — amanhã cruzarei os mares."

Atravessando os boulevards encontrou Chopin o príncipe Valentin Radziwill.

Esta família Radziwill parece ter tido uma singular influência na vida de Chopin. Que admiráveis paralelos se poderiam fazer, comparando êste encontro a tantos outros, em que um papa, um rei, um grande senhor ou algum rico lavrador, modificaram num instante a fortuna de um artista aparentemente condenado ao aborto de seu gênio! Dir-se-ia que ha entre a arte e a opulência secretas e inconcientes fecundações.

Nunca pareceu Francisco I tão bem inspirado como ao pagar as dívidas de Clement Marot, ou ao acolher Da Vinci nos terraços d'Amboisse; nem Julio II mais simpático do que quando trepou nos andaimes de Miguel Ângelo; nem Elizabeth de Inglaterra tão inteligente como ao encomendar a Shakespeare *As alegres comadres de Windsor;* e não é lembrado o superintendente Fouquet senão pelo facto de haver hospedado

La Fontaine. Se êstes príncipes tivessem ditado pessoalmente suas biografias, talvez não mencionassem atitudes tão medíocres.

Igualmente, êste Radziwill não cuidava adicionar a sua vida uma gota de mérito, quando, encontrando seu lastimável compatriota nos boulevards, lhe propôs levá-lo essa noite mesmo a casa do barão de Rothschild. E', entretanto, dêste displicente convite que data a glória de Chopin.

Recebia o barão a sociedade mais requintada.

Pedem a Chopin que toque, e êle executa de boa vontade. Num instante, conquista êle a elegante assistência e, desde o dia seguinte, é assediado por convites e pedidos de lições. A Marechala Lannes, a princesa de Audemont, o conde Apponyi, o principe Adam Czartoryski arvoram-se em seus protetores. As lições que dá não custam menos de vinte francos a hora. Muda-se de casa duas vezes e instala-se finalmente no n.º 5 da Chaussée d'Antin. Começa-se a falar em quasi toda a parte dêste poéta que, à noite, nos raros salões onde consente tocar, povoa a penumbra com uma assembléa de fadas, ao que chamava êle "contar pequenas histórias musicais". Eram contos variados ao infinito, pois era sobretudo improvisando que êle revelava seu valor. O inacabado dêsses esboços abria na imaginação alamedas onde o espírito se ia perder. Chopin possuia em alto grau êsse poder de sugestão, que é o mais precioso dom do artista. Conversava consigo mesmo, não concluia, e deixava a seus ouvintes o prazer de ter

vestido de notas, por um instante, formas e sentimentos que em seguida se dispersavam no nada. "Ninharias divinas" — dizia Berlioz ao ouví-las. "Garôa amorosa, rosa de inverno" — dizia Liszt. "Pela porta maravilhosa — acrescenta — Chopin fazia entrar num mundo em que tudo é milagre encantador, surpresa louca, miragem realizada. Mas era preciso ser iniciado para saber como transpor os umbrais." E Frederico, uma vez, confessa a seu amigo Franz:

— Não sirvo para dar concêrtos. A multidão me intimida; sinto-me asfixiado por êsses hálitos precipitados; paralisado por êsses olhares curiosos. Emudeço ante essas fisionomias estranhas. Mas tu, tu és votado para isso; pois, quando não conquistas teu público, tens com que esmagá-lo.

Chopin não, não tinha fôrça para tanto; quando muito, poderia conquistá-lo. De resto, porém, era bem isso que êle visava! Interessava-lhe tão pouco o público! Era seu próprio mal que êle cantava, e encantava. Não gostava de se exprimir por intermédio dos outros e, com exceção de Bach, Beethoven e Mozart, não interpretava senão a si mesmo.

Para Chopin, como para Wagner mais tarde, só o supérfluo era necessário. O dinheiro, que agora lhe vinha com certa abundância, consumia-se em prazeres poéticos: um bonito cabriolé, roupas de corte impecável, luvas brancas, ceias caras. Cuidava do mobiliário de seu aposento, instalava lustres de cristal, tapêtes, prataria, queria flores em todas as estações. E quando

vinham suas novas amigas: a condessa Delfina Potoçka, a princeza Marcelina Czartoryska, a senhorita O'Meara, a princesa de Beauvau, a regra era que trouxessem uma rosa, ou orquídeas, que o artista colocava num vaso e contemplava indefinidamente, como um japonês se embevece ante uma estampa antiga.

Anos felizes, anos operosos. Chopin compõe uma parte sólida de sua obra. Em 1833, publica cinco *Mazurkas*, o *Trio* para piano, violino e violoncelo, três *Noturnos*, os doze grandes *Estudos* dedicados a Liszt, o *Concêrto em mi menor*. Em 1834, a grande *Fantasia* sôbre árias polonesas, a *Krakoviak* para piano e orquestra, três outros *Noturnos*, o *Rondo em mi bemol maior* dedicado a Carolina Hartmann, quatro novas *Mazurkas*, a *Grande valsa em mi bemol maior*. Suas obras são tocadas em muitos concêrtos pelos mais célebres virtuosos. Liszt, Moscheles, Field, Kalkbrenner e Clara Wieck.

Dizia Field: "Um talento de quarto de enfêrmo", e Auber: "Êle agoniza a vida inteira". Com efeito, apesar dêstes êxitos, Chopin continua ferido de nostalgia, e um dia que seu discípulo e amigo Gutmann tocava o terceiro *Estudo* em mi maior, Chopin, que dizia nunca ter escrito melodia mais bela, exclama sùbitamente: "Oh! minha pátria!" Realmente, para êste jovem de vinte e quatro anos, a terra natal é sempre a mais profunda paixão. Êle incorporava uma dor dantesca a êste nome de Polônia, mais forte para seu coração, que o apêlo de uma mulher. Deve ser bem pro-

fundo êsse mal, para que Orlowski, escrevendo aos seus, a êle se refira como a uma enfermidade consuntiva. "Chopin vai muito bem e vigoroso — diz êle. — Despreza todas as mulheres. Os homens têm ciúme dêle. Está na moda. Sem dúvida, logo usaremos luvas à Chopin. Mas a saudade da pátria o consome." E' que a Polônia permanecia sua fonte viva, a cisterna de onde extraía imagens e sentimentos, o ritmo eficaz, o gerador em suma, de suas energias. A inspiração é um acaso apanhado em pleno vôo. Mas a arte não se acha oculta nela, como a pomba no chapéu do prestidigitador.

Talvez, pelos ímpetos da mocidade, não nos ensine a vida mais do que um perfeito conhecimento de nós mesmos, a vista exata de seus limites e modalidades. Escrevia o marquês de Custine a Chopin: "Quando te escuto, creio-me sempre a sós contigo, e talvez melhor que contigo! Ou, pelo menos, com o que ha de melhor em ti."

*
* *

Na primavera de 1834, Chopin vai, com seu amigo Hiller, ao festival de música de Aix-la-Chapelle. Aí encontram Mendelssohn, que se toma de afeição pelo polonês, e não se cansa de ouví-lo tocar. Proclama-o o primeiro dos pianistas, mas reprova-lhe, bem como a Hiller, essa mania parisiense de se fazerem passar por desesperados. "Eu — diz êle — tenho todo o aspecto

de um *magister*, ao passo que êles se assemelham aos pedantes e aos incríveis."

Por Dusseldorf e Colônia, voltam ambos a París, onde Chopin tem a felicidade de rever e hospedar seu amigo Matuszynski, que acabara de ser nomeado professor da Escola de Medicina. Neste período, que foi o de maior serenidade, até sua discreta glória, pôde Chopin reunir o prazer do convívio quotidiano com um de seus "irmãos". Mais do que habitualmente, se expande êle, recebe em sua casa, aparece em público. A 7 de dezembro, no Teatro Italiano, exibe-se num concêrto organizado por Berlioz, em benefício de Henriette Smithson, atriz inglesa, com quem se casara recentemente. No dia de Natal, na sala Pleyel, executa a dois pianos, com Liszt, um "duo" composto por êste sôbre um tema de Mendelssohn. A 15 de fevereiro de 1835, participa de um concêrto, nos salões de Erard, e a 4 de abril, toca em benefício dos exilados poloneses. Berlioz escreve no *Rênovateur*: "Chopin, como executante e como compositor, é um artista à parte. Não conheço nenhum outro musicista, com quem tenha êle um ponto de contacto. Infelizmente, não ha outro além de Chopin, que possa tocar sua música e dar-lhe êste sentido original e êsse imprevisto que é um de seus principais encantos; sua execução é marmorizada de mil matizes de movimento, cujo segrêdo só êle possue, e que não se poderia mesmo descrever... Ha detalhes incríveis em suas Mazurkas; e ainda logrou êle torná-las duplamente interessantes, executando-as com o último

grau de doçura, no superlativo do *piano*, tangendo apenas as cordas com os martelos, de tal maneira, que se tem a tentação de aproximar-se do instrumento e apurar o ouvido, como se faria num concêrto de duendes e sílfides."

Mas a multidão dá sempre sua preferência ao brilhante, e Chopin, julgando que não lhe tivessem concedido o acolhimento que esperava para seu *Concêrto em mi menor*, queixa-se de que não é compreendido, nem foi feito para concertos, e decide não se exibir por muito tempo. Entretanto, mais uma vez tocou em público, em 26 de abril de 1835, no Conservatório, única vez que apareceu nesta sala ilustre, onde executou sua *Polonaise brilhante*, precedida de um *Andante Spianato*.

Para êsses pequenos contratempos profissionais, buscava consôlo na amizade do italiano Bellini, com quem frequentemente se avistava, e para quem o atraía uma viva simpatia, e, também, em sua inclinação por uma formosura célebre: a condessa Delfina Potoçka.

Tinha vinte e cinco anos, porte majestoso, nariz de desenho delicado, a boca mais apaixonada, fronte alta e pensativa das autênticas voluptuosas. Todo o seu porte evocava uma deusa esbelta e poderosa, mas o que nela havia de luxurioso era amortecido pela serenidade do olhar.

Miçkiewicz dizia que era "a maior das pecadoras", e Krazinski interpelava-a num poema, como fazia Mefisto: "Oh! tu! Fica, pois tu és a verdadeira be-

leza." Frederico deixou-se envolver pela irradiação sensual dêste belo animal amoroso. Pela primeira vez lhe girava a cabeça. A voz suntuosa de Delfina encantava-o. Acompanhava-a ao piano, esmerava-se em ressuscitar-lhe a alma, em desabrochá-la, espreitava possíveis vibrações pelo belo; mas a alma estava sepulta naquela carne imperial. Algumas vezes, porém, parecia saír da letargia, expandir-se numa nota admirável brotada do fundo do mais inconciente de si mesma, para logo, entretanto, os gritos, as risadas, as exigências desta histérica arrebatadora apagarem êsses lampejos. E como o amor platônico para o qual Chopin tendia dirigí-la parecesse à Delfina cômico e impossível, ela se lhe entregou mesmo antes que êle pensasse em pedir-lho.

Durou pouco a aventura. A condessa tinha um marido ciumento, que a levou para a Polônia, de onde só voltou muito mais tarde. Mas sempre conservou por Chopin uma afeição sincera. As únicas linhas que se encontraram dela ao artista, fornecem um testemunho fiel.

"Não te aborrecerei com uma longa carta, mas não posso ficar mais tempo sem notícia de tua saúde e de teus projetos. Estou triste, sentindo-te abandonado e solitário... Aquí, meu tempo corre de maneira fastidiosa; desejo não ter ainda outros dissabores. Estou saturada deles. Todas as pessoas a quem fiz o bem, me têm pago com ingratidão. Em suma, a vida não

passa de uma imensa dissonância. Deus te abençoe, caro Chopin. Até logo."

Uma imensa dissonância, assim já falava Liszt. Ha nestas carnes atormentadas uma invencível atração pelas mais suaves harmonias, pelo menos nestes seres — homens ou mulheres — em que o feminino empolga. Tal não é, porém, o caso de Chopin, cuja obra musical sempre é varonil. Êle teria subscrito estas palavras de Beethoven: "A emoção só é própria das mulheres; quanto ao homem, deve a música tirar-lhe fogo do espírito"; e mais ainda, talvez, estas outras do poéta João Paulo Richter, citadas por Schumann: "O amor e a amizade passam por êste mundo com um véu na fronte, os lábios cerrados: nenhum sêr humano pode dizer a outro como é que o ama; apenas sente que o ama. O homem interior não tem linguagem: é mudo."

VIII

Maria Wodzinska e o "crepúsculo"

No verão de 1835, soube Chopin que seus pais iriam impreterìvelmente fazer uma estação de cura em Carlsbad, e resolveu logo antecipar-se a êles. Os sentimentos que o ligavam aos seus continuavam a ser os mais vivos. Quando os encontrou, após cinco anos de ausência, escreveu a suas irmãs, que ficaram em Varsóvia, com transportes que se julgariam de amante alvoroçado.

"Nossa alegria é indescriptível. Não fazemos outra coisa que nos abraçar, — e haverá maior felicidade? Que pena é não estarmos todos juntos! Como Deus é bom para nós! Escrevo desordenadamente: hoje mais vale não pensar em coisa alguma e gozar a felicidade que alcançamos. E' o único bem que hoje possuo. Nossos pais não mudaram: sempre os mesmos; apenas envelheceram um pouco. Passeamos conduzindo a Mãezinha pelo braço. Bebemos e comemos juntos. Acariciamo-nos e censuramo-nos. Acho-me no cúmulo da felicidade. São os mesmos hábitos, os mesmos costumes em que eu crescí; é aquela mão mesma que ha

tanto tempo eu não beijava... e eis que se realizou esta ventura, esta ventura, esta ventura!"

De sua parte, o pai e a mãe não acham o filho absolutamente mudado. E' uma alegria inesgotável, mas breve, como um prefácio cheio de emoções profundas.

Realmente, Frederico é convidado para ir a Dresde, à casa de seus amigos Wodzinski, e já sente êsses frêmitos anunciadores, êsse receio estranho, êsses pressentimentos fisiológicos que avisam nosso sêr interior das concepções iminentes do amor.

Chopin tivera como companheiros, na pensão de seu pai, os três irmãos Wodzinski, e conhecia, desde a infância, sua irmãzinha Maria. Esta família de grandes proprietários de terras se transferira para Genebra, afim de educar as crianças e aí viver durante os anos da revolução polonesa. Tinham-se instalado, a princípio, numa casa da praça Santo António, e depois numa *villa* à beira do lago, onde não tardou em agrupar em redor de si a flor da sociedade de Genebra e da colônia estrangeira. Encontravam-se com familiaridade, em seus salões: Bonstetten, Sismondi, senhorita Saladin de Crans, o príncipe Luiz Napoleão e a rainha Hortência.

Maria tinha dezenove anos. A gota de sangue italiano que lhe corria nas veias (pelos Orsetti, vindos de Milão à Polônia, com Bona Sforza, a noiva de um dos últimos reis da dinastia dos Jagelões), esta gota fizera-a morena, viva, de grandes olhos negros, e uma boca polpuda, cujo sorriso, no dizer de um poéta, era de uma volúpia inefável. Alguns a proclamavam feia;

outros, arrebatadora. E' que, naquele rosto meio eslavo, meio florentino, tudo derivava da expressão. "A filha morena de Euterpe" — dizia dela o príncipe Napoleão, que gostava de ouví-la ao piano, enquanto fumava seu charuto na praça Santo António. De facto, Maria cultivava toda a sorte de prendas — piano, canto, composição, bordado, pintura — sem querer, ou sem poder fixar suas preferências. O que dela emanava de mais impressionante, era o encanto, a acção profunda talvez inconciente, de um temperamento exuberante. Desde os quatorze anos fôra amada apaixonadamente. Intencionalmente usava de seu poder sôbre os homens, perturbando-os com faceirice. Imaginação rápida, memória fiel.

Tal a companheira de infância que Chopin vai rever em Dresde, onde a familia Wodzinski se estabeleceu por algum tempo. Frederico sente-se mais curioso que emocionado com encontrá-la de novo. Chega a perguntar a si mesmo se não se trata de um simples interêsse musical, pois Maria fôra uma de suas discípulas. Por vezes, ela ainda lhe mandava alguma de suas composições. Ha poucas semanas mesmo, não lhe havia retribuido uma dessas remessas, enviando-lhe por sua vez uma página de música? "Tendo que improvisar num salão daquí, na mesma noite em que o recebí, tomei por motivo o lindo tema de uma certa Maria, com quem, outrora, brincava de esconde-esconde... Hoje tomo a liberdade de oferecer à minha prezada colega senhorita Maria, uma valsa que acabei de com-

pôr. Oxalá lhe proporcione ela a centésima parte do prazer que experimentei, tocando suas *Variações.*"

Chega êle, pois, a Dresde; e revê-a. Fica seduzido. Ama-a. Esta cidade, que já visitara duas vezes, apresenta-se-lhe inteiramente nova e encantada. Maria e Frederico passeiam de manhã, cheios de feliz melancolia. Sobem ao terraço de Bruhl, a contemplar o Elba que desliza; sentam-se sob os castanheiros do Grossgarten, quedam-se em êxtase, no museu de Swinger, ante a Madona de Rafael.

Vão juntos visitar aquela grande dama da côrte, que tivera tanto orgulho, alguns anos antes em apresentar Chopin a Sua Alteza de Saxe. À noite, reunem-se todos em família, em casa de um tio de Maria, o palatino Wodzinski, que presidira à última reunião do Senado polonês, antes da tomada de Varsóvia. Exilado, tendo visto confiscar grande parte de seus bens, vive agora o velho em Dresde, cercado de suas estampas, de seus livros, de suas medalhas. Era um homem fino, de rosto liso, com um topete branco na testa. Fizera a guerra, recebera Napoleão em Wilna, e, por fim, caíra prisioneiro em Leipzig, ao lado de Poniatowski agonizante. Seu grave defeito era não tolerar a música. E agora, que se tocava em sua casa todas as noites, observava, com um pouco de mau humor, que sua sobrinha dardejava os olhos faiscantes sôbre êste fazedor de Mazurkas. Desaprovava mais ainda certos suspiros e cochichos que partiam de um canto do salão, onde, diante de toda a gente, se isolava êste par de inseparáveis. Então, tossia alto, endireitava o topete e apostrofava a cunhada:

— Um artista, um pequeno artista sem futuro... Ah! não é o que sonhava para tua filha.

— Duas crianças, — replicava a condessa, rindo. — Uma amizade de sempre.

— Sabe-se lá onde vai dar isso...

— Mas é o menino de casa; tal como António, Félix e Casimiro quando discípulos do professor Chopin. Por que entristecer êste pobre rapaz, tão meigo, tão sensível!

E Chopin continuou, no piano ou nos passeios, seus duetos de amor, a despeito dos sobrolhos reprovadores do palatino, e sob os olhares indulgentes da mãe. Um mês inteiro se desfiou por entre essas novidades amorosas. Depois, foi preciso pensar na partida. Certa manhã de setembro, subiu êle ao salão pela última vez, onde a moça o esperava. Um ramalhete de rosas adornava a mesa. Ela tirou uma e deu-lha. Onze horas soavam no relógio de Frauenkirche. Chopin continuava gelado diante dela, pálido, o olhar ausente. Pensaria talvez nessa morte de si mesmo, que é sempre um adeus tão cheio de futuro; ou escutaria o ritmo de seu sofrimento? Em todo caso, a única expressão de dor que veio à tona, foi um tema de valsa. Sentou-se ao piano, tocou êsse tema, onde vasou todo o clamor de sua solidão. Mais tarde, Maria chamou-lhe a *Valsa do adeus.* E' notável que Chopin, impedido por um pudor invencivel, jamais a tivesse publicado. Contudo, escreveu-a,

recopiou-a e ofereceu-a nesse último dia a sua amiga, com esta dedicatória tão simples: "Para a senhorita Maria, Dresde, setembro de 1835".

Fontana editou-a, após a morte do autor (Obras postumas, op. 69, n.º 1 — *Valsa em lá bemol maior*). Pretende-se ouvir aí "o sussurro de duas vozes amorosas, as pancadas repetidas do relógio, e o rolar de rodas sôbre a calçada, cujo ruído encobre soluços abafados". E' possivel, além do mais, em que pese a Schumann e sua muda linguagem. Como quer que seja, Chopin conservou essa flor que Maria lhe ofereceu. Mais tarde a encontramos, embrulhada e marcada por um sinal daquele para quem a desgraça e o ideal sempre tiveram um perfume de rosa de fim de estio.

*
* *

Regressando, Chopin deteve-se em Leipzig, onde encontrou Mendelssohn, que o conduziu diretamente à casa onde viviam Wieck, sua filha Clara e Roberto Schumann. O pequeno alojamento dos Wieck abrigou nesse dia os três maiores compositores da época.

Ao chegar a París, Chopin enclausurou-se em casa, afim de viver a sós, com o rosto adorado que agora habitava seu deserto. Escrevia e recebia cartas. De uma e outra parte eram pouco ternas, pois não sabiam ambos falar bem senão por música. Mas, qual! Não é necessário que a pena de um amante seja literária,

nem carregada de sentimentos. Ha mesmo os que, por muito exigentes, chegam a desdenhar as palavras tão fatigadas do vocabulário do amor. Aos novatos e aos puros, bastam pálidos matizes para mostrar o coração inteiramente nu. Ouçamos, com o fino ouvido de Chopin, as cartas ligeiras de Maria Wodzinska:

"Ainda que você não goste de receber, nem de escrever cartas, quero aproveitar a partida do senhor Cichowki, para lhe dar noticias de Dresde, desde sua ausência. Vou, portanto, aborrecê-lo ainda mais. Sábado, quando nos deixou, passeava triste, os olhos cheio de água, naquele salão, onde, poucos minutos antes, contavamos ainda com você entre nós. Meu pai voltou adeus. Mamãe, em pranto, nos despertava a cada mais cedo e ficou desolado por não ter podido dizer-lhe instante, uma lembrança "de seu quarto filho" (como diz ela). Félix tinha uma expressão de grande abatimento; Casimiro insistia em fazer seus gracejos, como habitualmente, mas nesse dia não conseguiu, pois fazia de palhaço meio a chorar. Papai zombava de nós, e ria, mas ria ùnicamente para não chorar. Às onze horas, veio o professor de canto; a lição correu mal, pois não podiamos cantar. Você era o assunto de todas as conversas. Félix me reclamava sempre a *Valsa* (última coisa que haviamos recebido e ouvido de você). Isso nos alegrava: a êles, por escutarem, a mim por tocar, pois nos recordava o irmão que acabava de nos deixar. Mandei-a encadernar: o alemão esbugalhou os olhos, quando deparou com uma única folha (não sabia

por quem fôra escrita). Ninguém jantou. Olhava-se a todo o momento para seu lugar habitual à mesa, e também para "o cantinho de Fritz". A cadeirinha continua no mesmo lugar e provàvelmente assim será enquanto ocuparmos êste apartamento. À tarde levaram-nos a casa de minha tia, para nos evitar a tristeza dessa primeira noite de sua ausência. Meu pai foi buscar-nos, dizendo que lhe seria impossível, como para nós, ficar sòzinho naquela casa. Sentimo-nos bem, evitando um lugar que tanto renovava nossa mágua. Mamãe não conversa comigo senão a seu respeito e de António. Quando meu irmão estiver em París, cuide um pouco dêle, eu lhe peço. Se você soubesse que amigo dedicado alí está! Um amigo como êle é raro encontrar. António tem o coração excelente, talvez demais, pois é sempre logrado pelos outros. De resto, é muito negligente, nunca pensa em nada, ou pelo menos, raramente... Quando, por um milagre, tiver desejo de escrever: "Como vão vocês? Eu passo bem. Não tenho tempo para escrever mais", acrescente, por favor, *sim* ou *não* à pergunta que lhe vou fazer: foi você que compôs *Se eu fôsse lá no alto um pequeno sol, para ninguém mais, senão tu, quereria brilhar?* Recebí um dêstes dias e não tive coragem de cantar, pois, se isso é seu, receio que se transforme por completo, como, por exemplo, *Wojak*. Não nos cansamos de lamentar que você não se chame Chopinski, ou enfim que não haja outro indício de que você seja polonês, pois, assim, os franceses não nos poderiam

disputar a glória de sermos seus compatriotas. Mas, estou-me alongando muito. Seu tempo é tão precioso, que é verdadeiro crime obrigá-lo a ler minhas garatujas. Aliás, com certeza, você não a irá ler inteiramente. A carta da pequena Maria será relegada para um canto, uma vez lidas algumas linhas. Assim, não terei a censurar-me o furto de seu tempo. Adeus (simplesmente). Um amigo de infância não pede frases. Mamãe abraça-o ternamente. Papai e meu irmão abraçam-no com sinceridade (não, é muito pouco) com a máxima... Já não sei como o diga eu mesma. Josefina, não tendo podido despedir-se de você, encarrega-me de exprimir quanto ela o sentiu. Perguntei a Teresa: "Que devo dizer de tua parte a Frederico?" E ela me respondeu: "Abraçá-lo bem e mandar-lhe meus cumprimentos." Adeus.

Maria.

P. S. — No momento de subir para o carro, você esqueceu sôbre o piano o lapis de sua carteira. Talvez lhe fôsse êle incomodo em viagem; quanto a nós, aquí o guardamos respeitosamente como uma relíquia. Ainda uma vez, muito obrigada pelo cantarozinho. A senhorita Wodzinska veio procurar-me esta manhã com uma grande descoberta: "Minha irmã Maria, sei como se diz Chopin em polonês: Chopena!"

*
* *

Frederico responde, envia suas músicas e, principalmente, compõe. Inaugura-se o ano de 1836 sob o signo de Maria. Edita o *Concêrto em fá menor* e a *Grande polonaise* para piano e orquestra. Compõe a *Ballada em sol menor*, que é o monumento de seu amor.

Não é deliberadamente que um artista descobre e depois lavra o resíduo de suas experiências amorosas. As alegrias e os sofrimentos, recebe-os, deixa-se trabalhar por êles e só depois do árduo labor das lutas contra si mesmo, do desmoronamento de cada uma de suas ilusões, regado pelas próprias lágrimas, é que pode nascer o precioso pranto do qual ha em si o germe. Desta química obscura, das decepções que pouco a pouco lhe causavam as cartas de Maria, foi que saiu a *Balada em sol menor* (op. 23), no dizer de Schumann, uma das peças mais selvagens e mais pessoais de Chopin. Poderia ter acrescentado: a mais dolorosa e, por isso, a mais apaixonada, pois não ha paixão sem dor. Aqui é a própria paixão que vemos como cruz e cujos clamores ouvimos. Que poderoso instinto de poéta é êsse, de tratar seu mal sob a forma de uma narrativa, como um canto dramático! Pois a *Balada* é, em teoria, um trecho para canto com acompanhamento. E Chopin transpunha sob a forma de legenda o velho mal dos homens, que, pela segunda vez, era seu também. E' por ela, pelo que nos revela dêle, por essa eloquência involuntária, irresistível, de um sentimento único e desventurado, que a *Balada em sol menor* conserva uma

expressão que nos sensibiliza, convencendo-nos de que somos também nós assinalados pelo estigma do amor. Schumann, que o reviu naquele verão em Leipzig, relata as horas encantadas que ambos passaram ao piano. Escutar o visionário era tornar-se o sonho de seu próprio espírito. Nada, porém, era mais penoso que o hábito que tinha Chopin de passar o dedo ràpidamente, de uma ponta a outra do teclado, ao fim de cada peça, como para afugentar à fôrça o sonho que êle mesmo criara.

Particularidade curiosa: no princípio da *Balada*, no último compasso da introdução, em certas edições, se vê um *ré*, evidentemente confundido com um *mi* ulteriormente corrigido. Saint-Saëns escreve, a propósito: "Êste *mi* substituido dá um acento doloroso inteiramente de acôrdo com o carácter da obra. Seria um êrro de gravação? Seria a intenção primitiva do autor? Esta nota determina um acento dissonante, de efeito imprevisto. Ora, as dissonâncias, hoje rebuscadas como preciosas, eram então detestadas. De Liszt, a quem interroguei a êste respeito, só obtive a resposta: "Eu gosto mais do *mi* bemol..." Por esta resposta evasiva, deduzi que Chopin, tocando a *Balada*, fazia ouvir o *ré*. Mas fiquei convencido de que o *mi* bemol tenha sido sua primeira idéa, e que o *ré* lhe fôsse aconselhado por amigos receiosos e mal avisados."

Reproduzo esta circunstância para os que gostam de buscar as fontes, para os que gostam de surpreender

nos corações não só, e sempre, os sons mais suaves, mas os mais verdadeiros. Êstes compreenderão a subtileza.

*
* *

Chopin trabalha, pois, economisa, e prepara-se para rever Maria. Recusa um convite de Mendelssohn, que queria levá-lo a Dusseldorf, para um sarau musical. Recusa-se a Schumann, que, aliás, assina o convite "com amor e adoração". Todas as energias as reserva para a viagem a Marienbad, que, finalmente, empreende no mês de julho de 1836.

Por uma radiosa manhã de verão, Chopin chega ao pé das colinas vestidas de bosques que cercam a pequena estação de águas austríacas, onde o espera a bem-amada. A impressão é tão forte, que êle fecha os olhos como sob o choque de uma dor. Tem o pressentimento de que nesse instante, mesmo antes de a rever, atingiu o cúmulo da sua ventura. Experimenta essa angústia sem razão, causada pelas falsas alegrias que, mal começam a existir, estão findas, vividas e vazias. Entretanto, a fisionomia alvoroçada de Maria o tranquiliza e lhe restabelece a confiança. Mas uma sombra de constrangimento, um modo de ser um pouco mais cerimonioso que no ano anterior, por parte da filha, como da mãe, lhe infundem certa inquietação.

Retoma-se, contudo, a vida íntima, familiar, que tanto o encanta. Dissipa-se a impressão de tristeza.

São passeios por esta região adorável, saraus de música, conversações à noite, descrições de sua vida parisiense, recordações... Frederico brilha com sua habilidade de imitador. Copia os artistas em voga, espanca o teclado com largos gestos de braços e mãos, e vai — como êle mesmo diz — "à caça aos pombos".

Os Wodzinski habitam uma *villa*. No jardim domina uma enorme tília. Às horas cálidas da tarde, Maria e Frederico instalam-se à sua sombra, e ela desenha a carvão o rosto sempre um pouco grave dêsse amigo sempre tão infantil e tão maduro ao mesmo tempo.

24 de agosto, regressam todos juntos a Dresde, cidade amada. Aí passam ainda duas semanas: duas semanas que haviam necessàriamente de resultar num desenlace. Em 7 de setembro, ante-véspera da partida, pergunta Chopin a Maria se aceitava ser sua mulher. Ela consente. Nada mais se sabe, senão que também a condessa dera o consentimento, mas recomendando segrêdo. Era preciso ocultar essa decisão ao pai, que se curvaria, sem dúvida; mas o orgulho de sua raça tornava menos provável um consentimento imediato. De resto, julgava débil a saúde de Chopin. E Frederico partiu, levando essa promessa e seu desespêro. Sabia que o pressentimento de Marienbad não o enganara e já não acreditava na felicidade.

Os Wodzinski, porém, escreveram; sobretudo, a condessa. Maria adicionava pequenos post-scriptum. Eis a primeira carta da senhora Wodzinska:

"14 de setembro de 1836.

Caro Frederico.

Segundo nossa convenção, envio-lhe uma carta... Tê-la-ia expedido já ha dois dias, se não fôsse um dente que mandei extraír depois de sua partida, em virtude do que muito tenho sofrido. Não me canso de lamentar que você tenha partido sábado. Naquele dia sentia-me tão mal, que não me pude ocupar do *crepúsculo,* do que tão pouco falamos.

No dia seguinte, poderia falar dele mais longamente. Mas, diz Girardin: "Em todas as coisas, o dia seguinte é uma grande coisa." Temo-lo, pois, diante de nós. Não pense que vou desdizer o que disse; não, mas era preciso deliberar sôbre o caminho a seguir. Peço-lhe apenas que guarde segrêdo; cuide-se bem, pois tudo depende disso... Lá para o dia 15 de outubro, estarei em Varsóvia. Verei seus pais e suas irmãs; hei de lhes dizer que você passa bem e está de excelente disposição; todavia, não falarei do *crepúsculo*... Adeus; deite-se às onze horas, e até sete de janeiro empregue água de goma como bebida. Desejo que passe bem, caro Fritz; abençoando-o de toda minha alma, como mãe amorosa.

P. S. — Maria manda-lhe as chinelas... São um pouco grandes; diz ela que você deve usar meias de lã; assim julga París, e creio que você será obediente,

pois não o prometeu? Não se esqueça, enfim, de que a época é de provações."

*
* *

Crepúsculo, — assim designavam êles os amores de Chopin. Jamais um nome fortuito caiu mais acertadamente.

A uma carta que seu irmão Casimiro expede no dia seguinte, Maria acrescenta estas linhas:

"Não nos podemos conformar com sua partida; os três dias que acabam de passar têm-nos parecido séculos. Dar-se-á o mesmo com você? Recordará um pouco seus amigos? Sim, respondo por você, e penso que não me engano; pelo menos, tenho necessidade de acreditá-lo. Digo a mim mesma que êste *sim* vem de você (pois não o teria dito?).

As chinelas estão prontas e vou remetê-las. O que me desgosta é que estejam muito grandes, a despeito de haver eu dado sua botina por medida, *carissimo maestro;* mas é um alemão vulgar. O dr. París consola-me, dizendo que lhe servirão bem porque você deverá usar neste inverno meias de lã bem quentes.

Mamãe mandou extrair um dente e ficou muito abatida, precisando guardar o leito até agora. Dentro de quinze dias partiremos para a Polônia. Verei seus país: que felicidade para mim! E aquela boa Luiza, reconhecer-me-á ela? Adeus, *mio carissimo maestro,* e agora,

não vá esquecer Dresde, e logo mais, a Polônia. Adeus, *até logo*. Ah! se isso pudesse ser mais cêdo!

MARIA."

"P. S. — Diz Casimiro que o piano de Sluzewo está tão estragado, que não se pode mais tocar nele. Assim sendo, cogite do Pleyel. Em dias mais felizes, não os actuais (no que nos diz respeito), espero ouvi-lo ao mesmo piano. Até logo, até logo, até logo! Como é longo esperar!"

Eis a mais amorosa carta que Chopin jamais recebeu de Maria Wodzinska. Em outubro, nova missiva da condessa, e novo post-scriptum de Maria.

2 de outubro — crepúsculo.

"Agradeço-lhe sinceramente os autógrafos e peço que nos envie ainda (é o que Mamãe me manda escrever). Agora, partiremos o mais breve possível para Varsóvia. Quanto me alegro de rever toda a sua família, e, no próximo ano, *você!*... Adeus, até *maio* ou *junho*, no mais tardar. Recomendo a sua saudade à muitíssimo fiel secretária

MARIA."

Em janeiro de 37, a condessa Wodzinska inquieta-se com o facto de Chopin lhe mandar um piano Pleyel. Agradece-lhe uma nova remessa de autógrafos, e acrescenta, ao fim de sua carta, esta frase um tanto ambígua: "Será preciso daquí por diante informar-se ainda mais prudentemente do bem-amado." Maria redige êste post-scriptum:

"Mamãe zangou-se, mas eu agradeço cordialmente, muito cordialmente, e, quando nos encontrarmos, agradeceeri mais cordialmente ainda. Bem se vê que sou muito preguiçosa para escrever, pois, transferindo meus agradecimentos para nosso próximo encontro, fico hoje dispensada de dizer muito. Mamãe lhe descreveu nosso modo de vida, por isso nada mais tenho a contar-lhe, senão que começa o degêlo; grande notícia, não é? Sobretudo, muito importante para quem a recebe. Esta vida tranquila que aquí levamos é a que nos convém; eis porque a aprecio, por enquanto, bem entendido, pois não desejaria que sempre assim fôsse. Tira-se o melhor partido que se pode, desde que não possa ser de outra maneira. Ocupo-me um pouco, para matar o tempo. Tenho neste momento a *Alemanha* de Heine, que me interessa infinitamente.

Mas é preciso terminar e recomendá-lo a Deus. Espero não seja necessário repetir-lhe a expressão dos sentimentos de sua fiel secretária

MARIA."

Desta vez, Chopin não mais deve ter visto nestas palavras sem côr os menores fulgores do *crepúsculo*. A

noite descera inteiramente. Tomou o álbum que Maria lhe havia dado um ano antes, para pôr uma página de música. Durante um ano, o álbum permanecera virgem. Diz Chopin: "Não teria podido escrever o que quer que fôsse, mesmo que tivesse ficado cem anos com êle na frente." Agora podia enchê-lo, pois compreendia que Maria não mais o amava. Escreveu então na primeira página um *Lento con gran espressione*, e mais oito melodias sôbre versos de Witwicki e de Miçkiewicz. E, logo após, recebeu esta carta, que foi a última:

Para Frederico Chopin

"Não lhe posso escrever senão algumas palavras para agradecer o lindo caderno que me enviou. Não procurarei dizer-lhe quanta alegria experimentei, recebendo-o; seria em vão. Aceite, peço-lhe, a expressão de todos os sentimentos da gratidão que lhe devo. Creia na dedicação que lhe votou para sempre nossa família, e particularmente sua peor discípula e amiga da infância. Adeus. Mamãe abraça-o com ternura. Teresa fala a cada instante de seu Chopena.

Adeus; tenha-nos em sua lembrança.

MARIA."

Não se sabe se esta pessoa era falha de coração, ou de inteligência. Demais, isso quasi não tem importância. O amor não está ao alcance de todas as moças. Igualmente, a felicidade não é para as almas difíceis.

"Valemos, talvez, mais que a felicidade" — dizia Liszt a Mme. d'Agoult.

Chopin aceitou em silêncio o rompimento de seu noivado. Mas, nem seu corpo, nem seu coração jamais se curaram disso. Sua amiga Camila Pleyel levou-o por alguns dias a Londres, para distraí-lo, mas aí muito êle sofreu. A tuberculose, incubada, parece ter começado desde então seus estragos.

Escrevia-lhe o marquês de Custine: "Você ganhou em sofrimento, em poesia; a melancolia de suas composições penetra o mais íntimo dos corações. Pode-se estar só com você em meio da multidão. Não é um piano, é uma alma..."

Chopin pegou os bilhetes de Maria Wodzinska e colocou-os com a rosa de Dresde, num envoltório, sôbre o qual escreveu estas duas palavras em polonês: *moïa biéda* — minha desgraça. Encontrou-se, depois de sua morte, êste pobre maço, amarrado com uma ternura comovente.

IX

Primeiro esbôço de George Sand

Cêrca de seis anos antes dêste romance em tão poucas palavras, observámos um rosto de mulher inclinado sôbre o papel, e seguiamos sua mão fremente, ao traçar estas palavras: "Viver, como é suave! Como é bom, apesar dos desgostos, dos maridos... apesar das dores pungentes. Viver, é inebriante! Amar, ser amada! E' a felicidade. E' o Céu!"

Durante estes seis anos, nem êsse coração, nem êsse corpo, nem essa mão tiveram tréguas. Viver, tal foi, com efeito, a ocupação essencial desta George Sand rechonchuda, ávida e tão formidàvelmente dotada para todas as estravagâncias do espírito e da carne! Nada havia sido demasiado para esta mulher, firme de cabeça e de ventre. Apesar das "dores pungentes", dos desgostos causados por um marido camponês e avarento, esta bisneta do Marechal de Saxe, filha de mulher do povo, resolvera òtimamente o duplo problema de tática da felicidade que se havia proposto: o amor e a glória;

solução que satisfaria aos mais exigentes apetites. Aos vinte e sete anos tinha escrito seu primeiro livro e escolhido seu primeiro amante. Aos trinta, poderia dizer, como o Marechal seu bisavô: "A vinha é um sonho. O meu foi curto, porém belo." Agora, com seus trinta e quatro anos, esta surpreendente mulher-fauno considera-se acabada e para sempre desiludida do prazer. Não sabia ela ainda que a doença do desejo, quando chega a abrir uma chaga viva em um sêr, não tem senão uma fraca probabilidade de cura. Pelo menos, antes da quadra invernosa.

Ora, a esta doença do desejo, Aurora Dudevant juntara o sabor de remotas associações. A ela adaptou o coração e o cérebro; nela contraiu hábitos do leito e do pensamento. Julio Sand fornecera-lhe o nome literário, teorias sôbre "amor livre e divino" e sua primeira camaradagem amorosa. A decepção que se seguiu a êste ensaio, lançou-a em luta contra todos os jugos, até os do sentimento. Jugo é ainda um termo bastante pesado. Bastaria chamá-lo pressão. Para libertar-se de recordações, aliás tão pouco nocivas, escolheu um taumaturgo inteligente e maravilhosamente refractário ao amor: Mérimée. Mais tarde ela o confessou numa carta curiosa: "Um dêstes dias de tédio e desespêro, encontrei um homem despreocupado, um homem calmo e forte, que não compreendia absolutamente minha natureza, e se ria de minhas máguas. O vigor de seu espírito me fascinou inteiramente. Durante oito dias acreditei que êle possuisse o segrêdo da felicidade, que mo ensinasse;

que sua desdenhosa displicência me curasse de minhas puerís susceptibilidades. Acreditava que tivesse sofrido como eu, e vencido sua sensibilidade exterior. Não sei ainda se me enganei, se êste homem é forte por seu valor, ou por sua pobreza... Enfim, conduzí-me, aos trinta anos, como não o teria feito ũa menina de quinze. A experiência falhou completamente."

Mas esta mulher tão enredada de palavras, por vezes encontra algumas que deixam descer a sonda mais profundamente. Nesse mesma carta a Sainte-Beuve, acrescenta um pouco mais adiante: "Se Próspero Mérimée me houvesse compreendido, ter-me-ia, talvez, amado; se me houvesse amado, ter-me-ia dominado; se eu tivesse podido submeter-me a um homem, estaria salva, *pois minha liberdade me corrói e me mata.* Tal é o verdadeiro mal dêsse estranho temperamento. Tinha necessidade de um dono, e desde então jamais o procurava senão entre os fracos. Sua ligeira inversão fisiológica determinou defeitos de psicologia, dos quais nasceram todas as falhas que êste belo animal pensante cometeu contra sua própria paz.

Houve, pois, daí por diante, na vida de George Sand *um sêr ausente.* Entendemos por esta palavra uma espécie de amante ideal, dono de seu pensamento e servidor de sua carne, êsse famoso duplo de nós mesmos, que acorda nossos instintos, sem nunca os satisfazer, que nos provoca o demônio, e nos eleva, entretanto, como um anjo, até as carícias místicas da alma. A dificuldade está em achar reunidos em um só corpo todos

estes matizes de nossas neurastenias. Assim mesmo, porém, nos pomos em campo, dando nomes diferentes a essa pesquiza. George Sand chamava-lhe: "a procura de sua verdade". E por que não, afinal? Chama-se verdade o ritmo segundo o qual nos parece que nossa máquina dá maior rendimento, seja no prazer, na dor, no trabalho ou no amor. Mas deve-se fazer a Sand esta justiça: além de seu mal individual, o mal commum, "o sofrimento da raça, a visão, o conhecimento, a meditação do destino do homem", também apaixonaram sua alma elástica. Muitas vezes chegou ela a esquecer-se, para compreender os outros. Soube deixar envelhecer sua inteligência, emprestar idade a seus pensamentos. Contudo, apesar da participação que teve nas lutas ideológicas do século, a despeito da acção intelectual que, tão jovem, exerceu sôbre os espíritos de seu tempo, o profundo anelo desta mulher era o de sua *Lélia*: "Ha dez mil anos que clamo ao infinito: "verdade, verdade!" Ha dez mil anos me responde o infinito: "desejo, desejo!"

E eis que, após esta crise de desesperança de 1833, escreve sùbitamente esta desiludida: "Creio que blasfemei, talvez, em *Lélia* contra Deus e a natureza; Deus, que não é perverso, e que fàcilmente poderia vingar-se de nós, calou-me a boca, restituindo-me a mocidade do coração, e forçando-me a confessar que deixou em nós sublimes alegrias". E' que acabava de jantar ao lado de um jovem, loiro, de vinte e três anos, de olhos arrogantes e desprovidos de cílios, de porte fino e belas mãos fidalgas, que zombava em altas vozes de

toda a sociologia e se inclinava ao ouvido das mulheres para soprar: "Eu não sou meigo, sou excessivo". Escarnecia das classes laboriosas, dos *dirigentes*, de São Simão, e do abade Lamennais. Dizia mesmo: "Mais me interessa a maneira por que Napoleão calçava suas botas, do que toda a política da Europa". As damas compreendiam que seu verdadeiro estudo era o amor. Logo se ocupou êle desta vizinha já célebre, de uma palidez esverdeada, que lhe enviou, alguns dias após, os dois volumes de sua *Lélia*, assim dedicados: o primeiro, "Ao senhor meu garoto do Alfredo"; o segundo, "Aos senhor visconde de Musset, homenagem respeitosa de seu dedicado servidor George Sand."

Hoje se conhece em todos as minúcias a história dessa ligação, e seu magnífico tributo de sofrimentos. Não guardaremos senão alguns resíduos, a bôrra amarga que ficou em seus corações, da orgia dessas duas imaginações requintadas e ferozes. Pode dizer-se que ambos se entre-devoravam. Apetites diversos, um mais brutal, mais faminto, menos deferente; outro, mau, maniaco, mas saboreando aos bocados o amago de seu duplo sofrimento. "Aperta teu coração, meu grande George" — dizia êle. E ela: "Não te amo mais, mas te adoro sempre. Não te tolero mais, mas não posso passar sem ti." Partiram para Veneza, e aí estes sádicos se vingaram sôbre si mesmos, de sua dupla impotência: cerebral dele, e física por parte dela. E continuaram, não obstante, a se querer e se adorar, a despeito de seu vícios esgotados e de seus prazeres consumidos. Depois, vieram as

torturas que se infligiam para requintar as sensações. Bem logo não lhes restou mais que o sabor das lágrimas. Enfim, em meio da crise, cada um dos amantes buscou refúgio onde seu temperamento o chamava: George no trabalho, e Alfredo na enfermidade. Sobreveio então o salvador sob a forma de um belo doutor veneziano, que, mesmo ao pé do leito, onde delirava o poéta, recebeu o choque dos desejos por fim reacendidos na outra vítima. Não ha mais piedade, quando a besta se enfurece de novo. Já não ha desespêro, tão pouco, desde o momento em que cai a crosta de um velho amor, para deixar desnudo um corpo jovem que se funde de langor ao primeiro contacto de uma boca desconhecida...

Musset partiu. Cultivou-se, a três, um sentimento bastante raro. No verão seguinte, George escreveu a Alfredo: "Oh! naquela noite de entusiasmo em que involuntàriamente juntava nossas mãos, dizendo: "Vós vos amais, e contudo, me amais a mim" — salvaste minha alma e meu corpo."

E Musset, por sua vez, exclamava: "Pobre George, pobre criança querida! Julgaste ser minha amante, e não eras senão minha mãe..."

Eis que escapou a palavra. Ha pouco, a inversão fisiológica que assinalávamos, podia traduzir-se de outra maneira. Mas a expressão exata é bem de mãe, pois Sand era, antes de tudo, maternal, protetora, uma *genitrix* amorosa. Reclamava paixões que conduzissem à maternidade. E alguns meses mais tarde, quando tudo

se acabou entre êles, os lamentos que solta em seu *diário íntimo*, sôbre o amor mal extinto, são ainda os de a mãe privada de seu filho: "Amo-te. Submeter-me-ia a todos os suplícios para ser amada por ti, e me abandonas! Ah! pobre homem, estás louco... Teu orgulho é que te aconselha... O' meus pobres filhos, quanto é infeliz vossa mãe!" "Quero cercar-me de homens puros e distintos. Longe de mim os fortes; quero os artistas: Liszt, Delacroix, Berlioz, Meyerbeer. Ser homem com êles, e com êles confabular. Alfredo saberá dêsses maus gracejos... Oh! Se eu o tivesse hoje! Mas, ai! que urgência tenho de possuí-lo. Se recebesse de ti, de vez em quando, algumas linhas, uma palavra, a permissão de te enviar uma imagem de quatro vintens comprada no cais, cigarros feitos por mim, um passaro, um brinquedo... O' meus olhos azues, não mais me haveis de olhar! Linda cabeça, não mais te verei inclinar-te sôbre mim e velar-te de um suave delíquio. Meu corpinho dócil e tépido, não mais te estenderás sôbre mim, como Eliseu sôbre o filho morto para reanimá-lo!" — "Ah! quem cuidará de ti, e de quem cuidarei eu?"

Tal foi o castigo de haver acarinhado um homem sem paixão. E seu íntimo mesmo, quando ela o resolve, descobre sempre a mesma esperança: "Tenho necessidade de sofrer por alguém. Tenho necessidade de nutrir essa solicitude materna, que se habituou a velar por um ente sofredor e fatigado."

Uma inclinação por uma espécie de tribuno popular veio refrescar a chaga ainda viva: julgou amar Everard, aquele a quem seus contemporâneos chamaram Miguel de Bourges. Deu-lhe ela a virgindade de sua inteligência. Amor frio. Amor de escrava que admira um belo capitão e um legislador justo. Nada, porém, de sofrimentos, nada do que possa encher na alma os vazios da volúpia. Além do que, Miguel de Bourges era anti-artista. E ela quis vingar a arte pela ironia. "Berlioz é um artista — escrevia a êste mestre de retórica. — Talvez tenha êle a atrocidade de pensar em segrêdo que todos os povos do universo não valem uma escala cromática posta com habilidade, como eu, que tenho a insolência de preferir um jacinto branco à coroa de França... Mas tem a certeza de que se podem ter essas loucuras no cérebro, sem ser inimigo do gênero humano. Tu és pelas leis orçamentárias, Berlioz é pelas fusas, eu sou pelas liliáceas."

Debaixo daquela frieza, o advogado era, porém, ciumento; mais ainda, importuno. George Sand viu Liszt, achou-o belo, recebeu-o com sua companheira Maria d'Agoult, em sua casa, em Nohant e, invejando seus amores tão cheios de mocidade, anotava em seu diario: "Que calma espantosa em minha alma! Ter-se-ia extinto a chama?"

Não era chama que se apagava, mas lamparina acesa pelo filósofo, cuja pena ela pretendera ser. E retornava à idéa fixa: "Meu mais caro sonho... consiste em imaginar o zêlo que teria por tua velhice enfraquecida."

Um importante serviço que lhe prestou Miguel foi ganhar-lhe a causa do divórcio contra Casimiro Dudevant.

No verão de 1836, desvencilhou-se da cadeia do amante, e rompeu todo o vínculo com o marido. Ei-la livre, de um golpe. Confia seus dois filhos, Mauricio e Solange, a um jovem preceptor de nome Pelletan, que ela põe à prova, para melhor conhecê-lo, tornando-se sua amante. Depois, vai reunir-se a Liszt e à condessa d'Agoult, em Genebra. Volta em princípio do outono, e instala-se em París, durante algum tempo, com êste casal, que já começava a enfastiar-se de solidão. Apartam os três ao Hotel de França, à rua Lafitte. Êste sossegado albergue de bons burgueses torna-se uma república de artistas. Cruzam-se pelas escadas Eugène Sue, Miçkiewicz, o cantor Nourrit, o abade Lamennais, Henrique Heine. Os senhores musicistas, a começar por Liszt, não falam senão de Chopin.

— Apresentem-mo — pede George.

E êle veio, uma tarde, com Hiller.

O sr. Sand e a senhorita Chopin viram-se pela primeira vez.

Rregressando à casa, disse Chopin ao amigo:

— Que mulher antipática, esta Sand! Será realmente mulher? Estou quasi a duvidar...

X

Cartas de dois romancistas

Enquanto Frederico Chopin assistia, no ano de 1837, à lenta decomposição de seu amor, George Sand regressava ao palacete de Nohant, onde passou longos meses, só, com seus filhos e seu trabalho. Trouxe-lhe o verão o casal Liszt-d'Agoult; noitadas de música, novos sonhos de felicidade. Depois, morreu sùbitamente sua mãe, e precisou voltar a París, ao passo que a condessa e Franz tomavam o caminho da Itália. Formou ela o projeto de lá reunir-se a êles, mas ficou retida por uma inesperada inclinação pelo novo preceptor das crianças, Feliciano Mallefille. Sangrava ainda dèbilmente a separação de Miguel de Bourges, mas George cuidava que, finalmente, houvesse "subjugado o dragão" e que esta paixão mais tenaz do que ela imaginara, seria curada por uma doce afeição "menos exaltada e menos veemente", que esperava fôsse duradoura. Enganava-se. Bastaram seis meses, para secar essa fonte à flor da terra. Não obstante, apiedou-se dêste amante um pouco insí-

pido, que não lhe interessava absolutamente a alma. Durante alguns meses ainda, ela o arrastou em sua bagagem, entre París, Fontainebleau e Nohant.

Em janeiro de 1838, o grande Balzac um belo dia caiu nestas paragens e aí permaneceu algum tempo. Os dois romancistas gastaram noites em tagarelices e confidências. Depois, Balzac redigiu para a condessa Hanska impressões ainda recentes:

"Abordei o palacete de Nohant, sábado gordo, cêrca das sete horas e meia da noite, e encontrei a camarada George Sand em sua *robe de chambre*, fumando um charuto depois do jantar, ao pé do fogão, num imenso quarto solitário. Trazia lindas sandálias amarelas adornadas de franjas, meias elegantes e um calção vermelho. Eis aí quanto ao moral. Quanto ao fisico, havia aumentado a papada, como um cônego. Não tem um só fio de cabelo branco, apesar de suas desgraças assombrosas; sua tez enferrujada não mudou; seus belos olhos continuam cintilantes; tem uma expressão estúpida, quando pensa, pois, como lhe disse, depois de estudá-la, toda a sua fisionomia está no olhar. Encontra-se ha um ano em Nohant, muito triste e trabalhando enormemente. Leva, mais ou menos, minha vida: deita-se às seis horas da manhã e levanta-se ao meio-dia. Eu me deito às seis da tarde e acordo à meia-noite. Mas, naturalmente, me conformei com seus hábitos e, ha três dias, temos tagarelado desde cinco horas da tarde, depois do jantar, até cinco da manhã; de sorte que a conhecí — e reciprocamente, — nestas três palestras, mais do que

durante os quatro anos precedentes, quando vinha a minha casa, no tempo em que amava Júlio Sandeau, e que tinha ligações com Musset... Foi utilíssimo que a encontrasse, pois nos fizemos mùtuamente confidências sôbre Júlio Sandeau... Entretanto, ela foi ainda mais infeliz com Musset, e ei-la agora num profundo retraimento, condenando ao mesmo tempo o casamento e o amor, porque, tanto num como noutro estado, não teve senão decepções.

"A questão sexual para ela é grave. E tanto mais ha de ser, quanto é certo que ela não é amável. Portanto, só muito dificilmente será amada. E' como que um rapaz, é artista, grande, generosa, dedicada, casta. Tem traços de homem; *ergo*, não é mulher. Não me sentí, como outrora, junto dela, durante estes três dias de confidências, possuido daquela superficial galantaria que se deve empregar, na França e na Polônia, para com toda e qualquer mulher.

"Palestrava com um camarada. Ela tem altas virtudes, essas virtudes que a sociedade toma às avessas. Discutimos, com uma seriedade, uma boa fé, uma pureza, uma conciência, dignas dos grandes pastores que conduzem os rebanhos humanos, as importantes questões do casamento e da liberdade.

— "Pois — dizia ela, com uma altivez imensa (o que eu não teria ousado pensar por mim mesmo) — visto que preparamos com as idéas que escrevemos uma revolução nos costumes do futuro, tanto sou atingida pelos inconvenientes do casamento, como pelos da liberdade."

"E conversamos uma noite inteira sôbre êste grande problema. Sou de todo pela liberdade da donzela, e pela escravidão da mulher, isto é, pretendo que, antes do casamento, ela saiba em que se empenha e que tenha estudado tudo; e depois, uma vez assinado o contrato, seja fiel a êste. Gostei muito de poder insinuar à sra. Dudevant a necessidade do casamento. Ela confiará, estou certo, e creio ter agido bem em lho demonstrar. E' uma excelente mãe, adorada pelos filhos; mas educa sua filha Solange como um rapaz, o que não está muito direito.

"E' como um homem de vinte anos, *moralmente*, pois é prudente e ingénua e não é artista senão exteriormente. Fuma em demasia e, talvez, se faça de princesa com exagêro, o que me convence de que ela se espêlha na princesa do *Secretário íntimo*. Sabe e diz de si mesma o que eu penso dela, sem que lhe tivesse dito. Que não tenha fôrça de concepção, nem o dom de construir planos, nem a faculdade de alcançar a verdade, nem a arte do patético, é exato; mas que, sem conhecer a língua francesa, tenha ela um *estilo*, não é menos exato. Como eu, zomba de sua própria glória e tem um profundo desprêzo pelo público, que chama de *jumento*.

"Contar-lhe-ei as imensas e secretas dedicações desta mulher por aqueles dois homens, e você deduzirá que nada existe de comum entre os anjos e os demônios. Todas as tolices que ela pratica são títulos de glória aos olhos das almas belas e grandes...

"Enfim, é um homem, e tanto mais um homem, quanto ela o quer ser, saindo de seu papel de mulher. A mulher atrai; ela repele. E como sou muito homem, se ela me faz êste efeito, deve produzí-lo também sôbre os homens que me são semelhantes. Ela será sempre infeliz. Actualmente, ama um homem que lhe é inferior, e nesse contrato não pode deixar de haver desencantamento e decepção para uma mulher que possue uma bela alma; a mulher deve sempre amar um homem que lhe seja superior, ou então, nesse sentido esteja tão bem enganada, como se assim fôsse realmente.

"Não foi impunemente que estive em Nohan. Trouxe de lá um vício enorme: ela me fez fumar um *houka* e *Lattakich*, o que para mim se tornou desde logo uma necessidade..."

*
* *

Os olhos e os ouvidos de Balzac não se enganavam no diagnóstico. Entretanto, não poderia ver, nem ouvir, tudo o que se passava atrás das vidraças dêste sêr mais complicado do que ela mesma imaginava. A primavera de 1838 mais uma vez fazia germinar a persistente e obscura violeta de um novo amor.

George Sand fôra várias vezes a París, onde tornou a ver Chopin. E o drama do prazer, das dificuldades, dos sofrimentos, se tecera entre os dois. Sand e Chopin saiam ambos de muito sofrimento para não abrir a nova página de sua história sem desconfiança.

Mas, quanto a Chopin, tudo ficara sepultado no silêncio, e sua música sòmente o preservou dos íntimos transbordamentos. Consulte-se toda a sua produção desta época, equivalente a um testemunho magnífico: os *Doze estudos* dedicados à sra. d'Agoult (2.º caderno, op. 25), o *Impromptu* (op. 29), o 2.º *Scherzo* (op. 31), os *Dois Noturnos* (op. 32), as quatro *Mazurkas* (op. 30: dó menor, si menor, ré bemol maior, e dó sustenido menor), as três *Valsas brilhantes* (op. 34), e mais quatro *Mazurkas* (op. 33) dedicadas à condessa Mostowska.

Quanto a George, o primeiro alarme de sua nova paixão se encontra numa carta á sua amiga Marliani, datada de 23 de Maio, onde diz:

"Caríssima. Recebí suas cartas e demorei em respondê-las *a fundo*, pois sabe você que o tempo é *variável*, na estação dos amores. Muito se diz *sim* e *não* e *mas*, em uma semana; frequentemente se diz, pela manhã: *decididamente isto é insuportável*, para afirmar à tarde: *na verdade, é a suprema felicidade.* Espero, pois, para escrever-lhe, que meu barómetro marque algo, se não de estável, pelo menos de certo por algum tempo. Não tenho a menor restrição a fazer; mas não ha uma razão para que esteja contente?..."

Não, foi, porém, à sra. Marliani que ela mostrou as singulares e tão interessantes flutuações de seu barómetro sentimental, mas ao conde Alberto Grzymala, amigo íntimo de Chopin. Eis aquí, pois, o que lhe escrevia ela, no início daquelle verão:

"Jamais me aconteceria duvidar da lealdade de vossos conselhos, caro amigo. Não tenhais êsse receio. Creio em vosso evangelho, sem o conhecer bem, e sem o examinar, porque, desde que tenha êle um adepto como vós, deve ser o mais sublime de todos os evangelhos. Sêde bendito por vossos conselhos e tranquilizai-vos quanto a minhas idéas. Ponhamos a claro pela última vez a questão, pois, de vossa última resposta sôbre êsse assunto, dependerá toda a minha conduta para o futuro e, visto ser preciso chegar a êste ponto, lamento não ter vencido a relutância que sentí, de vos interrogar em París. Pareceu-me que aquilo que ia conhecer, viesse empalidecer meu *poema.* Com efeito: eí-lo obscurecido, ou antes, muito mais pálido. Que importa! Vosso evangelho é o meu, quando prescreve pensar em nós mesmos por último, e mesmo não pensar em absoluto, quando a felicidade daqueles que amamos reclama todas as nossas energias. Escutai-me bem e respondei claramente, categòricamente. Esta pessoa que êle quer, deve, ou julga dever amar, está em condições de fazer sua felicidade, ou irá aumentar seus sofrimentos e suas tristezas? Não pergunto se êle a ama, se é amado, mais ou menos que eu. Sei, aproximadamente, pelo que se passa em mim, o que deve passar-se nele. Procuro saber qual é de *nó*; *dois* que precisa esquecer, ou abandonar, para seu repouso, para sua felicidade, enfim, para sua vida que me parece vacilante e frágil demais para suportar grandes dores. Não quero absolutamente fazer o papel de anjo mau. Não sou o Bertram, de Meyerbeer, e não lutarei contra a amiga de infância, desde que

seja uma bela e pura Alice. Se eu tivesse sabido que havia uma ligação na vida de vosso menino, um sentimento em sua alma, jamais me haveria inclinado para respirar um perfume reservado a outro altar. Da mesma forma, também êle se teria afastado de meu primeiro beijo, se soubesse que eu era como que casada. Não nos enganamos mùtuamente; entregamo-nos ao vento que passava e que nos levou a ambos a outra região por alguns instantes. Mas, nem por isso deixamos de descer de novo para aquí, após essa comunhão celestial e esta viagem através do empíreo. Míseros passaros que somos, possuimos asas, mas nosso ninho é sôbre a terra, e quando o canto do anjos nos chama para cima, o grito de nossa família nos chama para baixo. Não quero entregar-me à paixão, se bem que haja no fundo de meu coração um foco, às vezes bem ameaçador. Meus filhos me darão fôrça para quebrar tudo o que me afaste deles, ou da melhor maneira de ser, que convenha à sua educação, sua saúde, seu bem estar, etc... Assim, não me posso fixar em París por causa da enfermidade de Maurício, etc., etc.. Além do que, ha um sêr excelente, *perfeito*, quer quanto ao coração, quer quanto à honra, que nunca deixarei, porque foi o único homem que, estando comigo ha quasi um ano, jmais me fez sofrer uma única vez, um só minuto, por sua culpa. Foi também o único homem que se confiou a mim inteiramente, e absolutamente, sem uma lástima pelo passado, e sem restrições quanto ao futuro. Demais, é uma criatura tão boa e tão equilibrada, que, com o tempo, o le-

varei a conhecer e compreender tudo; é uma cera maleável, sôbre a qual pousei meu sinete, e, quando eu quiser mudar a impressão, com que cautela e com que paciência o conseguirei!... Mas hoje não seria isso possível, e sua felicidade me é sagrada. Eis aí, pois, quanto a mim; empenhada como estou, acorrentada por muitos anos, não posso desejar que nosso *pequeno* rompa de seu lado as cadeias que o prendem. Se êle chegasse a pôr sua existência em minhas mãos, ficaria bem receiosa, pois, aceitando uma outra, não poderia eu fazer as vezes da que êle tivesse deixado por mim. Creio que nosso amor não pode perdurar senão nas condições em que nasceu, isto é, que, de vez em quando, atirando-nos um bom vento, um ao outro, vamos fazer ainda um passeio pelas estrêlas e depois nos deixaremos, para caminhar sôbre a terra, pois somos filhos da terra e Deus não permitiu que fizessemos nossa peregrinação um ao lado do outro. No céu é que nos devemos encontrar, e os rápidos instantes que lá passarmos, serão tão belos, que valerão por toda uma existência vivida cá em baixo.

"Meu dever está, portanto, inteiramente traçado. Mas posso cumprí-lo, sem jamais o abjurar, de duas maneiras diferentes: uma, seria conservar-me o mais afastado possivel de C(hopin), não procurar ocupar seu pensamento, nunca me encontrar a sós com êle; outra, ao contrário, seria aproximar-me dele quanto possível, sem comprometer a segurança de M (allefille), fazê-lo docemente evocar-me em suas horas de repouso e beatitude, apertá-lo castamente em meus braços algumas ve-

zes, quando o vento do céu consentir em nos arrebatar e conduzir pelo espaço. A primeira maneira será a que adotarei, se me disserdes que essa *pessoa* foi feita para se lhe dar uma felicidade verdadeira e pura, para cercar-se de cuidados, para arranjar, regularizar e tranquilizar sua vida; se, enfim, para êle, se tratar de ser feliz por ela, e se eu for um impecilho; se sua alma *excessivamente*, talvez *loucamente*, talvez *sàbiamente*, escrupulosa, se recusar a amar dois entes diversos de maneiras diferentes; se os oito dias que passasse com êle numa estação pudessem impedí-lo de ser feliz intimamente o resto do ano, então, sim, juro-vos que lutarei para me fazer esquecer por êle. A segunda maneira, observarei, se me disserdes uma das duas coisas seguintes: ou que sua felicidade doméstica pode e deve arranjar-se com algumas horas de paixão ingênua, e de doce poesia, ou que a felicidade doméstica lhe é impossível e que o casamento, ou qualquer ligação semelhante, seria o túmulo dessa alma de artista; caso em que seria preciso afastá-lo disso a todo preço, e ajudá-lo mesmo a vencer seus escrúpulos religiosos. E' mais ou menos a êsse ponto que induzem minhas conjecturas. Vós me direis se me engano; julgo essa pessoa encantadora, digna de todo o amor e de todo o respeito, pois um sêr como êsse não pode amar senão o puro e o belo. Mas creio que temeis para êle o casamento, o vínculo de todos os dias, a vida real, os afazeres, os cuidados domésticos, tudo o que, numa palavra, parece distante de sua natureza e contrário às inspirações de sua musa. Eu o

receiaria também por êle; mas a êste respeito, nada posso afirmar, nem pronunciar, pois sob muitos aspectos êle me é absolutamente desconhecido. Não vi de seu sêr mais que a face iluminada pelo sol. Fixareis, então, minhas idéas sôbre êste ponto. E' da máxima importância que eu conheça bem sua posição, afim de estabelecer a minha. Por meu gôsto, acomodaria nosso poema neste sentido: que eu nada soubesse, absolutamente nada de sua vida positiva, nem êle da minha; que êle cultivasse todas as suas idéas religiosas, mundanas, poéticas, artísticas, sem que nunca lhe pedisse contas, e recìprocamente; mas que, em toda a parte, em qualquer lugar e a qualquer momento de nossa vida, em que nos encontrassemos, nossa alma estivesse no apogeu de felicidade e de perfeição. Pois, não o duvido, estamos melhor quando amamos com amor sublime, e, longe de cometer um crime, aproximamo-nos de Deus, fonte dêste amor. Aí está, em última análise, o que devereis tratar de insinuar-lhe, meu amigo, e, sem lhe contrariar as idéas de dever, de dedicação e de sacrifício religioso, porieis talvez seu coração mais à vontade. O que mais eu receiaria, o que mais me causaria pena, o que me decidiria mesmo a fazer-me de *morta para êle*, é que eu me tornasse um terror e um remorso para sua alma; não, não posso combater a imagem e a saudade de uma outra, a menos que esta seja funesta para êle, independentemente de mim. Respeito muito nisso a propriedade, ou antes, é a única propriedade que respeito. Não quero furtar ninguém a quem quer que seja, excepto os cati-

vos aos carcereiros, as vítimas aos carrascos e, por conseguinte, a Pôlonia à Rússia. Dizei-me se é uma *Rússia* cuja imagem persegue nossa criança; então, pedirei ao céu que me empreste todas as seduções de Armida para impedí-lo de lançar-se nisso; se é uma Polônia, deixai-o agir. Não ha nada como uma pátria, e quando se tem uma, não é preciso buscar outra. Neste caso, serei para êle como uma *Itália*, que se vai visitar, onde se goza nos dias de primavera, mas onde não se fica, porque ha mais sol do que leitos e mesas, e porque o *confortável da vida* está em outra parte. Pobre Itália! Toda a gente sonha com ela, deixa-a, ou tem dela saudade; mas ninguém lá pode permanecer porque ela é desventurada, e não poderia dar a felicidade que não possue. Ha uma última suposição, que é bom dizer-vos: seria possível que êle não mais amasse, absolutamente, a *amiga de infância*, mas tivesse uma verdadeira repugnância por contrair uma ligação, e o sentimento do dever, a honra de uma família, — que sei? — lhe impusessem um rigoroso sacrifício de si mesmo. Nesse caso, meu amigo, sêde seu anjo da guarda; quanto a mim, não posso meter-me nisso, mas vós o deveis. Salvai-o dos imperativos muito rigorosos da conciência. Salvai-o de sua própria virtude, impedindo-o a todo preço de imolar-se, pois nesta classe de coisas (trata-se de casamento, ou dessas uniões que, sem ter a mesma publicidade, têm, contudo, a mesma fôrça de vínculo e a mesma duração), nesta classe de coisas, digo, o sacrifício daquele que dá seu futuro não está em relação com o que recebeu no passado. O

passado é uma coisa apreciável e limitada; o futuro é a infinito, porque é o desconhecido. O sêr que, em paga de certa soma conhecida de dedicação, exige a dedicação de toda uma vida futura, pede uma coisa iníqua, e se aquele de quem se reclama essa iniquidade se acha embaraçado para defender seus direitos, satisfazendo à generosidade e à equidade, cabe à amizade salvá-lo e ser juiz supremo de seus direitos e seus deveres. Sêde firme neste sentido, e acreditai que eu, que detesto os sedutores; eu, que sempre tomo a defesa das mulheres ultrajadas ou enganadas; eu, a quem consideram advogado de meu sexo e que me prezo de sê-lo, quando é preciso, tenho quebrado, entretanto, com a autoridade de irmã, de mãe e de amiga, mais de um compromisso dêsse gênero. Sempre condenei a mulher que deseja ser feliz ao preço da felicidade do homem. Sempre absolví o homem, quando se lhe pede mais do que à liberdade e à dignidade humana é lícito empenhar. Um juramento de amor e fidelidade é um crime, ou uma covardia, quando a boca pronuncía o que o coração nega; e tudo se pode exigir de um homem, excepto uma covardia e um crime. Fora dêste caso, meu amigo, isto é, salvo o caso em que êle quisesse consumar um sacrifício por demais rude, penso que não se devem combater suas idéas, nem violentar seus instintos. Se seu coração pode, tal qual o meu, conter dois amores bem diferentes, um que seja, por assim dizer, o *corpo* da vida, e outro, a *alma* — então será melhor, porque nossa situação estará em relação com os nossos senti-

mentos e nossas idéas. Assim como não se pode ser sublime todos os dias, não se é sempre feliz. Não nos veremos todos os dias; nem todos os dias possuiremos o fogo sagrado, mas haverá dias belos e chamas divinas.

"Seria necessário, talvez, dizer-lhe também de minha posição com referência a M(allefille). Deve-se recear que não o conhecendo, venha êle a criar-se a meu respeito uma espécie de dever, que o preòcupe e que o leve a combater a *outra* dolorosamente. Faço-vos senhor e árbitro absoluto desta confidência; vós a fareis, se julgardes oportuno o momento. Retardá-la-eis, se achardes que ela aumentaria sofrimentos muito recentes. Talvez, já a tenhais feito. Em qualquer caso, aprovo e confirmo tudo que tiverdes feito ou fizerdes.

"Quanto à questão de posse, ou de não posse, isso me parece uma questão secundária, em relação à que agora nos ocupa. E', entretanto, uma questão importante por si mesma. E' a vida toda de uma mulher; é seu mais caro segrêdo, sua mais estudada teoria, seu mais misterioso requinte. Eu vos direi com toda a simplicidade, a vós, meu irmão e meu amigo, êste grande mistério sôbre o qual tecem tão estranhos comentários todos quantos pronunciam meu nome. E' que não tenho sôbre êsse assunto, nem segrêdo, nem teoria, nem doutrinas, nem opinião firmada, nem preconceito, nem pretensão de prestígio, nem arremedos de espiritualismo, nada enfim de adrede preparado, de hábitos adquiridos, e, acredito, de falsos princípios, quer de liberdade, quer de abstinência. Bastante me fiei em meu instinto, que

sempre tem sido nobre; algumas vezes me tenho enganado sôbre as pessôas, mas nunca sôbre mim mesma. Tenho muitas tolices a censurar a mim própria, mas não imbecilidade, nem malícia. Muita coisa oiço falar da moral humana, do pudor e da virtude na sociedade. Nada disso ainda é claro para mim. Por isso, jamais cheguei a uma conclusão. Não obstante, não deixo de me preocupar; confesso-vos que o desejo de harmonizar uma teoria qualquer com meus sentimentos foi a grande tarefa e a grande dor de minha vida. Os sentimentos foram sempre mais fortes que o raciocínio, e os limites que procurei traçar-me nunca me serviram para nada. Vinte vezes mudei de idéa. Acreditei, acima de tudo, na fidelidade. Prèguei-a, pratiquei-a, exigí-a. Todos falharam, e eu também. Não sentí remorsos, porém, pois sempre sofrera em minhas infidelidades uma espécie de fatalidade, um instinto de ideal, que me impelia a deixar o imperfeito pelo que me parecia aproximar-se do perfeito. Conhecí muitas modalidades de amor: amor de artista, amor de mulher, amor de irmã, amor de mãe, amor de religiosa, amor de poéta, — que sei? Alguns ha que nasceram e morreram em mim no mesmo dia, sem se revelar ao objeto que os havia inspirado. Alguns ha que martirizaram minha vida e me levaram ao desespêro, quasi à loucura. E outros ha que me enclausuraram durante anos num excessivo espiritualismo. Tudo isso foi perfeitamente sincero. Meu sêr entrava nestas diversas fases como o sol entra (dizia Sainte-Beuve) nos signos do Zodiaco. Quem me

acompanhasse, observando as aparências, me julgaria louca ou hipócrita; a quem me acompanhou, lendo no fundo de meu íntimo, eu me mostrei o que realmente sou: entusiasta do belo, ávida de verdade, muito sensível de coração, muito frágil no julgamento, muitas vezes absurda, sempre de boa fè, nunca mesquinha nem vingativa, bastante impulsiva e, graças a Deus, inteiramente deslembrada das coisas más e das más pessoas.

"Eis minha vida, caro amigo. Bem vedes que não é famosa. Nada tem a admirar, muito a lamentar, nada que os bons corações condenem. Estou certa, mentem aqueles que me acusam de ter sido má, e bem fácil me seria prová-lo, se me quisesse dar o trabalho de relembrar e contar; mas isso me aborrece e tenho tão pouca memória, quanto rancor.

"Até aquí fui fiel ao que amei, perfeitamente fiel no sentido de que jamais enganei ninguém, e que jamais cessei de ser fiel, sem as fortes razões que mataram em mim o amor, por culpa de outrem. Não sou de uma natureza inconstante. Sou, ao contrário, tão afeita a amar exclusivamente a quem me ama, tão pouco fácil a inflamar-me, tão habituada a viver entre os homens sem cuidar de que sou mulher, que, verdadeiramente, fiquei um tanto confusa e pouco consternada com o efeito que êste pequeno ser me produziu. Ainda não me refiz do meu espanto e, fôsse eu muito orgulhosa, sentir-me-ia muito humilhada por haver caido em cheio na infidelidade de coração, no momento de minha vida em que me acreditava calma e firme para sem-

pre. Penso que seria peor se tivesse podido prever, raciocinar e combater esta irrupção; mas fui invadida de súbito e não está em mim governar meu sêr pela razão, quando o amor se apodera dele. Não me faço, pois, nenhuma censura, mas verifico que ainda sou muito impressionável e mais frágil que supunha. Pouco importa; quasi não tenho vaidade. Isto me prova que não devo mesmo tê-la e jamais me vangloriar em matéria de firmeza e de fôrça. Isto só me entristece porque minha bela sinceridade, que tanto tempo havia praticado e me dava certo orgulho, agora é quebrada e comprometida. Serei obrigada a mentir como os outros. Asseguro-vos que, para meu amor próprio, é mais mortificante que um mau romance, ou uma peça vaiada; sofro bem com isso. E êsse sofrimento será, talvez, um resto de orgulho; talvez me advirta uma voz do alto de que era preciso velar melhor por meus olhos e meus ouvidos e, sobretudo, por meu coração. Mas, se o céu pretende que sejamos fiéis às afeições terrenas, por que permite, algumas vezes, que os anjos se percam em meio de nós e se apresentem em nosso caminho?

"A grande questão do amor ainda está, pois, de pé em mim! Nada de amor sem fidelidade! dizia eu, ha dois meses; e é bem certo que não sentí a mesma ternura por êsse pobre M(allefille), encontrando-o novamente. E' exato que, desde seu regresso a París (deveis tê-lo visto), em vez de esperar por sua volta com impaciência, e de estar triste longe dele, sofria menos e respirava mais à vontade. Se eu imaginasse que a vis-

ta frequente de C(hopin) pudesse aumentar êsse esmorecimento, sinto que teria havido para mim o *dever* de abster-me.

"Eis onde queria chegar: falar-vos desta questão de posse, que constitue para certos espíritos toda a questão de fidelidade. E', segundo penso, uma falsa idéa; é possível ser-se mais ou menos infiel; mas, quando nos deixamos invadir a alma e concedemos a mais simples caricia com o sentimento do amor, a infidelidade já está consumada e o resto é menos grave, pois, quem perdeu o coração, perdeu tudo. Seria melhor perder o corpo e conservar a alma intacta. Assim, *em princípio*, creio que uma consagração completa da nova união não agrava muito a falta; mas, *de facto*, é possível que a feição se torne mais humana, mais violenta, mais imperiosa, depois da posse. E' mesmo provável, é mesmo certo. Eis porque, quando se quer viver junto, é preciso não ofender a natureza e a verdade, recuando ante uma união completa; mas, quando se é forçado a viver separadamente, abster-se é de prudência, e, por conseguinte, é de dever e de verdadeira virtude, que é o sacrifício. Não tinha ainda refletido sèriamente sôbre isso e se êle o pedisse, em París, teria cedido, por fôrça dessa retidão natural que me faz odiar as precauções, as restrições, as falsas distinções e subtilezas de qualquer gênero. Mas vossa carta me faz pensar em pôr a pique essa resolução. Aliás, o que experimentei de confusão e de tristeza, reencontrando as carícias de M(allefille), o que me faltou de coragem para occultá-

lo, é também para mim uma advertência. Seguirei, pois vosso conselho, meu caro amigo. Possa êsse sacrifício ser uma forma de expiação da espécie de perjúrio que cometí.

"Digo sacrifício, porque me será penoso ver êste anjo sofrer. Até aquí teve êle bastante fôrça; mas eu não sou uma criança. Bem via que a paixão humana fazia nele rápidos progressos, e que era tempo de nos separarmos. Eis porque, na noite anterior à minha partida, não quis ficar com êle, e quasi vos despedí.

"E visto que vos digo tudo, quero dizer-vos que uma só coisa nele me desagradou: é que êle próprio tivera más razões para abster-se. Até então, achava belo que se abstivesse, em respeito a mim, por timidez, mesmo por fidelidade a uma outra. Tudo isso era sacrifício, e, portanto, energia e castidade bem entendidas. Era o que nele mais me encantava e seduzia. Mas, em vossa casa, no momento de nos deixar, e, como querendo vencer uma última tentação, êle me disse duas ou três palavras que não corresponderam a minhas idéas. Pareceu-me escandalizar-se, à maneira das devotas, com as materialidades *humanas*, enrubescer às tentações que tivera, e recear manchar nosso amor por um transporte a mais. Este modo de encarar o último contacto amoroso sempre me repugnou. Se êste último contacto não for uma coisa tão santa, tão pura, tão consagrada quanto o resto, não ha virtude em abster-se dele. Esta expressão de amor físico, da qual a gente se serve para exprimir o que não tem nome senão no céu, *me desa-*

grada e *me choca*, ao mesmo tempo, como uma impiedade e uma idéa falsa. Pode haver, para as naturezas educadas, um amor puramente físico, e, para as naturezas sinceras, um amor puramente intelectual? Haverá jamais amor sem um único beijo, e um beijo de amor sem volúpia? Desprezar a carne não pode ser sábio e útil senão para com seres que não sejam mais do que carne; mas para com quem se ama, não é da palavra *desprezar*, mas do termo *respeitar* de que se deve servir, quando a gente se abstém.

"Não serão êsses, todavia, os termos de que êle se serviu. Já não me lembro bem. Disse, creio, que *certos factos* podiam corromper a recordação. Não é, pois, uma estupidez o que êle disse, talvez sem pensar? Qual é então a desgraçada mulher que lhe deixou do amor físico semelhantes impressões? Teve êle então uma companheira indigna? Pobre anjo! Deviam ser enforcadas todas as mulheres que aviltam aos olhos dos homens a coisa mais respeitavel, mais santa da criação, o divino mistério, o acto mais sério da vida, o que ha de mais sublime na vida universal. O imã atraí o ferro; os animais se unem uns aos outros pela diferença de sexo; os vegetais obedecem ao amor e o homem, que, só êle no mundo, recebeu de Deus o dom de sentir divinamente o que os animais, as plantas e os metais sentem materialmente; o homem, no qual a atração eléctrica se transforma numa atração sentida,compreendida, inteligente, só o homem contempla êste milagre que se opera simultâneamente em sua alma e em seu corpo,

como uma necessidade miserável, e fala dela com desprêzo, com ironia, ou com vergonha! E' bem estranho. Desta maneira de separar o espírito da carne, nasceram os conventos e os lugares suspeitos.

"Eis uma carta horrível. Haveis de gastar seis semanas para decifrá-la. E' meu *ultimatum*. Se êle é feliz, ou deve ser feliz por *ela*, *deixai-o* agir. Se deve ser infeliz, *impedí-o*. Se êle pode ser feliz por mim, sem cessar de o ser por *ela*, *poderei eu de minha parte fazer a mesma coisa*. Se êle não pode ser feliz por mim, sem ser desventurado com ela, *é preciso que nos evitemos e que êle me esqueça*. Não ha fugir dêstes quatro pontos. Para isso, serei forte, eu vô-lo prometo, pois trata-se *dele* e se não tenho grande virtude para mim mesma, tenho grande devotamento para o que amo. Dir-me-eis claramente a verdade; conto com isso e espero.

"E' absolutamente inútil que me escrevais uma carta ostensiva. Não somos para essas coisas, eu e M(allefille). Respeitamo-nos demais para nos pedir contas, mesmo pelo pensamento, das minudências de nossa vida...

Tive que ir a París, e não é ainda difícil que, vindo a prolongar-se meus negócios, dos quais se incumbe actualmente M(allefille), deva ir reunir-me a êle. Nada digais ao *menino*. Se eu lá for, avisar-vos-ei, e far-lhe-emos uma surpresa. Em qualquer hipótese, como precisareis de tempo para ter a liberdade de agir, começai a tomar as providências, pois faço questão de vós em

Nohant, êste verão, por mais tempo e o mais cêdo possível. Vereis que aquí vos agradareis; não ha uma só palavra do que receais. Não ha espionagem, não ha maledicência, não ha *província.* Não existe no Departamento uma alma que saiba o que é um Chopin, ou um Grzymala. Ninguém sabe o que se passa em minha casa. Não vejo senão amigos *íntimos,* anjos como vós, que jamais tiveram um pensamento mau sôbre o que amam. Quanto ao *menino,* virá se quiser; mas, neste caso, desejaria ser avisada com antecedência, pois mandarei M(allefille), a París, ou a Genova. Não faltarão pretestos, e as suspeitas nunca lhe virão. Se o *menino* não quiser vir, deixai-o com suas idéas; êle teme o mundo, teme não sei quê. Respeito nos seres que prezo tudo aquilo que não compreendo. Quanto a mim, irei a París em setembro, antes de minha viagem. Conduzir-me-ei para com êle conforme o que me responderes Se não tiverdes a solução dos problemas que vos apresentei, buscai tirá-la dele mesmo, revistai sua alma; preciso saber o que nela se passa. Mas, agora, me conheceis a fundo. Eis uma carta, como não teria escrito duas, em dez anos. Sou tão preguiçosa, e detesto tanto falar de mim! Isto, porém, me evitará falar mais sôbre mim. Já me sabeis de cor e podeis depor a meu *respeito,* quando regularizardes as contas com a Trindade.

"A vós, boníssimo, a vós, de toda a minha alma, se não falei de vós aparentemente, em toda esta longa conversa, é porque me pareceu falar de mim a um outro *eu,* o melhor, o mais caro dos dois, sem dúvida alguma.

GEORGE SAND"

Admiramos, antes de tudo, como conduz a mulher sua batalha, de tal sorte, que ela fica necessàriamente vitoriosa, sejam quais forem os ataques ou as respostas do adversário. Tudo é previsto, arranjado, admitido, menos não se tornar êle o amante de George Sand. De resto, bem devia ela saber que esta *Rússia* que fingia temer, havia deposto as armas e que Chopin a tinha banido de seu coração altivo. Mas uma tal carta, um tão raro documento psicológico, merece figurar integralmente no processo dêste amor. O sêr aí se torna claramente legível, mesmo, talvez, no que julga esconder; aí se encontra inteligência, aí se sente a bondade um pouco pesada, de novo maternal; aí se admira o desejo de lábios húmidos de uma mulher de trinta e quatro anos pelo *menino* de vinte e oito, que aparentava ainda menos, e embriagava com sua pureza, com a qual enlouquecia de amor esta voluptuosa. A isso chamava ela "cumprir seu dever". Tudo depende de bem escolher as palavras. Confessava ela também: "Era-me necessário amar, ou morrer", o que é menos pretensioso.

Digamos, enfim, que o próprio Chopin solicitava uma bela ternura generosa após o pobre e sêco romance que acabara de lacrar num pequeno pacote. Tinha necessidade também de cuidados.

George começou por enviá-lo ao doutor Gaubert, que o auscultou e jurou que não estava tísico. Mas precisava de ar, de passeio, de repouso. Puseram-se, pois, os novos amantes em busca de uma solidão.

E logo se ouviu dizer em París que a romancista havia partido com seus três filhos — Mauricio, Solange e Chopin, para as ilhas Baleares.

XI

O Convento de Valdemosa

Na verdade, marcaram êles encontro em Perpinhão, pois à alma delicada de Chopin desagradava apregoar sua partida e proclamar esta boa sorte retumbante. Talvez também George quisesse poupar o orgulho do pobre Mallefille. Partem, pois, cada um de seu lado, e reunem-se em Perpinhão, nos dois ultimos dias de outubro. George é feliz, tranquila. Viajou lentamente, visitou amigos em caminho, passou por Lyão, Avinhão, Vaucluse e Pont-du-Gard. Além do mais, não se trata, para ela, tanto de viajar, como de partir, de procurar, — como sempre diz nessas ocasiões — algum ninho para amar, ou algum abrigo para morrer. Mal se lembrará, sem duvida, de haver feito o mesmo trajeto com Musset, quatro annos antes, quando encontraram o gordo Stendhal-Beyle a bordo do vapor. Quanto a Chopin, não se deteve em caminho: quatro dias e qua-

tro noites de diligência heròicamente suportados. Assim, desembarcava êle vivaz e còrado.

Apenas Grzyala, Matuszynski e Fontana estão ao par desta viagem, que êle faz questão de ocultar até a seus parentes da Polônia. Quanto à correspondência, Fontana encarrega-se de ser intermediário. Chopin tem algum dinheiro no bolso, pois vendeu a Pleyel seus *Prelúdios* por dois mil francos, dos quais recebeu uma quarta parte.

Então, embarcam todos para Barcelona, a bordo do *Phénicien*, sôbre "o mar mais azul, mais puro e mais tranquilo; dir-se-ia um mar da Grécia, ou um lago da Suiça, no mais belo dia", escreve George a sua amiga Marliani, pouco antes da partida. Parada de alguns dias em Barcelona, onde visitam as ruínas do palácio da Inquisição. Depois, novo embarque no *El Mallorquin*.

Faz-se a travessia por uma noite fosforecente e tépida. A bordo, tudo dorme, excepto Chopin, Sand e o timoneiro que canta, com uma voz "tão doce e tão medida", que êle próprio parece meio adormecido. Chopin escuta esta melopéa que se assemelha a suas vagas improvisações. "A voz da contemplação" — diz George.

Aportam a Palma de Maiorca, pela manhã, diante de uma encosta escarpada, cujo cimo é rendilhado de áloes e palmeiras. Mas, verificando com espanto que não existe hotel, nem quartos onde pudessem instalar-se, vão procurar o cônsul da França, e graças a êle conseguem descobrir a casa de um certo *señor* Gomez. Esta é situada fora da cidade, num vale de onde se avista Palma, ao longe, com suas muralhas amarelas e sua catedral. Êste oasis desconfortável, que é mistér mobilar e prover de todos os accessórios, denomina-se a *Casa do Vento*. Aí ficam os viajantes, a princípio, sem entusiasmo.

"O céu é de turqueza, — escreve Chopin a Fontana — o mar de lapis-lazuli, as montanhas de esmeralda. O ar é como o céu. De dia, ha sol, faz calor e toda a gente se veste como no verão. A' noite, por toda a parte se ouvem cantigas e guitarras, durante horas e horas. Enormes balcões, de onde transbordam parreiras; casas árabes... A cidade, como tudo aquí, lembra a África. Em resumo, vida deliciosa. Meu caro Júlio, vai ao Pleyel, pois o piano ainda não chegou. Por que via o expediram? Dize-lhe que logo receberá os *Prelúdios*. Viverei provàvelmente num admirável convento, no mais belo país do mundo: o mar, montanhas, palmeiras, um cemitério, uma igreja das Cruzadas, uma ruína de mesquita, oliveiras milenárias... Ah! meu caro amigo, agora gozo um pouco mais a vida; estou perto do que ha de mais belo no mundo; sou um homem melhor".

Esta *Casa do Vento* é alugada por cem francos mensais. Como, porém, não corresponda ela integralmente a seu apetite de isolamento, visto quererem êles algo de mais artístico, de mais raro, obtêm, mesmo no Convento de Valdemosa, a duas léguas dali, três cômodos e

um jardim cheio de laranjeiras, por trinta e cinco francos ao ano. "E' a poesia, é a solidão, tudo o que ha de mais *requintado* sob o céu; e que céu! que país! Estamos deslumbrados" — escreve Sand. Logo esta alegria se traduz em longos passeios. Chopin esfalfa-se, machuca os pés nos cascalhos dos caminhos, resfria-se desde a primeira chuva. Apenas chegado ha alguns dias, é obrigado a guardar o leito com uma forte bronquite. E a tuberculose, reprimida por um tempo, recrudesce, a despeito de uma temperatura de 18 graus, a despeito das rosas, dos limoeiros, das palmeiras e das figueiras em flor. "Os três médicos mais célebres da ilha se reuniram em conferência: um farejava o que eu havia expectorado; outro, martelava o lugar de onde eu tinha expectorado; o terceiro auscultava enquanto eu expectorava. Disse o primeiro que eu rebentaria; o segundo, que eu rebentaria; e o terceiro, que eu já tinha rebentado. Entretanto, vivo como vivia antes... Não posso perdoar a Jeannot (Matuszynski) por não me haver dado indicação alguma referente a este estado de bronquite aguda que êle devia ter previsto em mim. Foi a muito custo que logrei escapar de suas sangrias, vesicatórios e outras operações semelhantes. Graças a Deus, voltei a ser eu mesmo. A doença, porém, prejudicou-me os *Prelúdios*, que receberás sabe Deus quando... Dentro de alguns dias, irei morar no lugar mais belo do mundo: mar, montanhas, tudo o que se pode desejar. Iremos viver num velho mosteiro imenso, em ruínas, abandonado pelos cartuxos, que Mendizabal parece ter expulso expressamente para mim. E' muito perto de Palma e não ha nada mais maravilhoso: celas, um cemitério dos mais poéticos... Enfim, sinto que lá estarei bem. Só me falta ainda o piano. Escreverei diretamente a Pleyel, para a rua Rochechouart. Reclama-o e dize-lhe que caí doente no dia seguinte ao de minha chegada, mas agora vou melhor... Fala pouco, em geral, sôbre mim, sôbre meus manuscritos... Não digas a ninguém que estive doente; não fariam outra coisa que matraquear sôbre o caso".

Temos George em cena. Já tem ela de que ocupar-se. Ela escreve, cuida da casa, tão bem como de seus romances, especula pelas boticas da pequena cidade, dá lições a seus dois filhos, e trata do terceiro, que a reclama a cada passo. "Êle se refaz dia a dia, e espero que ficará melhor que antes. E' um anjo de doçura e de bondade". Mas a vida material torna-se cada vez mais difícil. Ha falta de tudo, até de colchões, roupas e panelas. E' preciso comprar uma mobília de ocasião, escrever a Buloz, diretor da *Revue des Deux Mondes*, fazer um empréstimo. Logo se torna inhabitável a *Casa do Vento*. As paredes são tão delgadas que, sob as chuvas de outono, a caliça incha como esponja. Não ha fogão, naturalmente, como em todos os países por assim dizer quentes; e um manto de gêlo desaba sôbre os ombros dos viajantes. E' preciso recorrer ao calor asfixiante dos *braseros*. O enfêrmo entra a sofrer muito, tosse continuadamente, mal se alimenta, pois não

suporta as comidas da terra, e George vê-se na contingência de fazer ela mesma a cozinha. "Enfim, — escreve ela ainda a sua amiga Marliani — nossa viagem aquí sob muitos pontos de vista, foi um fracasso espantoso. Mas aquí estamos. E não poderiamos sair sem nos expor à nova estação e sem fazer novas despesas, umas sôbre outras. Demais, empenhei muita coragem e perseverança estabelecendo-me aquí. Se a Providência não me provar muito, é de crer que o mais difícil esteja feito, e que logo colheremos o fruto de nossas penas. A primavera será deliciosa: Maurício recobrará sua boa disposição. Solange está quasi sempre encantadora, depois do enjôo; Maurício acha que ela vomitou todo o veneno que tinha".

O doente, escondido no fundo da peça menos húmida, torna-se objeto de horror e de receio para a população. Todos se recusam a serví-lo. O *señor* Gomez, sabendo que se trata de uma afecção do peito, exige a partida dos locatários, depois de uma rebocadura e recaiação completa da casa, à custa deles, e uma penhora da rouparia e mobiliário. Intervém o cônsul e hospeda a miserável colônia durante alguns dias. Por fim, a 15 de dezembro, por uma bela manhã, tomam o rumo do Convento. Antes de partir, Chopin escreve de novo a Fontana: "Trabalharei na cela de algum velho monje que, talvez, tivesse mais fogo do que eu na alma, e, não sabendo o que fazer dele, o moderasse e abafasse... Penso poder, dentro em pouco, enviar-te meus *Prelúdios* e a *Balada*.

Quanto a George Sand: "Jamais esquecerei, — escrevia ela mais tarde, em seu *Inverno em Maiorca*, — uma certa sinuosidade do desfiladeiro, onde, voltando-se, a gente avista, no cimo de um monte, uma dessas casinhas árabes que descreví, meio oculta por entre figueiras e uma grande palmeira que se debruça sôbre o abismo, desenhando sua silhueta no espaço. Quando a visão da lama e da cerração de París me enche de tédio, fecho os olhos e revejo, como num sonho, essa montanha verdejante, êsses rochedos fulvos e essa palmeira solitária pendurada num céu côr de rosa".

O Convento de Valdemosa... Só êste nome, associado ao de Chopin e de Sand, nesta natureza africana, encerra uma imagem que não é sòmente romântica e pitoresca, mas fixada como um poema. Foi o lugar de sua doentia volúpia. Amamos ainda a visão dêste lugar, combinada com as músicas em que êste genial tuberculoso vasou sua angustiada ternura. Que seria, pois, a Maiorca, na história do sonho humano, sem êste acampamento no chuvoso inverno de 1838? Esta ilha desprezada tem por unico valor o convento que serviu de prisão durante dois meses a um amor sem esperança, pois, mesmo procurando-se bem nas entrelinhas de seus anais, não se encontra nenhuma felicidade. Em vão experimenta George soprar sôbre seu fatigado coração, dele não sai mais que um carinho compadecido, cheio das nostalgias que lhe traz, às lufadas, a lembrança das terríveis delícias venezianas. E Chopin, alquebrado por mil pequenos sofrimentos, varão deficiente

e glorioso, dia a dia sente escaparem-se-lhe as fôrças necessárias ao prazer. De uma e de outra parte predominam os nervos. Só o trabalho os alivia; e a solidão, reunindo-os, satura-os de fraternidade.

Valdemosa é todo um amontoado de construção. Podia alojar-se aí um corpo de exército. Ha a habitação do superior, as celas dos irmãos conversos, as dos leigos, e os três claustros que constituem o mosteiro pròpriamente dito. Mas tudo é vazio, abandonado. O claustro mais antigo é do seculo XV, bordado de janelas góticas, por onde trepam as plantas. Ao centro se encontra o velho cemitério dos cartuxos, sem monumentos, nem inscrições. Alguns ciprestes emolduram uma grande cruz de madeira branca e uma cisterna ogival, ao pé da qual brotaram um loureiro e uma palmeira anã.

Um faunesco sacristão guarda ciosamente as chaves de todas estas celas fechadas. Se bem que muito feio, êste gordo sátiro havia feito mal a uma jovem que fazia uma estação de alguns meses por estes ermos. E diz, justificando-se, que o Estado não o encarregara de guardar senão as virgens pintadas...

Os novos claustros, cercados de buxos, encerram doze capelas e uma igreja com guarnições de madeira esculpidas, e pavimentada de ladrilhos hispano-árabes. Um São Bruno de pau, pintado, de um estilo todo rústico, é o único objeto de arte do templo. São curiosos o desenho e o colorido, e George Sand descobre nesta cabeça uma sublime expressão de fé, e nas mãos um movimento de invocação piedosa e comovente. "Duvido, — disse ela — que jamais o santo fanático de Grenoble tenha sido compreendido e interpretado com um sentimento tão profundo e tão ardente... Eis aí a personificação do ascetismo cristão". Quanto ao mais, a igreja é desprovida de órgão, como exige a regra dos cartuxos.

Sand, Chopin e as crianças ocupam três celas espaçosas, abobadadas, cujas paredes têm tres pés de espessura. Abrem-se para o sul, dando para um páteo plantado de romeiras, limoeiros e laranjeiras. Êste páteo de verduras e perfumes é riscado de alamedas atijoladas. E nos umbrais dêste jardim silencioso, Chopin escreve a Fontana, três dias depois do Natal:

"Podes imaginar-me assim: entre o mar e as montanhas, num grande convento abandonado, numa cela de portas mais altas que as portas de París; despenteado, sem luvas brancas, mas pálido como ordinàriamente. A cela parece um ataúde: alta, com um tecto empoeirado. As janelas são pequenas... Minha cama é colocada em frente às janelas, sob um florão mourisco filigranado. Ao lado da cama, uma coisa quadrada semelhante a uma escrivaninha, cujo uso é muito problemático; em cima, um pesado castiçal (o que é um grande luxo), com uma vela minúscula. As obras de Bach, minhas garatujas, manuscritos que não são meus, — eis todo meu mobiliário. Pode-se gritar bem alto, sem que ninguém oiça; em resumo, escrevo-te de um lugar bastante estranho. A lua esta noite está maravilhosa;

nunca a vi tão bela... Aquí a natureza é benéfica, mas os homens são ladrões. Não estão habituados a tratar com estrangeiros, e por isso não sabem o que lhes podem exigir. Assim, dão de graça uma laranja, mas, por um botão de calça, pediriam uma soma fabulosa. Sob êste céu, sente-se a gente penetrada por um sentimento poético que parece emanar de todo o ambiente. Pairam águias todos os dias sôbre nossas cabeças, sem que ninguém as incomode".

Mas, por mais que procure agradar-se, esta moldura um pouco soberba não convém a Chopin. Tem êle demasiadamente o gôsto dos costumes íntimos, dos objetos requintados, para que se sinta á vontade nestas salas desguarnecidas, onde o espírito não acha em que repousar. De resto, cairam êles, infelizmente, em plena estação das chuvas, que, na Maiorca, são verdadeiros dilúvios. O ar é tão impregnado de chuva, que a gente se arrasta pesadamente em meio da humidade. Maurício e Solange vão bem, "mas o pequeno Chopin está bem abatido e sempre tosse muito. Espero para êle a volta do bom tempo, que não pode tardar".

Afinal, chegou o piano: alegria que resulta em todos os perdões. Chopin trabalha, compõe, estuda. "Regozijam-se as abóbadas do Convento. E tudo isso não é profanado pela admiração dos idiotas. Não vemos um gato sequer", salvo os naturais do país, homens supersticiosos e curiosos, que sobem, uns atrás dos outros, para êste mosteiro guardado por um monje e alguns luciferes. Para vê-los, vêm eles fazer benzer os animais. E' a festa das mulas, cavalos, burros, cabras e leitões. "Verdadeiros animais, êles mesmos, — diz Sand, — fétidos, grosseiros e poltrões; e apesar disso, soberbos, muito bem trajados, tocando guitarra e dansando o *fandango*. Eu passo por ter parte com o diabo porque não vou à missa, nem ao baile, e por que vivo só na montanha, ensinando a meus filhos a radical dos particípios e outras gracinhas... Em meio a tudo isto, o gorgeio de Chopin, que vai lindamente, e que as paredes da cela ficam espantadas de ouvir".

Certa noite, êles têm um alarme, e uma aparição lhes faz eriçar os cabelos. A princípio, um barulho inexplicável, como o de milhares de sacos de nozes despejadas sôbre o soalho. Lançam-se para fora das celas, para ver, mas o claustro está deserto como de costume. O ruído, entretanto, se aproxima. Logo, uma tênue claridade alumia as abóbadas, aparecem tochas e, numa fumarada rubra, surge um batalhão de seres abomináveis: um diabo chefe, chifrudo, todo negro, rosto côr de sangue; diabinhos com cabeça de ave, diabas e pastoras com roupas brancas e vermelhas. São os aldeões que festejam sua têrça-feira gorda e vêm dar seu baile numa cela. O rumor que acompanha a procissão é o das castanholas, que os meninos fazem bater num ritmo continuado e monótono, que êles de repente interrompem, para cantar uma *coplita*, sôbre uma frase musical que recomeça sempre e parece nunca mais acabar. Tudo isto sacode os nervos do pobre Chopin. Sobretudo, quando Maurício e Solange desaparecem nas pro-

fundezas sonoras do mosteiro, e quando George o abandona para fazer excursões durante dias inteiros. O claustro deserto então lhe parece cheio de fantasmas.

Voltando de suas explorações noturnas pelas ruínas, George surpreende-o diante do piano, pálido, o olhar perdido; e êle leva alguns instantes para reconhecê-la. Mas é assim, depois, ou durante essas crises de exaltação nervosa, que êle compõe algumas de suas mais belas páginas.

Sand afirma que diversos dos *Prelúdios* nasceram dessas angústias. "Um dêstes, — conta ela — lhe veio por uma dessas lúgubres noites de chuva que derramam na alma um abatimento horrível. Nós o tinhamos deixado bem disposto êsse dia, eu e Maurício, para ir a Palma comprar algumas coisas necessárias ao nosso acampamento. Sobreveio a chuva, transbordaram as torrentes; tinhamos feito três leguas em seis horas para voltar ao lugar da inundação, e chegámos em plena noite, descalços, abandonados pelo cocheiro, através de perigos inauditos. Nossa pressa era devida à inquietação do enfêrmo, que, de facto, fôra enorme, mas se havia congelado numa espécie de tranquilo desespêro. Tocava êle seu admiravel prelúdio, chorando, quando nos viu entrar; levantou-se com um grito e depois exclamou, com ar desvairado e um tom estranho: "Ah! bem sabia que vocês tinham morrido!" Quando voltou a si, e viu o estado em que nos achavamos, ficou acabrunhado com a visão retrospectica de nossos perigos; em seguida, porém, confessou-me que, esperando por nós, vira

tudo aquilo em sonho, e não mais distinguindo o sonho da realidade, acalmara-se e, como que adormecido, a tocar, persuadira-se de que também êle estava morto. Via-se afogado num lago; pesadas e geladas gotas de água lhe caíam ritmadas sôbre o peito. Quando o fiz escutar estas gotas de água que realmente caíam no tecto, negou que as tivesse ouvido, zangou-se mesmo por eu as traduzir pela expressão de harmonia imitativa. Protestava com todas as fôrças — e tinha razão — contra a puerilidade dessas imitações de ouvido. Seu gênio estava cheio das misteriosas harmonias da natureza, refletidas em seu pensamento musical por sublimes equivalentes, e não por uma servil repetição de sons exteriores. Sua composição dessa noite era bem cheia das gotas de chuva que ressoavam sôbre as telhas sonoras do Convento, gotas que, entretanto, se traduziram em sua imaginação e em seu canto por lágrimas caindo-lhe do céu sôbre o coração".

Investigou-se qual poderia ter sido êste *Prelúdio*. Uns designaram o de n.º 6, em si menor; outros, o de n.º 8, em fá sustenido menor, ou o de n.º 15, em ré bemol maior, ou o 17, ou ainda o 19. A nosso ver, não ha dúvida possível. Trata-se mesmo do 6.º *Preludio*, onde a gota da dor cai com uma lentidão e uma regularidade inexoráveis sôbre o crânio do homem. Mas pouco importa, afinal. Cada qual o encontrará onde quiser, segundo sua própria imaginação. Deixemos à música êsse singular prestígio de mais se adaptar a nós, do que nós mesmos a ela; de ser o Ariel que serve a nossa fan-

tasia. E' o caso de lembrar a frase de Beethoven: "Deves criar tudo em ti mesmo". Liszt, tão amigo de psicologia e de estética, disse que, como verdadeiro musicista, Chopin se contentava com extrair o *sentimento* dos quadros que via, desprezando a plástica, "o bagaço pitoresco que se assimilava à forma de sua arte e não pertencia a sua esfera mais espiritualizada". Depois, retornando a êste crepúsculo chuvoso em que seu amigo compusera tão bela melodia, inquire êle se George Sand teria sabido ver aí a agonia amorosa de Chopin, a febre desta alma superexcitada; se o gênio desta mulher masculina teria sabido penetrar "as mais humildes grandezas do coração, êsses holocaustos de si mesmo, que têm o direito de chamar-se devotamento". E' provavel que não. Nenhum canto inspirou ela ao passaro maravilhoso. O único que lhe veio dela, é êste momento de dor e de angústia.

No dia seguinte, êle tocou de novo, comentou, aperfeiçoou essa expressão única esvaída de seu íntimo. Ela porém, não a compreendeu melhor. Nisso se revela tudo o que havia de incompatível entre essas duas naturezas. "Seu coração — diz Liszt — estalava à idéa de perder aquela que lhe restituira a vida. O espírito dela não via mais que um passa-tempo divertido numa aventura cujo perigo não contrabalançava o atrativo da novidade. Que de extraordinário, pois, pode haver em que estes episódios de sua vida francesa seja o único do qual se encontre uma impressão nas obras de Chopin? Depois disso, separou em sua vida duas partes distintas. Continuou por muito tempo a sofrer no meio demasiadamente realista, quasi grosseiro, em que tinha engolfado seu temperamento frágil e sensitivo; por outro lado, furtava-se ao presente, para ir às regiões intangíveis da arte, refugiando-se mesmo entre as saudades de sua primeira mocidade, em sua querida Polônia, a qual immortalizava em seus cantos".

*
* *

Não tarda Chopin em tomar horror à Maiorca. Demais, pouco aproveita o campo, e menos ainda êste Convento espanhol, onde sua imaginação não encontra aquele aconchêgo tépido e citadino, em meio do qual sómente, pode expandir-se. Seu espírito é esfolado vivo; "a curva de uma pétala de rosa, a sombra de ûa mosca fazem-no sangrar". Morre de impaciência pela partida. E Sand, também ela, confessa que "estes intervalos poéticos que se lhe abrem na vida são apenas lapsos de transição, um repouso concedido ao espírito, antes de retomar o *exercício das emoções*". Sublinhamos estas palavras para a definição dos caracteres. Para esta mulher cheia de ilusão, Valdemosa é um entre-acto poético. Já ela não cuida senão de retomar o exercício de suas sensações, ao passo que, para Chopin, a vida está finda, suas emoções esgotadas. Só ha um bem ao qual aspira: o imenso repouso do trabalho.

"Pelo amor de Deus, escreve", ordena êle a Fon-

tana. "Envio-te os *Prelúdios*. Recopia-os com Wolf. Penso que não têm êrros. Darás uma cópia a Probst (editor), e o manuscrito a Pleyel. Com os 1.500 francos que Pleyel te entregar, pagarás o aluguel de meu apartamento até 1.º de janeiro, isto é, 450 francos; desistirás dele, se puderes achar outro para o mês de abril..."

Isto rescende a regresso, como um perfume de París. E' que no Convento a vida se torna verdadeiramente insuportável. Uma criada os abandona, jurando que êles são pestíferos. Encontram todas as dificuldades do mundo para obter alimento, dada à má fé dos nativos, que lhes cobram por todas as coisas dez vezes o que elas valem. Furtam-lhes o escasso leite de cabra destinado a Chopin. Ninguém quer servir o doente, cuja saúde vai peorando. Até suas roupas emboloram no corpo. Só resta fugir desta terra de coração empedernido.

Finalmente, fazem as malas, fecham as caixas e vêem recusar-se-lhes uma carruagem para irem a Palma. São obrigados a fazer três leguas em *birlocho*, uma espécie de carroça. Chopin mal pode respirar. Em Palma assaltam-no hemoptises terríveis. Não obstante, embarcam no único navio da ilha, onde ronca já uma centena de porcos. Ao artista é dado o peor leito, sob o pretêsto de que será preciso queimá-lo depois. No dia seguinte, em Barcelona, êle escarra bacias de sangue e arrasta-se como um espectro. Mas é o fim de suas misérias. O cônsul e o comandante da estação marí-

tima francesa hospitalizam-nos e fazem-nos baldear para um brigue de guerra, *Méléagre*, cujo médico logra estancar a hemorragia de Chopin.

Descansa oito dias no hotel. Em 15 de fevereiro de 39, George escreve à sra. Marliani: "Minha querida. Eis-me em Barcelona. Queira Deus que logo saia daquí e nunca mais ponha os pés na Espanha! E' um país que não me convém em caso algum... Leia a Grzymala o que se refere a Chopin, e que êle não fale mais sôbre o assunto, pois, com as boas esperanças que me dá o médico, é inútil alarmar a família."

Alguns dias após, desembarcam em Marselha. E' a felicidade.

"Enfim, querida, eis-me em França... Mais um mês, morreríamos na Espanha, Chopin e eu; êle, de melancolia e desgôsto; eu, de raiva e indignação. Feriram-no no lugar mais sensível do coração, atravessaram de alfinetadas um sêr que sofria sob meus olhos; jamais os perdoarei e se escrever sôbre êles, será com fel."

E a Francisco Rollinat, o verdadeiro confidente de sua vida:

"Caro amigo. Não desejaria saber que tenhas sofrido tanto quanto eu, durante esta ausência..."

Eis aí o belo regresso desta lua de mel.

XII

"If music be food of love, play on"

Shakespeare

Escrevia Nietzsche a uma sua amiga, num tenebroso dia: "Esperar: não é uma obra de arte?" Desembarcando em Marselha, nas vésperas da primavera de 1839, Chopin e George Sand fazem obra de artista, pois que esperam, pois que estão cheios dêste inexplicável entusiasmo que dão as coisas mais vulgares em certas horas predestinadas. Um nada lhes basta: uma carta esperada, um rosto formoso, a sombra de uma igreja numa rua, as palavras tranquilizadoras de um médico anunciando a aurora de uma convalescença, que, aliás, lhes vai secar o amor quasi decomposto, e amadurecê-lo, transmudando-o numa amizade serena e duradoura.

E' suficiente, às vezes, uma paisagem ao acaso para mudar todo o ritmo de suas almas.

Em Maiorca, poder-se-ia figurar que o Convento abandonado fôsse uma espécie de purgatório, de onde

Sand explorava os infermos, ao passo que o enfêrmo se sentia ascender para o céu. "Êste Chopin é um anjo — escrevera George; — em Maiorca, estando doente ao ponto de morrer, fez música que transcêndia a paraiso. Mas estou tão habituada a vê-lo no céu, que me parece não ter significação alguma para êle a vida ou a morte. Nem sabe êle ao certo em que planeta vive."

Em Marselha, boa cidade de droguistas, perfumistas, negociantes de sabão, pisa-se em terra novamente. Instalam-se no hotel de Beauvau, procuram um médico, e decidem esperar o verão no sul. Não é sem algum aborrecimento que se resolvem a isso, mas o próprio tédio contribue para o repouso tão necessário após as fadigas dessa frustrada viagem de amor. De resto, é preciso entrincheirar-se contra o vento noroeste e os importunos que se introduzem por todas as portas. E êles se fazem passar por mortos. O doutor Cauvières ausculta Chopin regularmente, manda-o usar vesicatórios, põe-no em regime e declara-o em vias de convalescença. Pode recomeçar a tocar, a andar, a falar como toda gente, depois que sua voz, desde algumas semanas, não era mais que um sôpro. Dorme muito. Ocupa-se da edição de suas obras. Escreve a Fontana a respeito de suas dedicatórias e discute com êle o preço de suas novas composições. Pois é preciso pensar no futuro, no apartamento parisiense que está resolvido a retomar: "Levarás a Schlesinger os 500 francos que receberes de Probst pela *Balada*. Schlesinger procura ludibriar-me, mas êle ganha bastante comigo;

sê delicado para com êle." "Dir-lhe-ás que dou a *Balada* para a França e a Inglaterra por 800 francos, e as *Polonesas* para a Alemanha, a Inglaterra e a França, mediante 1.500 francos."

Irrita-se; resiste aos editores e nada quer ceder. "Quanto ao dinheiro, deves fazer um contrato explícito e não entregar os manuscritos senão mediante dinheiro à vista..." "Preferiria dar meus manuscritos, como antigamente, a baixo preço, a curvar-me perante êsses..."

Em abril, volta êle à carga: "Guarda tudo até minha chegada, visto serem êles tão judeus. Vendí os *Prelúdios* a Pleyel e ainda não recebí senão 500 francos. Êle tem o direito de fazer deles o que quiser. Quanto às *Baladas* e às *Polonesas*, não as vendas a Schlesinger, nem a Probst... Retoma-as... Basta. Basta para mim e para ti. Minha saúde vai melhorando, mas estou de mau humor. Não é por minha culpa que sou semelhante a um cogumelo, que envenena quem o desenterra e come. Bem sabes que nunca fui útil a ninguém, nem a mim... Em resumo, continuam a não me tomar por um doente do peito. Não bebo café, nem vinho; apenas leite. Vivo agazalhado e pareço uma senhorita."

No mês de março, morrera em Napoles o famoso cantor Nourrit; dizia-se que se havia suicidado. Seu corpo foi conduzido a Marselha no mês seguinte, e organizou-se um serviço fúnebre na igreja de Nossa Senhora do Monte. Para homenagear a memória dêste

amigo, que tantas vezes encontrara em casa de Liszt, e até recebera em sua casa, Chopin consente em ir para o órgão durante a elevação. Embora desafinado e gritante o instrumento, Chopin consegue tirar todo o partido possível. Tocou *Os Astros* de Schubert, que Nourrit havia cantado pouco tempo antes, em Marselha; e, renunciando a todo efeito, o artista interpreta esta melodia nos registros mais suaves. George está na tribuna do órgão com alguns amigos, e seus belos olhos se enchem de lágrimas. O público não reconhece a romancista nesta humilde pessoa vestida de preto.

No mês de maio, Chopin está bastante vigoroso para empreender com sua companheira uma curta viagem a Genova. Visitam os palácios, os jardins suspensos, os quadros. Pensará ela na viagem de ha quatro anos, quando abordou com Musset, pela primeira vez, esta terra italiana? Será, talvez, Genova a única terra onde seu amor não fôsse perturbado? Escreveu ela que revê-la foi um prazer. Não sei se é sincera, mas a palavra soa muito mal. Nota-se, porém, como que um traço de fadiga nesta confissão, feita, na volta, à sra. Marliani: "Já não gosto de viagens, ou antes, *já não estou nas condições em que poderia gostar delas.*"

E' de crer também que Chopin tudo ignorasse dessa primeira estada em Genova, pois, para um coração sombrio, semelhante visão teria sido horrível.

Em 22 de maio, deixam êles Marselha e põem-se a caminho para Nohant, onde contam passar todo o verão. Após uma semana de solavancos, chegam final-

mente a esta larga e bem cultivada Berry, "semeada de grandes nogueiras redondas" e recortada de atalhos cheios de sombra, que tanto George aprecia. De súbito, é a vila modesta, a igreja, com seu telhado de ardósia, e, bem na orla da praça, o castelo. Um castelo rústico, que simboliza a dupla origem — real e plebéa — desta mulher de trinta e cinco anos, que a Europa admira, e reconduz ao ninho seu *filho*, seu novo filho, jovem nobre e diáfano, que parece caído nestes velhos campos franceses como um passaro marinho.

Preciosa mulher, és digna de admiração, pelo tempo de repouso que concedeste a esta bela alma extenuada! Bem se sabe que lhe foste má, algumas vezes, pois que eras sadia, ardente, e, além do mais, curiosa por aquela mente inviolável e aqueles membros sem desejo. Mas bem se viu também que desempenhavas teu papel de enfermeira. "De quem cuidarei?" — escrevias quando teu outro doente te abandonou por não mais suportar os sofrimentos em que afogavas teu desejo. Preciosa mulher, embora! E' preciso não te julgar segundo as medidas comuns, a ti que tiveste o sangue quente e o coração sempre satisfeito, ao sentí-lo faminto. O enorme labor que produziste não foi mais que o derivativo de tuas energias. Carregaram-te de trabalhos. Fatigaram-te como a um homem. Jamais achavas demasiadamente estúpidas essas horríveis tarefas do espírito, por onde se pretendia arrancar-te uma moral elástica e libertária, ao passo que não eras feita senão para o amor, a materndade e a velha ordem

humana. Tudo isso é um pouco irrisório e triste, como a verdade. Deve-se, entretanto, agradecer-te por haveres de algum modo arruinado um pouco Musset e abatido êste elegante tão susceptível às dores insignificantes. Não te culparemos, como tantos outros, por teres prejudicado a Chopin. Tu o disputaste à doença por muito tempo. Se ainda o acabrunhaste mais, é que tua própria amizade era penosa. Contudo, era o que de melhor podias dar.

E agora que te vimos entrar em Nohant, com esta nova prêsa de tua ternura, digamos como Shakespeare: *"If music be the food of love, play on."*

Nunca Chopin gostou do campo. Não obstante, êle se dá bem em Nohant. A casa é confortável. Depois de Maiorca e Marselha, é um gôzo ter um quarto grande, roupas finas, ũa mesa cuidada, alguns móveis elegantes. Se bem que seu luxo, êste casarão tem bom aspecto. Aí se está a cômodo, acarinhado, protegido. Um velho amigo de George, o doutor Papet, acorre imediatamente para examinar o doente a fundo. Diagnostica uma afecção chrônica da laringe, prescreve muito repouso, uma longa permanência no campo. Chopin submete-se a êste programa sem dificuldade alguma, e adota uma vida prudente, perfeitamente regrada. Enquanto George se entrega à educação de suas crianças e a sua actividade de romancista, êle corrige uma nova edição das obras de Bach, termina sua *Sonata em si bemol menor*, o *2.º Noturno da op. 37* e quatro *Mazurkas* (op. 41).

Janta-se ao ar livre, entre cinco e seis horas. Depois vêm alguns amigos vizinhos, os Fleury, os Duteil, Duvernet, Rollinat, com quem se palestra e fuma Todos êles testemunham a Chopin, ao primeiro contacto, uma admiração respeitosa. Hipólito Châtiron, irmão consanguíneo de George, que mora com sua mulher nas vizinhanças, espécie de fidalgote bonacheirão e meio bêbedo, toma-se por êle de uma afeição apaixonada.

Quando todos se vão embora, Chopin põe-se ao piano, ao lusco-fusco, depois do que vai para a cama e dorme como uma criança, ao mesmo tempo que Mauricio e Solange. Quanto a George, abre a *Enciclopédia* e prepara a lição do dia seguinte. E' uma verdadeira vida de família, tal como precisamente Chopin a compreende; tal como também lhe é necessária, numa fase de trabalho.

"Estou compondo aquí uma *Sonata em si bemol menor* — escreve êle a Fontana — na qual ficará a *Marcha Fúnebre*, que já está contigo. Ha um *Allegro*, depois um *Scherzo* em mi bemol menor, a *Marcha* e um curto *Finale* de cêrca de três páginas. Depois da *Marcha*, a mão esquerda canta em unísono com a direita. Tenho um novo *Noturno* em sol maior, que acompanhará o *Noturno* em si menor, se te lembras. Sabes que tenho quatro novas *Mazurkas*: uma, de Palma, em si menor; três daquí, em si maior, lá bemol maior, e dó sustenido menor. A mim, parecem bonitas, como os filhos mais novos o parecem aos pais que vão envelhecendo. Além disso, nada mais faço; corrijo eu mesmo uma edição parisiense das obras de Bach; ha não só erros de impressão, como também, creio, erros de harmonia, cometidos por aqueles que pretendem compreender Bach. Não o faço com a pretensão de compreender melhor que êles, mas com a convicção de que adivinho algumas vezes, como as coisas deveriam ser."

Todas as noites, durante a hora de música que Chopin dedica a George, ela escuta em recolhimento. E' uma ouvinte de escol. E' sem dúvida nesses momentos que melhor se compreendem essas duas almas tão pouco penetráveis, uma pela outra. Bem sente ela que Chopin é o tipo extremo do artista; que nunca haverá meio de fazê-lo aceitar nada da realidade; que seu contínuo sonho é muito afastado do mundo, muito pouco filosófico para que ela possa seguí-lo nessas regiões desprovidas de humanidade. E' doce, entretanto, ser objeto da preferência de tal homem; mas também cruel, pois, se Chopin toma em consideração àvidamente a menor claridade que se lhe apresente, "não se dá ao cuidado de ocultar suas decepções à primeira obscuridade." Seu humor fantástico, seus profundos abatimentos, ao mesmo tempo interessam e inquietam o amador de emoções que é George Sand, uma sorte de espanto apodera-se-lhe do coração, à idéa de um novo dever a contrair, se Frederico se instalar definitivamente a seu lado. Ela não tem mais a ilusão do amor. Apavora-se com ter um dia que lutar contra

algum outro amor que pudesse sobrevir e fôsse fatal a êsse pobre sêr que ela arrebatou a êle mesmo. Depois se tranquiliza. Um dever a mais, em sua vida já tão sobrecarregada, não seria precisamente uma defesa contra as tentações? Um ensejo mais forte para alcançar essa austeridade para à qual se sente atraída pela velha inclinação religiosa de que nunca se pôde desfazer? Que decidir? E ela toma provisòriamente o partido de entregar-se aos acontecimentos.

Quanto a Chopin, esta serena felicidade está muito na conformidade de suas fôrças, para que êle pense noutra coisa; êle dá toda a sua ternura; cria; nisso está o belo presente, o único futuro.

Enquanto êle improvisa, George abre um caderno e anota: "O gênio de Chopin é o mais profundo e o mais cheio de emoções que jamais tenha existido. Faz falar a um só instrumento a linguagem do infinito. Sabe resumir em dez pautas, que uma criança poderia tocar, poemas de uma elevação imensa, dramas de um vigor sem par. Nunca tem necessidade de grandes meios materiais. Não precisa de saxofones, nem de fagotes para encher a alma de terrores; nem órgãos de igrejas, nem voz humana para enchê-la de fé e arrebatamento. E' preciso grande progresso no gôsto e na inteligência da arte para que suas obras se tornem populares... Chopin revela fôrça e fraqueza. Sua fraqueza está no próprio excesso dessa mesma fôrça, que êle não pode regular. Sua música é cheia de matizes imprevistos. Algumas vezes, raramente, é bizarra, misteriosa e torturada. Se bem que êle tenha horror ao que se não compreende, as excessivas emoções transportam-no, contra sua vontade, a regiões só por êle conhecidas."

*
* *

Pelo fim do verão, resolveu todos regressar a París. Sand convence-se de que não conseguirá sòzinha completar a educação de seus filhos. Maurício tem desejo de estudar pintura; Solange é rebelde, um pouco dissimulada e obstinada. George tem necessidade também de procurar seu editor Buloz, o diretor da *Revue des Deux Mondes*. Chopin desejaria encontrar de novo os discípulos e retomar suas lições, fonte maior de suas rendas. Então, bombardeiam com cartas os amigos, para que procurem dois apartamentos não muito afastados um do outro. Grzymala, Arago e Fontana põem-se em campo. De Nohant chovem as instruções sôbre as cabeças dos três amigos.

Chopin pede que se lhe escolha um papel castanho, brilhante, assetinado, para seus quartos. Outra coisa para o vestíbulo, mas ainda respeitável. Se os houver mais bonitos, mais na moda, não se hesite em comprá-los.

"Prefiro o que é simples, modesto, elegante, às côres vistosas e comuns dos botequins. Eis porque a côr cinza peróla me agrada, pois não é berrante, nem

vulgar. Agradeço-te pelo quarto do criado, que é muito necessário."

Para Sand, é indispensável que o alojamento seja tranquilo. Deverá ter três dormitórios, sendo dois ao lado um do outro, e mais um terceiro separado pelo salão. Junto a êste, um gabinete de trabalho bem iluminado. Salão e sala de jantar em comunicação. Dois quartos para os criados e uma adega. Soalhos embutidos, se possível, em bom estado. Mas, sobretudo, sossêgo: "nada de ferreiro na vizinhança". Uma escada razoável, janelas deitando para o sul. "Nada de senhoritas! nada de fumaça, nem de mau cheiro." Chopin dá-se até o cuidado de desenhar a planta do apartamento sonhado.

Bem cedo chegam boas notícias. Chopin será instalado no n.º 5 da rua Tronchet, e, quanto a George, terá dois pequenos pavilhões num jardim, no n.º 16 da rua Pigalle.

Nohant está em festa, e Frederico, sempre tão exigente em matéria de elegância, pensa agora em seu vestuário. E escreve de novo a Fontana: "Esqueci-me de te pedir que me encomendasses um chapéu a Duport, rua da Chaussée-d'Antin. Êle tem minha medida e sabe o que quero. Mostra-lhe a forma do chapéu dêste ano, não muito exagerada, pois não sei como te vestes atualmente. Enfim, passa pela casa de Dautremont, meu alfaiate, nos Boulevards, e dize-lhe que me faça um par de calças cinzentas. Escolherás uma tonalidade cinzenta discreta, para calças de inverno;

coisa boa, sem listas, mas encorpada e leve. E's um inglês, por isso sabes o que me convém. Dautremont ficará contente com saber que volto. Tenho ainda necessidade de um colete de veludo preto, mas, com muito poucos desenhos e não vistosos; um colete simples, mas elegante. Se êle não tiver veludo muito bom, faça o colete de casemira bonita, mas não muito aberto..." Em recompensa por todos êsses incômodos: "... prometo-te mandar a segunda parte da *Polonesa* até o fim de minha vida. A versão de ontem pode também não te agradar, embora me tivesse atormentado a cabeça durante oitenta segundos. Copiei meus manuscritos em boa ordem. Ha seis com tuas *Polonesas*, não contando a sétima, um *Impromptu*, que talvez não tenha valor. E' cêdo demais para eu mesmo dizer alguma coisa. Titus aconselha-me compor um Oratório. Respondo-lhe perguntando porque construiu êle uma usina de açucar e não um convento de dominicanos. — Como és um homem hábil, podes fazer de modo a que nem pensamentos negros, nem tosse sufocante me importunem nos novos aposentos. Providencia para que eu fique sossegado. Apaga, se puderes, muitos episódios de meu passado. Não será mau, tão pouco, que eu possa trabalhar durante alguns anos. Enfim, agradecer-te-ei que rejuvenesças bastante, ou que arranjes um meio de não termos ainda nascido. — Teu velho Frederico."

Frederico e George instalam-se em París em outubro dêsse ano de 1839. Logo, porém, se convencem de que lhes é difícil viver separados, após todo um ano

de existência comum. Chopin ainda tinha necessidade de assistência, de precauções. Cedeu seu alojamento ao doutor Matuszynski, e transferiu-se com seu mobiliário para um dos andares inferiores de um dos pavilhões da rua Pigalle.

Êstes aspirados anos de grande e perfeito labor, transcorreram, pois, pouco mais ou menos, segundo o ritmo desejado. Durante a manhã sucediam-se os professores junto a Maurício e Solange. Para Chopin, era um desfile de alunos. Suas lições duravam uma hora no mínimo, e às vezes, muito mais. Frequentemente acontecia que o mestre executava pesoalmente os trechos. A uma de suas discípulas, tocou êle certa vez, de cor, quatorze prelúdios e fugas de Bach. E como a jovem exprimisse sua admiração ante êsse prodígio, disse a sorrir: "Isto não se esquece nunca. Ha um ano que não tenho estudado um quarto de hora em seguida; não tenho fôrças, energia; aguardo sempre um pouco de saúde para recomeçar tudo isso, mas... estou ainda esperando..."

Esgotavam-no tais esforços. Absorvia algumas gotas de ópio num copo de água, e friccionava as têmporas com água de Colônia. "A última coisa, — prosseguia êle, — é a simplicidade. Depois de ter vencido todas as dificuldades, depois de ter tocado uma quantidade imensa de notas e notas, é a simplicidade que sai, com todo o seu encanto, como o último cunho da arte. Quem quer que deseje alcançar êsse ponto, de

um golpe, não o conseguirá; não se pode começar pelo fim."

A tarde era geralmente consagrada ao trabalho pessoal dos dois artistas. À noite, reunia-se em casa de George, jantava-se junto, depois vinha um ou outro dos íntimos da casa. O salão era côr de café com leite, cheio de belíssimos vasos chineses sempre guarnecidos de flores, à moda chopineana. O mobiliário era verde; via-se um grande aparador de carvalho, carregado de curiosidades, e, na parede, o retrato da dona da casa, por Calamatta, e diversas telas de Delacroix. O piano era de palissandro, nu, quadrado, lugar preferido de Chopin. Ao lado, quarto de dormir de George, onde dois colchões deitados por terra e cobertos por um tapête da Pérsia, compunham o leito.

Sand levantava-se tarde, pois velava uma grande parte da noite. Chopin burilava, passava a limpo suas obras, cujos primeiros esboços lhe vinham geralmente no verão. Sua criação era toda espontânea: brotava ao acaso, de um passeio, de uma hora de meditação, ou então jorrava súbito, completa, quando se achava ao piano. Executava para si mesmo, cantava-a, modulava-a. Então começava êste imenso trabalho de buscar a perfeição, que será sempre, — digam o que disserem — a ordem essencial do artista. "Fechava-se em seu quarto dias inteiros, chorando, andando, quebrando as penas, repetindo ou alterando cem vezes um compasso, escrevendo-o, ou apagando-o tantas outras vezes, para recomeçar no dia seguinte com uma perseverança mi-

nuciosa e desesperada. Passava seis semanas sôbre uma página para voltar a escrevê-la tal qual a tinha traçado do primeiro jacto."

Observando essas coisas, George irritava-se com a cândida surpresa das criaturas que não são atormentadas pelas nostalgias do perfeito. Mas tal como Giotto, que, pedindo-se-lhe para o Papa um exemplo de seu talento, não quis mandar mais do que um círculo sem defeito, assim também Chopin, depois de sobrecarregar uma pauta com todos os ornamentos de seu pensamento, voltava à delicada nudez, sinal maximo e suficiente da idéa.

Assim trabalha o poéta. Assim limita êle no menor espaço possível seu universo, fazendo-o denso como cristal, mas irisado de mil fogos.

Isso é que levava Sand, essa grande escrevinhadora de páginas, a dizer que Chopin podia resumir em alguns compassos "poemas de imensa elevação e dramas de uma energia sem par". Apenas Mozart, pensava ela, lhe era superior porque teve o sossêgo da saúde, e assim a plenitude da vida. Mas também é preciso saber que sofrimentos, felizes para a arte, podem trazer as enfermidades. Bem certo é que as sufocações e as neurastenias de Chopin lhe deram à inspiração varonil aquela contribuição de languidez, de sonoridades fatigadas, pelas quais melhor êle nos atinge...

XIII

Sôbre algumas amizades de Chopin e sua estética

Não sòmente o mobiliário e os costumes se puseram em comum na rua Pigalle, senão também os amigos. A *patilha* é a grande doutrina de Pierre Leroux, novo mentor de George, e "prègador da verdade eterna em seu progresso contínuo". Segundo êste tipógrafo filósofo, essa verdade passa de povo a povo, conforme leis misteriosas, encarnando-se ora num, ora noutro, e precisamente agora acabava de fixar-se na Polônia. A missão dos poloneses era, pois, toda de igualdade, de fraternidade, de amor. Chopin sorria, sem descobrir seu pensamento, mas convidava sempre os compatriotas que se ligaram com todos os amigos de George: Leroux, Delacroix, Paulina Viardot, a grande cantora, e Henrique Heine. Frederico trouxe os irmãos Grzymala, o príncipe Czartoryski, o violoncelista Franchome, Fontana, os poétas Slowacki e Krasinski, o desenhista

Kwiatkowski, e, sobretudo, Miçkiewicz, autor das *Dziady* (ou Festa dos Mortos), que passava por ser maior que Goethe e Byron.

Era um extático, um visionário; em última análise, um inspirado que caía, às vezes, do "alto mal intelectual", como Sócrates, São João, ou Dante. Tornava-se então de uma eloquência que transportava os ouvintes e lhes proporcionava verdadeiros transes. George Sand, tão sensível, em êxtase, ante as abstrações sublimes dêste sonhador, os sussurros da alma pelos quais subia às regiões em que a razão e a loucura se tocam. O êxtase é contagioso. Sem dúvida, é uma doença dos seres simples, mas, entre os grandes espíritos, os Apolônio de Tyane, os Moysés, os Swedenborg, os Pierre Leroux, os Miçkiewicz, e — quiçá — os George Sand, não será um santo entusiasmo, uma faculdade divina de compreender o incompreensível, "susceptivel de produzir os mais nobres efeitos, desde que uma causa metafísica e moral os provoque"? Tal o problema que George se propõe em seu diário.

Em resumo, êste Miçkiewicz professa no Colégio de França um curso completo de lógica e de clareza. E' generoso, perfeitamente senhor de si e raciocina com superioridade. Mas é levado à exaltação pela própria natureza de suas crenças, pela violência de sua índole um tanto selvagem, pelo impulso de sua fé poética e o sentimento tão fecundante de todos os exilados foragidos das desgraças de sua pátria.

Também Chopin crê na auréola mística dêste santo

bardo. Ignora que êste, encantado por ter podido conquistar uma recruta da fôrça de George Sand, pense que seu amante é "seu gênio mau, seu vampiro moral, que a martiriza e acabará talvez por matá-la". Que surpresa, um julgamento assim, num sêr que busca no além comunicações secretas! Felizmente, por aí passa Sainte-Beuve, presta seu apurado ouvido a Miçkiewicz e declara que, se êle tem eloquência, é preciso também levar em conta o impossível. Mas, por mais delicado que seja o ouvido de Chopin, não mais o escuta, porque Miçkiewicz, para êle, é o grande sino das desgraças polonesas. Quem poderia ser mais arrebatador que êste apóstolo, profetizando a ressurreição de sua pátria? O Redentor estava anunciado. O providencial Salvador havia de surgir, e era preciso abreviar sua vinda, por actos de fé e contrição.

Por vezes, à noite, êste vidente vem à rua Pigalle acompanhado de diversos compatriotas seus. Instala-se num recanto sombrio do pequeno salão, e lê sua *Comédia Infernal*, ou uma de suas *Baladas*, algum novo poema, todo cheio do perfume de suas florestas, ou então, improvisa, num delírio sagrado. Na fisionomia dos emigrados logo se desenha esta grande consternação eslava, inativa e muda, que se prolonga num silêncio carregado de nostalgia. Depois, levanta-se Chopin e senta-se ao piano. Amortece-se ainda a lâmpada e êle preludia, por ligeiros arpejos, deslizando sôbre as teclas, conforme seu hábito, até encontrar a *nota azul*, a tonalidade que melhor lhe pareça corresponder ao

ambiente. Então, ataca um de seus trechos favoritos, por exemplo, o *Estudo em têrças* do 2.º caderno (sol sustenido menor).

Um de seus patrícios denomina-o "o siberiano", porque simboliza a viagem do deportado polonês. A neve cai sôbre as planícies sem limites. (Uma escala ascendente e descendente sugere êste infinito universal da matéria tangível). Ouvem-se as campainhas da *troïka* que se aproxima, passa e se afunda no horizonte. E cada qual vê passar um irmão, ou um amigo, escoltado por dois guardas russos, que o levam para sempre. Quando não, é um *Scherzo* que se desenha e se fixa: velho estribilho popular que Frederico ouvira na infância, à porta de uma estalagem de aldeia. Todos êles o reconhecem, cantarolando-o em surdina, por entre os lábios semi-cerrados, enquanto suas faces se cobrem de lágrimas. E o artista faz variações sôbre êle, mede-o docemente, deixa-o, retoma-o, despreza o colorido para não se ocupar senão do esbôço. Para êle a linha melódica é a alma. A despeito dos efeitos de sonoridade e de uma fluidez vaporosa, é o esbôço que êle persegue, a linha pura de seu pensamento.

Escreve um de seus amigos, que o escuta: "Seu olhar anima-se de um brilho febril. Seus lábios còram com um rubor de sangue, sua respiração fica mais curta. Êle sentia, e nós sentiamos, que alguma coisa de sua vida se esvaía com os sons." De súbito, uma tossinha sêca, um curto *final* pianíssimo, e, na penumbra, ergue Chopin seu fino rosto pálido, de olhos emoldurados

de negro. Mas nem sempre isso termina com essa visão aflitiva. Às vezes, ao contrário, surge de trás do piano o Imperador da Austria, um velho impertinente, um inglês fleumático, uma inglesa sentimental e ridícula, ou um velho judeu sórdido. E' ainda Chopin, grande amador de caricaturas, que, depois de ter arrancado lágrimas de todos aqueles olhos, convulsiona os rostos com as mais loucas risadas.

*
* *

Entre os velhos amigos de George Sand, ha um homem pequeno, frágil, pálido, nervoso, mas tão forte de pensamento e de vontade, que se destaca em seu tempo, como uma estátua de bronze num Olimpo de figuras de gesso. Em seu ofício, é, a um tempo, a mais violenta, a mais regular e a mais pura das criaturas. Ora, como nas artes tudo é uma questão de alma, segundo diz êle, não deixa de ser ponderável, por ser de sua pena, esta opinião: "Tive — escreve — inúmeras entrevistas com Chopin, que estimo bastante, e que é homem de rara distinção. E' o mais autêntico artista que jamais encontrei. E' daqueles, em pequeno número, que se podem admirar e amar."

Chama-se êste homem Eugênio Delacroix. Seu jovem amigo Baudelaire dizia que êle tinha paixão do grande, do nacional, do imenso, do universal, que se exprimia em sua pintura, por assim dizer, decorativa,

ou em suas *grandes máquinas*. Que de mais contrário pode haver a toda a estética de Chopin? Ambos, porém, têm certo gôsto pelo convencional, embora em relação às artes que não sejam as suas. Delacroix, vigoroso renovador, não gosta, em literatura, senão do clássico, e em música, senão de Mozart. Chopin, em pintura, prefere Ingres a Delacroix. Por muito opostos que sejam, em pintura, tendências e gôsto, Chopin e Delacroix, entretanto, se compreendem profundamente pelo coração. Grande amigo, conhecedor de música, Delacroix logo dá a Chopin o melhor lugar depois de Mozart. Quanto a Chopin, estima e respeita o homem, e continua a detestar o pintor. E' sobretudo pelo temperamento que êles são irmãos. "...Mistura de cepticismo, polidez, elegância, vontade ardente, astúcia, despotismo, finalmente de uma espécie de bondade particular e *ternura moderada*, que sempre acompanha o gênio". Vejamos a quem se refere êste retrato tão semelhante a Chopin. E' ainda Baudelaire, que fala de Delacroix. Abandonando as multidões; céptico polido; homem mundano preocupado sempre com dissimular as iras do coração, — eis muitos traços que servem a cada um deles. Dois violentos, dois concentrados dois pudicos tais são estes aristocratas nascidos no povo. Delacroix levando sua velha governante ao Louvre, para explicar-lhe a escultura assíria, ou Chopin tocando piano para seu criado, aí estão duas imagens de um ensinamento crítico melhor do que poderia haver em dez páginas de abstrações. Acrescentemos que se

trata de dois grandes doentes, sofredores, minados pela tosse, e cuja única vingança contra a vida, era viver pelo espírito. Diria eu: pelo espírito carregado de sensações. Juizes de grande finura que eram, colheram da música incomparáveis sensações. Mozart é para êle um Deus, porque sua ciência se encontra naturalmente à altura de sua inspiração. Das obras de Beethoven, dizem: "Passagens comuns, ao lado de belezas sublimes". Aos ouvidos de Delacroix, é êle às vezes difuso — enleado; para Chopin, muito atlético, muito shakespeareano, de uma paixão que toca sempre as raias do cataclisma. O pintor, entretanto, o admira, porque o considera moderno, bem de seu tempo. E' precisamente o motivo que o torna suspeito a Chopin, para quem, acima de tudo, está um vinho cuidadosamente decantado, um licor de onde se envolve uma nuvem de recordações. Dirá Nietzsche mais tarde: "Música nenhuma começa a ter um efeito mágico, senão a partir do momento em que nela ouvimos falar a linguagem de nosso passado. Ora, Chopin, êste exilado, nunca ouve senão as vozes mais remotas de sua memória. Aí está sua poesia.

— Quando Beethoven é obscuro, — diz êle — e parece faltar de unidade, não se trata de uma pretensa originalidade um pouco selvagem que se lhe quer louvar; antes, é que êle se volta aos princípios eternos. Mozart, nunca. Cada uma das partes tem sua marcha, que, harmonizando-se com as outras, forma um canto e segue-o perfeitamente. E' isso o contraponto. *Punto*

contra punto. Costuma-se aprender os acordes antes do contraponto, isto é, a sucessão das notas que conduzem a seus acordes. Berlioz fixa os acordes e enche os intervalos como pode. Na música, a lógica pura é a *fuga* Ser sábio na *fuga* é conhecer o elemento de toda causa e de toda consequência.

Relata Sand que um dia se dirigiu ao *atelier* de Delacroix, para levá-lo a jantar em sua casa, onde Chopin o chamava. Encontra-o trabalhando, com o pescoço envolvido em flanelas, tal como seu *doente ordinário*, tossindo como êle, a voz quebrada e vociferando, não obstante, contra Ingres e sua *Stratonice*". Reunem-se a Chopin. Êste não aprecia, tão pouco a *Stratonice*. Julga suas personagens amaneiradas, mas, o "remate" da pintura o satisfaz. Em todas as coisas, êle é amigo do preciso, do acabado.

— Quanto à côr, — diz êle, — não entendo absolutamente nada.

Findo o jantar, à sobremesa, Maurício pede ao mestre que lhe explique o mistério dos reflexos. E Delacroix estabelece uma comparação entre os tons da pintura e os sons da música. Verdadeiro espanto de Chopin.

— A harmonia da música, — explica o pintor — não é sòmente a construção dos acordes, mas também suas relações, sua sucessão lógica, seus concatenamentos, seus reflexos auditivos. Pois bem: a pintura não procede de outra maneira. O reflexo do reflexo...

E Chopin interrompe irritado:

— Deixe-me respirar! O reflexo! Basta, por agora! E' engenhoso, é novo, mas para mim é alquimia.

— Não, é pura química. Os tons decompõem-se e recompõem-se a toda hora, e o reflexo não se separa do relêvo...

Eis Delacroix bem montado. Explica os coloridos, os contornos, as côres simples; que toda côr é uma permuta de reflexos; que o que falta a Ingres é a metade da pintura, a metade da visão, a metade da vida; que êle é um homem de gênio pela metade, e, pela outra metade, um imbecil.

Chopin já não ouve mais. Levanta-se e pôe-se ao piano. Improvisa um instante. Depois, pára.

— Então — exclama Delacroix — Isso não está concluido.

— Nem está começado. Não me vem nada... Nada mais que reflexos, sombras, relevos, que não querem fixar-se. Procuro a côr e não acho sequer o desenho.

— Não achará um sem o outro... Mas encontrará os dois.

— Mas, se achar apenas um raio de lua?

— Terá encontrado o reflexo de um reflexo.

Chopin recomeça, displicentemente, tão impreciso é seu desenho. De súbito, soa a *nota azul*. E todos são transportados em pleno céu, e pairam com as nuvens, acima dos telhados da praça...

*
* *

Já muitas vezes temos falado desta *nota azul*. E' que ela não provinha sòmente das tonalidades chopineanas. Era o canto de seu toque, o timbre de sua mão. Como Liszt, Chopin possuia, por meio de cada um de seus dedos, um estado de conciência distinto. Chegava a dissociar as impressões, a fazê-los transmitir ao cérebro uma harmonia de sensações manuais infinitamente variáveis. Era toda uma educação de técnica e de observação que ensinava a conhecer-se de uma nova maneira, a pensar de um modo novo. Para êle, um bom mecanismo não tinha por fim tocar tudo com uma sonoridade igual, mas adquirir uma bela qualidade de toque, afim de matizar de um modo perfeito. "Durante muito tempo, — dizia êle — trabalharam os pianistas contra a natureza, buscando dar a todos os dedos uma sonoridade uniforme. Ao contrário, cada dedo deveria ter sua parte própria. O polegar tem a fôrça maior, porque é o mais grosso e o mais independente dos dedos. Em seguida, vem o quinto, na extremidade oposta da mão. Depois, o indicador, seu esteio principal. Enfim, o terceiro, que é o mais fraco dos dedos. Quanto a seu quarto irmão, certos pianistas insistem, com o maximo esfôrço, em torná-lo independente. Coisa impossível e provàvelmente inútil. Ha, pois, várias espécies de sonoridade, como ha diversos dedos. Trata-se de utilizar essas diferenças. Nisto, por outras palavras, consiste a arte da dedilhação".

Chopin havia trabalhado muito nestas questões de mecânica transcendental. Tomando-se-lhe a mão, que

era pequena, ficava-se surpreso com a resistência óssea. Disse um de seus amigos, que era esqueleto de soldado revestido com músculos de mulher. Para outro, ao contrário, sua mão era desossada. Stephen Heller ficava boquiaberto de vê-lo cobrir um têrço do teclado e comparava-a a uma guela de serpente, abrindo-se de súbito para engolir um coelho de um só bocado. Chopin inventara um método próprio de dedilhação. Graças a êsses cuidados, seu toque era mais doce que nenhum outro, rebelde a todo efeito, e de uma beleza que arrebatava desde os primeiros compassos. Para dar à mão uma posição vantajosa, atirava-a ligeiramente sôbre o teclado, de sorte que os dedos se apoiassem sôbre o *mi*, o *fá sustenido*, o *sol sustenido*, o *lá sustenido* e o *si*. Tal era, a seu ver, a posição normal. Sem mudar a posição, fazia exercícios destinados a dar a independência e igualdade dos dedos. Depois, punha seus alunos no *staccato*, para lhes dar leveza; em seguida, no *staccato-legato*, e por fim, no *legato* acentuado. Ensinava um sistema particular para conservar a forma unida e tranquila da mão, no momento de passar o polegar nas escalas e nas passagens em arpejos. Esta tranquilidade perfeita da mão parecia-lhe uma virtude máxima, e único meio de atingir um jogo igual e seguro, mesmo quando se tratasse de passar o polegar pelo quarto ou o quinto dedo. Mas êsses exercícios explicam tambem como Chopin executava seus acompanhamentos tão difíceis (desconhecidos antes dele), que consistem em ferir notas muito afastadas umas das outras. E compreende-se quão

chocante era êle para os pianistas da antiga escola, com sua dedilhação original, que tinha sempre por objeto conservar à mão a mesma forma, embora se devesse passar o terceiro dedo, ou o quarto por cima do quinto. Por vezes, êle a mantinha completamente chata, e assim obtinha aqueles efeitos de veludo e de finura que lançavam Berlioz e mesmo Liszt em êxtase. Para adquirir a independência dos dedos, recomendava deixá-los cair livremente e levemente, tendo a mão como que suspensa no ar e sem pêso algum. Queria que não se exercitassem muito cêdo movimentos rápidos, e que se tocassem todas as passagens muito *forte* e muito *piano*. Desta maneira, as qualidades do som se fazem por si mesmas e a mão nunca se cansa. Foi êle que imaginou, sempre para adquirir indepêndencia dos dedos, do que fazia tanta questão, executar escalas acentuando cada terceira, ou cada quarta nota. "Que vossa mão esquerda seja vosso "Mestre de Capela", — dizia — ao passo que a direita executará *ad libitum*".

E' preciso não esmorecer à leitura dessas rápidas indicações técnicas. Em toda a arte a técnica e a matéria são vivos prazeres da inteligência. São os segredos da cerâmica... E Chopin não deixou *método*. Pensou nisso, mas tudo ficou em projeto. O grande, o desenvolvido, o escolástico, intimidavam-no. Sempre habitou regiões reservadas, onde não gostava que alguem fôsse encontrá-lo. Jamais sentiu fôrças para compor uma ópera, se bem que seus mestres e amigos muito lho sugerissem. "Com vossas admiraveis idéas, — perguntava o Senhor de Perthuis — por que não fazeis uma ópera?"

— Ah! senhor Conde, — respondia Chopin — deixai-me fazer música para piano; não tenho bastante talento para fazer óperas.

Tinha mais amor pelo acabado e pelo raro, que pelos grandes aplausos. No detalhe é que êle brilhava. Suas mais fecundas criações em harmonia são feitas de pequenos nadas, mas de nadas essenciais ao carácter de sua arte. O professor Kleczynski, um de seus compatriotas, de quem obtive muitos dêsses pormenores, escreveu: "Dada a riqueza de seu talento, causou-nos êle certa decepção, a nós, bem com a Schumann. Em compensação, pondo toda a sua alma em pequenas coisas, êle as concluiu e aperfeiçoou de maneira admirável."

Exatamente nessas pequenas coisas é que Chopin era grande. Para êle, talvez, o nada não fôsse tão pequeno. Com efeito, onde termina o pequeno, e onde começa o grande? Sem dúvida, punha êle a alma em todas as coisas de que esperasse um sinal de perfeição. "Quando estou indisposto — disse — executo num piano de Erard, encontro um som *já feito;* mas quando estou de bom humor e bastante forte para buscar meu *som próprio,* necessito de um piano de Pleyel".

Outro amigo de Chopin é Liszt: Amigo de coração e amigo de profissão. Muitas vezes tentaram pô-los um contra o outro, persuadindo-os a ambos de que o contraste de seus métodos, de sua técnica, como de seu carácter, os tornava rivais. Mas tal não se deu, e se Cho-

pin algumas vezes parecia um pouco arredio e mesmo tímido em face do outro grande virtuoso de seu tempo, é que as mulheres se haviam intrometido.

George Sand e Maria d'Agoult conheciam-se desde muito tempo. Antes do advento de Chopin, George fôra a Genova, onde permaneceu uma temporada na intimidade desse belo casal romântico. Depois, Franz e Maria vieram passar um verão em Nohant. De uma e outra parte houve curiosidade, admiração, mas também secretos ciúmes. A condesssa prezava-se de escrever. Tinha o estilo nobre, a cabeça céptica, mas bem *mobilada*, e, a não ser em amor, era comedida em tudo. Em George, arrebatava o espontâneo. A princípio, teve por esta bela dama, que imperava nos palácios do Faubourg, uma simpatia de temperamento. Era ela, para George, uma estrondosa experiência de suas teorias sôbre o amor e a liberdade. "Vós me pareceis a única pessoa bela, estimável e verdadeiramente nobre que jamais tenha visto brilhar na esféra patrícia, — escrevia-lhe ela. — Sois, para mim, o verdadeiro tipo da princesa fantástica, artista, amante e nobre de maneiras, de linguagem e de trajes, como as filhas dos reis, nos tempos poéticos." Mas êste calor era todo literário, como aliás também o era em Maria d'Agoult, mais interessada pela romancista quasi ilustre que por esta estranha descendente de uma estirpe de reis e de um negociante de aves. Logo decidiu ela subtrair Liszt à sua influência, e assim foi com desprazer que viu chegar êsse Chopin, cujo suave e profundo gênio seu amante profetizava. Houve então

um arrefecimento. Separaram-se. George mandou a condessa para o diabo.

Mas Liszt reviu Chopin, pois estimava-o. Ninguém melhor do que êle tocava as composições do polonês, porque ninguém as conhecia mais, nem as tinha aprofundado melhor e executado em seus concertos.

"Gosto de minha música quando é tocada por Liszt", — dizia Chopin. Na obra que Liszt mais tarde consagrou a seu amigo, compara os *Estudos,* os *Prelúdios* e os *Noturnos* às obras primas de La Fontaine. Não sei de mais justa comparação que se tenha feito. Dois grandes poétas que se empenharam em condensar o mais vasto no mais restrito e polvilharam de ironia seus corações a cada dia feridos. E' oportuno agora notar a expressão de Heine, que chamava a Chopin "o Rafael do piano-forte". Em sua música, "toda nota é uma sílaba, cada compasso uma palavra e cada frase um pensamento". Êle criou "essas admiráveis progressões harmônicas pelas quais dotou de um carácter solene até as paginas que, pela leveza do motivo, não pareciam pretender tal importância". E' pelo sentimento que elas transbordam e, examinando-as de perto, nelas se reconhecem, segundo Liszt, essas transições que ligam o sentimento à idéa, êsses matizes de côr de que falava Delacroix. Dos ensaios clássicos de Chopin, Liszt admirava sobretudo o *Adagio* do 2.º concêrto, pelo qual o próprio Chopin tinha uma sensível predileção. "Os desenhos accessórios pertencem à mais bela forma do autor; a frase principal é de uma largueza admirável

e alterna com um recitativo que assenta em tom menor, e que é para aquela como que uma antístrofe." Em muitos dos *Estudos* e dos *Scherzo*, Liszt encontra a exasperação concentrada, o desespêro irônico e altivo de Fritz. Para isso, porém, era preciso um ouvido apurado, pois Chopin quasi não deixava suspeitar as "secretas convulsões" que o agitavam. "Seu estilo compunha-se de mil matizes que, entre-cruzando-se, se disfarçavam uns aos outros de modo indecifrável." E Liszt, cuja inteligência se assinala sempre tão vivamente, escreve esta notável reflexão sôbre as últimas obras de Chopin: "Êle se servia da arte mais para dar a si mesmo a própria tragédia." Após haver cantado seu sentimento, êle se põe a despedaçá-lo. Mas, ainda assim, a emoção que inspira essas páginas se mantém de uma pura nobreza, sua expressão permanece nos "verdadeiros limites da linguagem da arte", sem vulgaridades, sem gritos exagerados, sem contorsões. "Longe de diminuir, a qualidade do estôfo harmônico se torna mais interessante por si mesma e mais curiosa para estudar."

E' inegável que Chopin tenha passado por romântico; entretanto, declarava ter dois mestres: Bach e Mozart. Bach, que admirava integralmente, sem restrição alguma; Mozart, em quem encontrava "os princípios de todas as liberdades de que se servia abundantemente." Contudo, não permitia "que se quisesse esmagar o frontão grego com a tôrre gótica, nem que se demolissem as graças puras e delicadas da arquitectura

italiana em benefício da luxuriante fantasia das construções mouriscas... Não concedia o mais ligeiro louvor ao que não julgasse uma conquista efetiva para a arte. Do desinterêsse fazia sua fôrça." (Liszt). Sabe-se que Beethoven, Miguel Angelo, Shakespeare o assombravam. Parece mais estranho que não tivesse gostado muito de Schumann. Considerava Mendelssohn comum, e não ouvia de boa vontade certas obras de Schubert, "cujos contornos são muito agudos para seu ouvido, e onde o sentimento é como que desnudo. Todas as rudezas selvagens lhe inspiravam repulsa. Na música, como na literatura, como nos costumes da vida, tudo que se aproximasse do melodrama constituia para êle um suplício." A propósito de Schubert, disse êle um dia a Liszt:

"O sublime fenece quando o comum, ou o trivial lhe sucede."

Mesmo em Mozart achava êle algumas nódoas. Lastimava certas passagens de *Don Juan*, obra que adorava. "Chegava, — é sempre Liszt que diz — a esquecer o que o repugnava; mas, reconciliar-se era-lhe impossível." Embora romântico, não se empenhou contudo em nenhuma das contendas da época. Viveu à margem das lutas, em que Liszt e Berlioz se esgotaram, mas trazia a seu grupo convicções "absolutas, tenazes e inflexíveis."

E quando suas opiniões prevaleciam, como verdadeiro grande senhor e chefe de partido, desprezava os

louros, e voltava inteiramente a seus hábitos de arte e de espírito.

Quantas vezes se debruçou Liszt sôbre o teclado, ao lado de Chopin, para observar o toque do Silfo! Estudava-o com amor e minúcia, tanto que foi êle o único que conseguiu imitá-lo. "Êle fazia sempre ondular a melodia... ou então, fazia-a mover-se, indecisa, tal uma suave aparição. E' o famoso *rubato*. Mas esta expressão nada ensina a quem sabe, como tão pouco a quem não sabe; por isso, Chopin deixou de inserir em sua música esta explicação. Para quem tivesse inteligência, seria impossível não adivinhar esta *regra de irregularidade*". Assim o explicava Liszt a um de seus discípulos: "Veja estas árvores: a brisa toca em suas folhas e desperta nelas a vida; as árvores, porém, não se mexem." Suas composições devem ser interpretadas "com esta espécie de oscilação acentuada e prosodiada, esta *morbidezza*, cujo segrêdo era difícil de apanhar quando não se tivesse ouvido muitas vezes o próprio Chopin... Êle imprimia a todas elas não se sabe que côr sem nome, que aparência indeterminada, que pulsações semelhantes a vibrações que não tinham já quasi nada de material e, como os imponderáveis, pareciam agir sôbre o sêr sem passar pelos sentidos. Chopin dava-se também a fantasias burlescas; por vezes, evocava alguma cena à Jacques Callot, para provocar o riso, fazer caretas, cambetear figuras fantásticas, espirituais e astutas, cheias de girândolas musicais, férteis de imaginação e de humor inglês, como um fogo de artifício. O *Estudo*

n.º 5 nos conservou uma dessas improvisações picantes, no qual são atacadas exclusivamente as teclas pretas do teclado, tal como a jovialidade de Chopin, que só atacava as teclas superiores do espírito."

Era a seus compatriotas, a alguns amigos escolhidos, a quem mais prazenteiramente êle mostrava estas subtilezas pianísticas. Diz-se que os alunos de seus discípulos ainda hoje se vangloriam destas receitas preciosamente transmitidas. Não ha dúvida de que aqui ou alí, sempre nascerá uma alma chopineana; mas, o intangível se poderá ensinar? Liszt afirmou: "Chopin passou entre nós como um fantasma."

XIV

Desinteligências e solidão

No mês de outubro de 1839, o rei Luiz Filipe manifestou desejo de ouvir Chopin, e mandou convidá-lo, com o pianista Moscheles, a irem a Saint-Cloud. O conde de Perthuis veio receber os dois artistas à porta do palácio. Fê-los atravessar uma fila de salas para chegar ao Salão Quadrado, onde a família real se achava reunida em pequena assembléa. Em roda de ũa mesa, estavam a rainha, diante de seu cesto de trabalhos, Mme. Adelaide, a duquesa de Orleans e as damas de honor. Perto, o gordo monarca transbordava de sua poltrona. Chopin e Moscheles foram acolhidos como velhos amigos. Puseram-se ao piano, sucessivamente. Chopin tocou seus *Noturnos* e seus *Estudos*, Moscheles seus próprios *Estudos*; em seguida, executaram a quatro mãos uma sonata de Mozart. Ao final do *Andante*, elevaram-se aplausos: "Delicioso!" e "Divino!" e pediu-se-lhes que recomeçassem. O arrebatamento de

Chopin electrizou de tal modo o auditório, que êle se entregou a um verdadeiro "delírio musical". Entusiasmo de uma e outra parte. Chopin recebeu, como recordação, uma taça de prata dourada, Moscheles um estojo de viagem.

Êste sarau foi feito para estimular Chopin ao trabalho. Os três anos da rua Pigalle, (1839-1842), que se abriam sob estes régios auspícios, foram tal qual êle os tinha desejado: de grande e perfeito labor. Se o ano de 1839 não viu aparecer mais que três *Valsas brilhantes*, ficou sendo, porém, o ano dos *Prelúdios*, a obra prima, talvez, a mais rara e mais perfeita de Chopin. Veio depois a famosa *Sonata em si bemol menor*, da qual tão estranhamente fala Schumann: "... um gênio implacável sopra-nos o rosto, esmaga com o punho quem quer que ouse enfrentá-lo, e obriga-nos a ouvir até o fim como fascinados, sem murmurar... mas, também, sem louvar, pois aquilo não é música. A *sonata* termina como principiou: enigmática, semelhante a uma irônica esfinge."

Ainda em 1840 e 1841, dá Chopin quatro *Noturnos*, a 2.ª e a 3.ª *Balada*, um *Scherzo*, três *Polonesas*, quatro *Mazurkas*, três novos *Estudos*, uma *Valsa*, a *Fantasia em fá menor*, a *Tarantela* e uma *Allegro de concêrto*. Nas primavera de 1841, consente em tocar em público de novo, na sala Pleyel. Platéa naturalmente à cunha, pois presentemente Chopin e Liszt são os que fazem em París as mais fortes receitas. Ora, é precisamente Liszt, êsse coração ardoroso, que reclama a honra de

dar a notícia pela *Gazeta Musical*. Eis algumas variações de sua pena de pianista:

"Segunda-feira passada, às oito horas da noite, os salões Pleyel estavam esplêndidamente iluminados: numerosas equipagens conduziam incessantemente ao pé da escadaria, coberta de tapêtes e perfumada de flores, as damas mais formosas, os jovens mais elegantes, os artistas mais célebres, os financeiros mais ricos, os grandes homens mais ilustres, todo um escol de sociedade, toda uma aristocracia de origem, de fortuna, de talento e de beleza.

"Um grande piano de cauda, aberto, sôbre um estrado. Disputavam-se os lugares mais próximos, na frente; apurava-se o ouvido; recolhia-se, dizia-se que não se devia perder um acorde, uma nota, uma intenção, um pensamento daquele que alí viria sentar-se. E tinha-se razão de ser assim ávido, atento, religiosamente emocionado, pois aquele que se esperava, que se queria ver, ouvir, admirar, aplaudir, não era sòmente um hábil virtuoso, um pianista exercitado na arte de fazer notas, não era sòmente um artista de grande fama; era tudo isso e mais do que isso: era Chopin.

"... Só raramente, com dilatados intervalos, Chopin se fazia ouvir em público; mas o que teria sido para qualquer outro uma causa certa de esquecimento e obscuridade, foi precisamente o que lhe assegurou uma reputação acima dos caprichos da moda, o que o pôs ao abrigo das rivalidades, dos ciúmes e das injustiças. Conservando-se fora da excessiva agitação que, desde

alguns anos, impelia os artistas intérpretes de todos os pontos do universo, um sôbre outro, e um contra outro, Chopin permaneceu constantemente cercado de adeptos fiéis, de discípulos entusiastas, de amigos calorosos, que, preservando-o de lutas aborrecidas e atritos penosos, nunca cessaram de difundir suas obras, e, com elas, admiração por seu gênio e respeito por seu nome. Assim, esta requintada celebridade, em toda a evidência, excelentemente aristocrática, ficou isenta de qualquer ataque. Um completo silêncio da crítica já se faz em torno dela, como se tivesse sobrevindo a posteridade, e no brilhante auditório que acorria ao poéta ha tão longo tempo emudecido, não havia uma reticência, uma restrição; todas as bocas só tinham um louvor."

Chopin ficou contente com seu amigo. Algumas semanas mais tarde, partia para Nohant, cheio de idéas, mas sem verdadeiro prazer. "Não fui feito para o campo — dizia êle; — entretanto, gozo com o ar livre". Não era só. Por sua vez, Sand escrevia: "Êle queria sempre ir a Nohant, e nunca tolerou Nohant." Sua ânsia de campo era logo saciada. Passeava um pouco, instalava-se sob uma árvore, ou colhia algumas flores; depois, voltava a fechar-se no quarto. Censurava-se-lhe aquele amor à *vida artificial*. Do que mais gostava êle era de sua febre, sua alma amortecida como lamparina, sua condição de *doente* ordinário da sra. Sand. Cultivava, sem o perceber, as velhas tendências da infância, suas irresoluções, sua mórbida sensibilidade, todos os requintes de elegância e de espírito; e, o que não apre-

ciava, pôs-se inconcientemente a odiar: o lado plebeu de George, seus ideais humanitários, seus amigos democráticos de opinião e de nascimento, sobretudo aquele Pierre Leroux, tão sujo, tão mal penteado. Ah! como fazia bem ver chegar Delacroix, êste autêntico janota, vestido com o máximo apuro! Êle e Frederico tinham o ar de dois príncipes perdidos em má companhia, nessa mesa em que Leroux e os camaradas de estudo de Maurício exageravam atitudes desleixadas. Os dois artistas, entre si, lastimavam-se de que George tolerasse tanta sem-cerimônia. Que teria sido de Liszt, tão exigente neste particular, que se intitulava *professor de boas maneiras*! Mas George não queria que se fizesse questão de aparências. Quanto a ela, passava por cima das gargalhadas grosseiras, das vociferações e disputas de seus convidados, da familiaridade de seus criados, das bebedeiras de seu irmão Hipólito. Não ouvia senão a sin*ceridade* dos corações, não escutava senão as doutrinas, e não queria que se tomassem "as moscas por elefantes". Taxava de mórbidas as irritações de Chopin, incompreensíveis, onde não via mais que os caprichos de uma criança genial enfêrma. E êle se retirava para o quarto, amuado. Não mais o viam senão às refeições, a olhar toda a gente com desconfiança, com desgôsto.

Durante o verão de 1841, houve um incidente bastante penoso, por causa da senhorita de Rozières, discípula de Chopin, que era amiga de George e companheira de António Wodzinski. Chopin achava-a intrigante, importuna, e aborrecia-se por que tivesse ela po-

dido insinuar-se na intimidade de George. Além disso, julgava-a ostensiva, cheia de alarde, grandiloquente na maneira de exprimir sua amizade. Mas o que lhe desencadeou a cólera, foi o facto de ter António, talvez instigado pela senhorita de Rozières, enviado à família uma reprodução do busto de Chopin, feito pelo escultor Dantan. Que intenção equívoca haveriam de emprestar a semelhante gesto! Que poderia pensar Maria, sua antiga noiva? Frederico ficou transtornado e queixou-se disso a Fontana, que havia feito presente dêsse mármore a António. "Não dei incumbência alguma a António — contesta êle. — E aos pais, como isso ha de parecer estranho!... Jamais acreditarão que não fui eu quem o sugeriu. São coisas tão delicadas, nas quais nem se deve tocar... A senhorita de Rozières é indiscreta, gosta de ostentar intimidade; mete-se gostosamente nos negócios alheios. Ela vai bordar, exagerar tudo isto e fará de um sapo um boi, o que, aliás, não acontecerá pela primeira vez. Cá, entre nós: ela é um porco insuportável, que, de maneira espantosa, soube cavar uma passagem por meu cercado e, remexendo a terra, procura trufas por entre as rosas. E' uma pessoa em quem não se pode tocar, pois, desde que se provoque, se torna de uma indiscrição inenarrável. Enfim, é uma solteirona! Nós, velhos cavalheiros, bem merecíamos coisa melhor."

Por sua vez, George queixa-se a esta senhorita, da irritação do grande homem. E desabafa neste coração amigo. Pois, não é ela visada e mortificada, cada vez

que toma partido contra as opiniões de seu amigo? "Não fôsse eu testemunha destas manias de doente, ha três anos, não compreenderia nada disso; mas, infelizmente, estou muito habituada — escreve ela. — Tentei tranquilizá-lo, dizendo-lhe que W. não viria, que êle poderia contar com isso. Deu um pulo para o tecto, dizendo que se eu tinha tanta certeza, evidentemente é porque lhe tinha contado a verdade. A isso, respondí que *sim;* pensei que êle fôsse enlouquecer. Quis ir embora; disse que eu o fazia passar por louco, ciumento, ridículo; que o intrigava com seus melhores amigos; que tudo isto provinha dos *enredos* que tinhamos feito junto, você e eu, etc.... Enfim, como de costume, quer que ninguém tenha ciúme dele, excepto eu." E mais adiante: "Jamais tive repouso, e nunca o terei por causa dele. Com aquela organização desesperada, nada se pode saber. Ante-ontem, passou o dia inteiro sem dizer uma sílaba a quem quer que fôsse... Não quero que êle se julgue o *senhor.* Com isso ficaria mais sombrio, de futuro, e, tal como se triunfasse desta vez, sentir-se-ia igualmente desesperado, pois não se sabe o que êle quer, nem o que não quer."

Certamente, Chopin era ciùmento. Mas é preciso dar a esta palavra um sentido um pouco diferente do usual. Não eram ciúmes de amante. Seu ciúme abrangia todas as influências, os desejos, as curiosidades, amizades de sua companheira. Era a necessidade selvagem de uma posse absoluta. Era-lhe preciso saber a cada instante que todas as fontes vitais de George tinham

origem no coração dele; que se êle era o filho, pelos sentidos, era o pai pelo espírito. Era-lhe necessário sentir que seu domínio apagava os domínios precedentes, os abolia; e que, adoptando-o, amando-o, George renascera. Desejaria que ela ignorasse a própria existência do mal; que não mais o recordasse, falando-lhe dele; que, sem cessar de ser boa, terna, dedicada, voluptuosa, maternal, ainda fôsse a pálida, a inocente, a virtuosa, a virginal espôsa de sua alma. "Não teria pedido mais que isso, êsse pobre amante do impossível..." — anotava Sand. E desde que sentisse escapar-lhe essa propriedade universal, que lhe devia fornecer seu amor, não mais queria saber dêsse amor, e rejeitava os irrisórios sucedâneos.

Por excesso de apetite, é que recusava êsses fracos alimentos. Estimulado pelo que recebia, continuava faminto do que não se lhe dava.

Seguramente, alguma razão tinha êle para ser ciumento de todos: de um criado um tanto ousado; do médico; de um idiota de primo meio burguês, meio rústico, que vinha pagar a renda à castelã de Nohant; de um caçador de rosto enérgico, pois o enfêrmo de nervos aguçados sentia muito bem que inquietações, que desejos, tais forasteiros poderiam lançar numa mulher cujo *exercício das emoções* era verdadeira lei de conciência. Uma mulher — bem o sabia êle — que jamais tivera receios, nem escrúpulos, ante êsse gênero de experiências... Então, revolvia a imaginação para atormentá-la: "parecia morder muito suavemente, para

se divertir; mas a ferida, que produzia, penetrava até as entranhas." Depois, retirava-se com uma frase absolutamente polida, mas glacial, e voltava a fechar-se no quarto.

Ao longo de suas noites laboriosas, George esmiuçava a alma fugitiva do amante e, como boa literata que era, traçava o duplo retrato de ambos em sua *Lucrecia Floriani*. Seria inconciência, sadismo, vingança obscura, que a impelia, nas manhãs seguintes, a fazer que Chopin lesse essas impiedosas reconstruções? Mas disso não se apercebia o artista. Ou, pelo meno, fazia de conta. Debruçava-se sôbre aquelas folhas, admirava-as, e felicitava a autora. Como sempre, porém, nada traía de sua vida interior, e, se Lucrecia se abria, descrevendo, o príncipe Karol voltava a seu quarto, onde os sons levíssimos do piano interpretavam toda esta miséria recalcada. Também êle se apegava à dor, e mesmo às provas materiais da dor. "Toma bem cuidado de meus manuscritos — recomenda a Fontana, — não os amasse, não os deixe sujar, nem rasgar... Amo tanto *meu tédio escrito*, que tremo sempre por meus papéis."

"A *amizade* de Chopin..." — escrevia George. Ou então: "Nossa história nada tinha de romance." E mesmo: "O piano era, para êle, bem mais tortura que alegria." Isto demonstra a que ponto podem preservar as almas os seres que fundiram suas vidas. Aquí estão dois dêstes, bem penetrantes, bem ávidos, que, entretanto, jamais se esposaram.

*
* *

No outono de 1842, George Sand e Chopin deixam a rua Pigalle, para ir instalar-se nos apartamentos ns. 5 e 9 da Praça d'Orleans. Entre estes, no n. 7, mora sua grande amiga, sra. Marliani, mulher de um político espanhol. Ao lado, residem Paulina Viardot e o escultor Dantan. Aí se estabeleceu uma espécie de *Falanstério*, que é um divertimento para todos, e onde a liberdade é "assegurada". Cada qual trabalha e vive em sua casa. As refeições são tomadas em comum, ao ar livre, em casa da sra. Marliani. Sand tem um bilhar, Chopin um grande salão para seus pianos. O mobiliário é moderno, do estilo Luiz Filipe, com uma pêndula e candelabros Império sôbre o fogão. Atrás de um dos pianos, um quadro de Frère representa uma caravana no deserto. Acima do outro, um pastel de Coignet, mostra as Pirâmides. Durante o dia, quasi não se vêem. Mas, à noite, uns correm a procurar os outros, como bons vizinhos provincianos. Chopin cultiva sempre a sociedade elegante e recebe suas discípulas fidalgas e apaixonadas. E' com grande repugnância, porém, que acolhe os inumeros pianistas ou curiosos, que vêm agora visitá-lo e solicitar-lhe apôio.

Um dia, o criado traz a Chopin o cartão de visita de um certo senhor W. de Lenz, virtuoso e musicógrafo russo. Chopin receberia a êste inimigo de sua Polônia,

muito menos que a qualquer outro, se o cartão não contivesse, a lapis, estas palavras: "*Deixai entrar, Franz Liszt.*"

Resolve, pois, fazer entrar êste senhor levemente importuno, e pede-lhe que se sente ao piano. Lenz toca bem; percebe-se que é aluno de Liszt. Executa uma ou duas *Mazurkas* de Chopin e, como seu mestre, acrescenta alguns retoques. Chopin diverte-se com isso, mas não deixa de molestar-se um pouco.

— Não passa sem pôr a mão em tudo, o bom Franz! Mas uma recomendação sua merece alguma coisa; sois o primeiro discípulo que vem da parte dele. Dar-vos-ei duas lições por semana. Sêde pontual; comigo, tudo anda à hora; minha casa é um pombal...

Chopin convida-o a voltar como amigo, para travar conhecimento com a sra. Sand, pois que êle manifesta vivo desejo nesse sentido. Então, vem êle uma noite. Chopin apresenta-o a George, a Paulina Viardot, à sra. Marliani. Sand não diz uma palavra: hostil, fechada, pois detesta os russos. Lenz, porém, senta-se de propósito ao lado dela. Observa que Chopin se inquieta, "como um passarinho espantado na gaiola". Para quebrar a monotonia, Chopin pede a Lenz que toque a *Invitation à la Valse*, uma elegante especialidade do russo, que, alguns anos antes, a tinha revelado ao próprio Listz. Lenz executa um pouco tímido, e George continua a guardar silêncio. Chopin dá-lhe a mão

amávelmente. Depois, vai sentar-se constrangido, atrás da mesa, onde arde uma lâmpada *Carcel.*

— Não gostará a senhora de vir uma vez a Petersburgo? — pergunta o estrangeiro, dirigindo-se a Sand.

— Jamais descerei a um país de escravos!

— Teria razão em não vir; poderia encontrar as portas fechadas.

George, perplexa, esbugalha os olhos, que Lenz, em suas notas qualifica de "belos e grandes olhos de novilha". Chopin, contudo, não parece descontente, como que aprovando que alguém enfrentasse a companheira. Levanta-se ela, então, vai ao fogão, onde arde uma acha, e acende um grosso charuto *trabucco.*

— Em Petersburgo — replica George, soprando uma baforada, — provàvelmente, não poderia sequer fumar um charuto num salão?

— Em salão algum, minha senhora, nunca vi fumar um charuto — responde o malcriado, inspecionando os quadros.

E' de supor, entretanto, que estes modos grosseiros não desagradassem inteiramente, pois no dia seguinte a essa visita, durante a lição, Chopin diz a Lenz:

— A sra. Sand acredita ter sido indelicada para convosco. Ela poderá ser muito amável, pois vos apreciou muito.

Adivinha-se a que obscuras atrações obedecia esta sensual. A lábia pode muitas veezs preceder as conquistas, mas nisso precisamente é que Chopin é fraco, êle, tão pobre de músculos e de animo, de pele tão de-

licada, "que uma picada de mosquito lhe produz uma chaga." Toda complicação vem de que êle ainda ama com verdadeiro amor, ao passo que ela, ha muito tempo, se aquartelou na afeição. Seu pequeno Chopin, ela o ama, o adora, como, porém, a Solange e Maurício.

Nos meses em que vivem separados, ela está sempre inquieta pela saúde dele. Sabe que se governa mal. Escreve a uns e outros, recomendando-lhes uma vigilância discreta. Que não se esqueça êle de tomar seu chocolate pela manhã, seu caldo às dez horas. Que o obriguem a cuidar-se, a não sair sem agasalho.

Êle, entretanto, encontrou um novo meio de avivar ainda os sentimentos, cujo próprio desequilíbrio é um activo estimulante de produção artística: não lhe quer dar apreensões; deixa-a na ignorância de seu mal físico e moral, de suas angústias, de suas hemoptises. Que ela, ao menos, tenha o repouso necessário para trabalhar.

Em todo sacrifício consagrado ao amor, ha humildes alegrias, tanto mais profundas, quanto mais ocultas permanecem.

George agora passa uma parte do inverno no campo, enquanto Chopin se extenua em Paris. E' preciso nada deixar transparecer. Suas cartas são alegres, confiantes. A doença vai longe; ao que pretende, não tem senão a felicidade diante de si.

"Vosso jardim da Praça d'Orleans está todo em bolas de neve, em açucar, em cisne, em arminho, em mãos de Solange, e em dentes de Maurício. Cuidai-

vos. Não vos fatigueis demais com vossos volumes. Vosso sempre mais velho que nunca, e muito, extremamente, incrìvelmente velho, Ch...."

Talvez nunca se sentisse tão só, o pequeno sofredor, como lhe chamava sua maternal amiga. Mas era um homem da solidão.

A quarenta anos de distância, só vejo um outro que se lhe assemelhe e se alimente, também êste outro, de um *eu* terrìvelmente duro, um *eu* que, não menos que o de Chopin, não pode derramar-se sôbre os seres, sangrar sôbre êles, porque é muito alto, muito selvagem, muito pudico: é Nietzsche. Não causa surpresa, pois, que Nietzsche amasse Chopin como a um irmão dileto. Em ambos, o amor era grande demais para o coração.

Quando oiço o *Noturno em dó menor* (op. 48), onde, através de tanto sofrimento contido, esplende, contudo, misturado com a *desgraça*, êste *ideal*, que não se constrói senão sôbre as alegrias criadoras do espírito, penso numa página escrita por Nietzsche, numa *loggia*, que domina a praça Barberini, em Roma, no mês de maio de 1833. E' êste belo *Canto da noite*, onde passam as visões negras e azues de Chopin, seu olhar de flor, seus olhos de menina, e seu coração tão "extremamente, incrìvelmente velho." Alguns fragmentos destas estrofes me parecem fornecer ao *Noturno* de que falo, — e a solidão final em que agora o Poéta vai entrar, — um comentário digno deles. Antes de os recordar, direi

ainda que uma tradição entre os artistas poloneses pretende que esta peça tenha sido composta num dia de tempestade, em que Chopin se refugiara na igreja de Saint Germain des Prés. Ouvira êle o ofício por entre os ribombos do trovão, e, voltando para casa, improvisou o admirável coral que constitue o centro desta solene elevação. Isto, porém, não me impede absolutamente de associar esta prece ao conto pagão de Nietzsche. Muito ao contrário: uma e outro têm este surto, êste ponto de exaltação que leva o filósofo a exclamar: "Ha em mim um desejo de amor que fala, êle próprio, a linguagem do amor."

O CANTO DA NOITE

E' noite: eis que se eleva mais alto a voz das fontes marulhantes.
E minha alma é também uma fonte marulhante.

E' noite: eis que se elevam todas as canções de todos os amantes.
E minha alma é também uma canção de amante.

Ha em mim algo de inquieto e intranquilizável que quer elevar a voz. Ha em mim um desejo de amor, que fala, êle próprio, a linguagem do amor.

Sou luz: ah! se eu fôsse noite! Minha solidão, porém, está em ser envolvido de luz.

.....

Minha pobreza está em nunca minha mão cansar-se de dar; meu ciúme, em ver olhos cheios de espera e noites iluminadas de desejo.

O' miséria de todos que dão! O' obscurecimento de meu sol! O' desejo de desejar! O' fome devoradora na saciedade!

.....

Assim cantava Zaratustra.

XV

Amarguras, ódios

Por volta de 1842, ao que parece, a vida, em Chopin, começa a declinar. A própria vontade de sarar, para quem a cultivaria êle, agora que já não tem o amor diante de si, mas no passado? Os amantes que sentem esgotar-se o poder de sofrer, logo se entregam aos doces apelos da morte. Se sucumbem, lastimam-nos por ter sido fracos. Se sobrevivem, censuram-nos por cínicos. Êles próprios não duvidam que estejam vazios de sua substância, como certas árvores ocas, embora ainda copadas, que não resistem a um golpe de vento. Chopin, moribundo, crê-se eterno.

Na primavera de 1842, seu amigo de infância Matuszynski pereceu tuberculoso. No mês de maio de 44, faleceu seu pai em Varsóvia. Foi um fim de justo: cerrou os olhos, contemplando os retratos e o busto do filho amado, e pedindo que, depois de sua morte, se lhe abrisse o corpo, de medo de ser enterrado vivo.

Foram terríveis êsses dois golpes para o artista.

Entretanto, escrevia aos seus: "Já sobrevivo a tanta gente mais jovem e mais forte do que eu, que me parece ser eterno... Nunca vos inquieteis por mim. Deus estende sôbre mim sua graça."

Ante a persistência de sua depressão, George teve a idéa de convidar a irmã mais velha de Frederico e seu marido, o casal Iedrzeiewicz, para virem a Nohant. Foi preciso prevení-los das grandes alterações de saúde que encontrariam no irmão.

"Vireis encontrar meu caro menino bem abatido e mudado, desde o tempo em que o vistes, mas não vos espanteis demasiado de sua saúde. Ela se mantém sem alteração geral, desde que o vejo todos os dias, ha mais de seis anos. Um acesso de tosse bem forte, todas as manhãs; duas ou três crises mais consideráveis, e durante dois ou três dias apenas, todos os invernos; algumas dores nevrálgicas, de vez em quando, é êste seu estado normal. De resto, seu peito é são e sua organização delicada não apresenta nenhuma lesão. Espero sempre que, com o tempo, sua saúde se fortifique, ou, pelo menos, se prolongue, com uma vida regrada e com cuidados. A felicidade de ver-vos, sem bem que eivada de profundas e dolorosas emoções, que talvez o acabrunhem um pouco no primeiro dia, lhe fará, contudo, um grande bem, e por isso me sinto tão satisfeita por êle, que bendigo a resolução que tomastes... Ha muito tempo que êle não se ocupa senão da felicidade daqueles a quem ama. De minha parte, fiz tudo o que dependia de mim para lhe suavizar

a cruel ausência dos seus, e, se bem que não tenha logrado fazê-lo esquecer essa ausência, tenho ao menos o consôlo de haver-lhe insinuado, inspirado tanta afeição, quanta possível, por vós."

George escreveu mesmo à sra. Nicolau Chopin para lhe assegurar que desde então consagraria sua vida a Frederico, e velaria por êle como por seu próprio filho.

Luiza e o marido vieram, pois, em 1844, passar uma parte do verão em Nohant. E a alegria que experimentou Chopin transfundiu-se num sentimento novo de gratidão a sua amiga. A amargura abandonou-lhe um pouco a alma, deixando-o mais forte e mais animoso; readquiriu mesmo a confiança por algum tempo. Retemperou-se o lado filial e familiar de sua ternura.

Após a partida, Frederico ainda mais se apega aos seus, tão queridos, a êsses pedaços dele mesmo, revendo-os em sonho; preferindo seus lugares no canapé; conservando como relíquia um chinelo bordado que sua irmã esquecera; servindo-se do lapis de sua carteira, como outrora Maria Wodzinska se servira do seu. Dá-lhes notícias do outono, do jardim. Entra nas mínimas circunstâncias, até falar do ursozinho que sobe e desce no barómetro.

Como bem se percebe tudo o que falta a êste amoroso falho!

Nos passeios, acompanha os outros, montado num burro, para fatigar-se menos; mas o outono é frio e chuvoso, e Chopin passa mais tempo diante do piano que fora de casa. Em seguida, volta a París e instala-se de novo na Praça d'Orleans, logo no início de novembro.

George preocupa-se desta vez sèriamente com "seu querido cadáver", e, enquanto fica no campo, recomenda-o aos amigos. Esta época, para um e outro, é assinalada por um lampejo de solicitude afetuosa. Chopin não quer que ela se inquiete, e continua a dissimular os progressos da enfermidade. Sem êle o saber, George informa-se de sua saúde. "E' preciso que êle não saiba..." "Não posso passar sem estas preocupações, que são a felicidade de minha vida..." "Decididamente, não poderia viver sem meu doentinho." Ela se compenetra de que o organismo de Chopin está afectado de maneira verdadeiramente grave. E êle declina visìvelmente. Talvez sejam a causa o inverno mau, os nervos, a irritação, a bronquite rebelde. Contudo, o amor muito ainda podia. O amor, porém, se refugiava aparentemente nos únicos sentimentos de família. "... Que êle jamais se inquiete a respeito de vós, — escreve George a Luiza, — pois seu coração está sempre convosco, e a todo instante se aflige e se lança para sua querida família."

Durante o inverno de 45 e a primavera de 46, passou atacado de gripe. Não obstante, não faz projetos diferentes dos usuais, e tenciona passar o verão em Nohant. Antes de partir, dá um pequeno jantar em sua casa. "Música, flores, banquete." Como convidados: o príncipe Czartoryski e sua mulher, (esta, diga-se de passagem, é a mais brilhante e autêntica das discípulas

do mestre), a princesa Sapieha, Delacroix, Luiz Blanc, Paulina Viardot, enfim, os velhos amigos. Mas, chegando a Nohant, tudo lhe parece estranho, tal uma casa deserta. Muda o piano de lugar, dispõe a mesa noutra ordem, seus volumes de poesia, suas músicas. "Estou sempre com um pé em vossa casa, — escreve êle a Luiza e seu marido, — e outro no quarto pegado ao de trabalho de minha amiga; não me sinto em minha casa, neste momento, mas, como ordinàriamente, *em estranhos espaços.* São, sem dúvida, espaços imaginários, mas não me acanho por isso..."

Tem prazer em fazer cantar por Paulina Viardot suas melodias espanholas, anotadas por ela mesma. "Gosto muito destas canções, que ela me prometeu cantar para vós, quando passar por Varsóvia. Esta música vos unirá a mim; sempre a ouví com grande satisfação".

E' preciso, porém, olhar através da superfície, pois no íntimo de todos estes seres que vivem em comum, um drama se prepara. Pode dizer-se que já está incubado ha vários anos. E não é George, nem Frederico, senão os meninos, que serão os autores responsáveis pela explosão.

Maurício, o mais velho, jovem de vinte e dois anos, adorado e amimado pela mãe, educado sem método, pintor nas horas de lazer, literato de vez em quando, colecionador de minerais e borboletas, promete, em resumo, tornar-se um tipo rematado de falho inteligente. Não é sem talento, tem atitudes, jovialidade, mas certa fraqueza e aspereza. Desde a viagem à Maiorca,

tivera ensejo de familiarizar-se com Chopin, vendo por assim dizer, todos os dias, êste amigo de sua mãe. Se, porém, a princípio, houve entre êles certa simpatia, logo esta arrefeceu, e agora, já ha vários anos, não se entendem. Isto, sem dúvida, é muito explicável. Maurício ama sua mãe acima de tudo, e bem vê que sua vida não é fácil, unida a êle; surpreende disputas, molesta-se com as irritações do homem consagrado *grande* e que êle vê sob os traços de um doente complicado, retraído, e, por vezes, mau. Talvez sofresse mesmo com aqueles sorrisos equívocos à passagem dos dois célebres amantes. De resto, seu pai, o medíocre Dudevant, deve tê-lo envenenado com alusões ultrajantes, sempre que ia visitá-lo. Insulta-se também com o carácter de Chopin, com suas maneiras de fidalgo, com o olhar muitas vezes desdenhoso dêsse sujeito complicado e incômodo. Ora, as crianças jamais perdoam ao estranho que se permite uma crítica, e muito menos, quando esta é fundada. E Chopin fizera uma, bastante enérgica, a propósito de Maurício e Augustina. Esta Augustina era uma sobrinha da sra. Sand, filha de sua prima Adélia Brault, pertencente à linha plebéa de sua família, e não passava de uma dama galante. Por compaixão da moça, George recebeu-a em sua casa, onde Augustina, encantadora e de um coração meigo, se tornou a favorita dos jovens, excepto de uma só pessoa: Solange. Chopin não apreciava Augustina; tomou o partido de Solange. Quanto a Maurício, inimigo nato de sua irmã, afeiçoou-se de tal sorte a Augustina, que se suspeitava ter ficado seu

amante. George nega-o com firmeza, com autoridade. Não obstante, Chopin acredita de boa vontade, primeiro porque a situação assim o quer; depois, porque Solange procura por todos os meios fixar essa idéa em sua cabeça.

Uma rapariga bizarra, esta Solange. No físico, o retrato de sua bisavó, Maria Aurora de Saxe, isto é, loira, fresca, admiravelmente bem feita. No moral, espírito frio, brilhante e vivo, apaixonado, vaidosa, muito excitável, dissimulada, talvez falsa, voluntariosa, viciada, sem dúvida nada equilibrada. E' sempre tratada com dureza esta nevropata, que teria podido, entretanto, desenvolver-se de maneira bem diferente. Censuram-na, azedam-na, tornam-na deshumana. Paulina Viardot pretende que ela fizesse o mal por amor à arte. E' que ela nasceu ardente e infeliz. Uma natureza como essa tem necessidade de ser amada profundamente, e as durezas que sofreu lhe vieram sobretudo por ciúme. As ofensas lentamente registradas em seu coração é que a fizeram solitária e má. Dizia sua própria mãe: "Ela tem dezenove anos, é bela, tem uma inteligência notável, foi criada com amor, em condições de felicidade, de desenvolvimento, de moralidade, que deveriam ter feito dela uma santa, ou uma heroína. Mas êste século é maldito, e ela é filha dêste século... Nela tudo é paixão, e paixão *glacial*, o que é bem profundo, bem inexplicável e bem horrível." De quem a culpa? Só nas famílias é que se encontram estas espécies de ódios requintados, que são uma das tristes formas do amor.

Ha muito tempo o mistério desta atrai Chopin. Demais, Solange é faceira. Desde a puberdade experimenta sôbre êle o poder de sua idade perturbadora, e êste hipersensível não parece indiferente a ela. Não reverá nela as seduções, e mesmo essa graça animal e livre que George devia ter aos quinze anos? Um amante ama na filha de sua amiga, as venturas que não teve, e a recordação rejuvenescida de seus sofrimentos. Solange é menos franca que sua mãe, e até bastante perversa. Usa de certas tácticas pouco inocentes, primeiro, por gôsto, e depois para aplacar êste rancor amoroso que vota aos seus. Seria bonito vingar seu coração desprezado, furtando ao de sua mãe o carinho de Chopin. Outro atrativo dêste sôbre Solange, é sua elegância, sua distinção, suas altas relações mundanas. Pois é ela aristocrata, e ser-lhe-ia delicioso refugiar-se nos salões do grande amigo, todo povoado de condessas, ao passo que os de sua mãe continuariam atroados pelas gargalhadas de Maurício e de seus camaradas, ou pelos "grandes pensamentos" de Pierre Leroux. Nestes últimos tempos, então, alí se reune uma horda de poétas artesãos, com quem a romancista encasquetara.

E', pois, todo um drama obscuro, diàriamente abortado, mas diàriamente recomeçado, semeado de mal-entendidos e complicado de constrangimento. Sand muitas vezes quer explicar-se com o amante, obrigá-lo a intervir. Mas êle se explica, ou toma abertamente o partido de Solange. Debalde experimenta George dobrar sua filha. Mas, antes, ela se dobraria a si mesma,

ante as asperezas dêsse carácter, em tantas coisas semelhante ao seu.

Por estas desinteligências, quem mais sofre é Chopin, pois nunca sabe desembaraçar-se pela palavra, ou por vãs explicações; nunca sabe exprimir-se senão por música. Peora seu estado nervoso. Deixa-se magoar até as lagrimas, por essas questões de criados. Não concebe que se possa despedir um velho servidor, e é precisamente o que faz a sra. Sand, essa bôa *comunista*, pondo na rua os criados, com grande alarde. E' uma calamidade! O camareiro polonês de Frederico é dispensado, "porque não agrada os meninos" (isto é, Maurício e Augustina). Depois, é o velho jardineiro Pierre que se liquida, após quarenta anos de serviço. Em seguida, chega a vez de Francisca, a criada de quarto, a quem, todavia, George tinha dedicado uma de suas obras. "Queira o Céu, — escreve Frederico a sua irmã — que os novos agradem mais ao rapaz e à prima".

Chopin fatiga-se. E quando se sente fatigado, perde a jovialidade, o que se reflete sôbre o humor de cada um. Sente-se velho.

Tambem George se sente envelhecida, com seus quarenta e dois anos. E, redigindo uma passagem de sua *Lucrezia Floriani*, pensa tão fortemente em si mesma, em seu primeiro amante, que, pela primeira vez, depois de quinze anos, volta a imaginação ao pequeno bosque, que se vê de sua janela, onde tinha seus encontros com Júlio Sandeau. Foi nesse *bosque sagrado* que se decidiu, em 1831, sua fuga do lar conjugal. Aí procura ela,

e encontra uma árvore sob a qual seu amante se habituara a esperá-la. Nela ainda se viam, quasi apagadas, suas iniciais gravadas na casca. "Ela recapitula mentalmente os detalhes e o conjunto de sua primeira paixão, e os compara aos da última, não para estabelecer um paralelo entre os dois homens, que não imaginava julgar friamente, mas para interrogar seu próprio coração sôbre o que pudesse êle sentir ainda de paixão, e suportar de sofrimentos... Sou ainda capaz de amar? Sim, mais do que nunca, pois é a essência de minha vida e sinto-me viver com intensidade pela dor; se não pudesse amar, não poderia sofrer. Sofro, portanto amo e existo." Não obstante, ela presente que precisa renunciar a alguma coisa. Mas, a que? A' esperança da felicidade? "A certa idade, — pensa ela finalmente — não ha mais felicidade, além daquela que se dá. Procurar uma outra é insensato... Então, Floriani foi presa de uma dor imensa, dizendo um eterno adeus a suas caras ilusões. E deixou-se cair, afogada em lágrimas."

E' uma fase atroz, um tempo de crises êste fim de verão de 1846. O próprio céu está cheio de tempestades. Entretanto, Chopin trabalha. Escreve a seus queridos de Varsóvia; conta todas as histórias com que se deve encher uma carta, quando se quer dissimular os sentimentos: morreu a girafa do Jardim das Plantas; *Os Italianos* inauguraram sua temporada em París; Leverrier descobriu um novo planeta; Faber, de Londres, professor de matemática, construiu um autômato que

canta uma ária de Haydn e o *God save the Queen.* "Toco um pouco; escrevo também um pouco. Minha sonata com violoncelo às vezes me agrada, às vezes me descontenta; jogo-a para um canto, depois a retomo. Tenho três novas *Mazurkas* (em si maior, fá menor, e dó sustenido menor, dedicadas à condessa Czosnowska; são minhas últimas obras: op. 63 e 65). Quando se compõe, parece que está bem; se assim não fôsse, nunca se escreveria. Mais tarde, vem a reflexão, e a gente rejeita, ou aceita. O tempo é o melhor juiz e a paciência o melhor mestre. Espero logo receber uma carta de vocês, se bem que esteja tranquilo e saiba que, com sua numerosa família, é bem difícil que alguém me escreva uma linha, tanto mais que a gente como nós não basta a pena. Não sei quantos anos deveriamos tagarelar, para chegarmos ao fim de nosso latim, como aquí se diz. E' por isso que vocês não devem admirar-se e entristecer-se, quando não tiverem uma carta minha, pois não ha um motivo real, tanto como para vocês. Uma certa mágua se une ao prazer de escrever-lhes: é a certeza de que entre nós não ha palavras, mas apenas factos... O inverno não se anuncia mau, e tratando-me um pouco, êle passará com o anterior, e, graças a Deus, menos mal. Quantas pessoas irão peor que eu! E' verdade que muitas irão melhor, mas nestas, nem penso."

Anotemos esta expressão: "tanto mais que a gente como nós não basta a pena..." Eis a delicada surdina das queixas de Chopin. A George, basta a pena.

Em tôrno de Frederico, não se podendo ser feliz, contenta-se com ser ruidoso. Representa-se comédia. Organizam-se quadros vivos, charadas. A pantomima, pela qual toda a gente logo se entusiasma, é criação de Chopin. E' êle que fica ao piano e improvisa, enquanto os jovens dansam bailados cômicos, com a colaboração de alguns convidados: Arago, Luiz Blanc. Mas ninguém duvida de que entre George e Frederico o rompimento está consumado. Ha muito tempo, é morto o desejo. E a ternura e a afeição não subsistem senão de uma parte. Chorando no *bosque sagrado* sua extinta mocidade, George deu suas últimas lágrimas.

Desde então, ela não será mais do que mãe, irrevogàvelmente mãe, e sòmente de seus *dois* filhos.

Agora, ocupa-se ela do casamento de Solange. Dois ou três pretendentes se sucedem em Nohant, um após outro: Victor de Laprade, depois um rapaz de Berry, que Solange namora alegremente.

Um belo dia, afinal, por um pretesto frívolo, estala uma disputa entre Maurício e Chopin, uma dessas disputas graves, irremediáveis. Ambos se ofendem encarniçadamente. Um momento após, abraçam-se, "mas o grão de areia caiu no lago tranquilo, e, aos poucos, caem os calhaus, um a um", escreve George. E isto se repete. Maurício fala em deixar a casa. Sua mãe coloca-se, naturalmente, a seu lado. Então, Chopin curva a cabeça. E' êle quem partirá. Ninguém diz uma palavra para retê-lo.

E põe-se a caminho, nos primeiros dias de novem-

bro. Sete anos antes, havia chegado a Nohant, pela primeira vez, o corpo já bem alquebrado. Isto não é nada, porém, quando se tem a alma sólida... Mas, nesse dia de fim de outono, também a alma havia desmoronado...

Viu-se o enfêrmo, embrulhado em cobertores, subir para a caleça. Com a mão pálida e sêca, fez um sinal de adeus. Ninguém lhe compreendeu o sentido. Nem êle.

Caminha para a morte...

XVI

História de um rompimento

Em París, muitos estão doentes: Grzymala acaba de passar dezessete dias sem dormir; Delacroix, padecendo mais do que nunca, arrasta-se penosamente ao Luxemburgo. Chopin também procura iludir-se, como fez durante todos os anos anteriores; mas, com o correr do tempo, é forçado a confessar que já não tem coragem para deixar um instante o fogão de inverno. Chega o Ano-Bom de 1847. Como de costume, envia a George os doces e os votos, e, todo embuçado em agasalhos, faz conduzir-se ao palácio Lambert, em busca de seus amigos Czartoryski.

Em Nohant, simula-se felicidade. Reina a pantomima. Escovam-se os cenários; cosem-se os vestuários. Esta família tão *unida*, também representava sua comédia. Mas, de súbito, prepara-se a bagagem, para voltar a París, no princípio de janeiro, deixando para trás o sr. Préaulx, noivo de Solange. E, instalados apenas ha um mês na praça d'Orleans, tudo se transforma com

a entrada em cena de um novo actor: o escultor Clesinger. Era um homem de trinta e três anos, violento, sanguíneo, exaltado, que mal se tinha apresentado nas exposições, conquistara a glória, do primeiro golpe.

Desejou fazer o busto da sra. Sand, veio a sua casa, viu Solange, e enamorou-se dela imediatamente. Quasi tão depressa, ela também se inflamou. O projetado casamento com o sr. Préaulx foi transferido para as calendas gregas, a despeito da perplexidade de George, que havia colhido sôbre o escultor informações bastante desfavoráveis. "Um senhor barulhento e desordenado, um ex-couraceiro transformado em grande escultor, comportando-se em toda parte como no café do regimento ou na oficina", dizia Arsênio Houssaye. Protela-se qualquer deliberação. A romancista conduz a filha a Nohant, logo nos primeiros dias da Semana Santa, pelo comêço de abril.

Chopin teve logo por todos estes acontecimentos um sentimento indefinível. A princípio, a mágua de ver falhar a união de Berry, que lhe parecia conveniente e cheia de ternura. Depois, uma instintiva repugnância o tornava hostil ao "talhador de pedra" como chamava a Clesinger. E escreveu aos seus: "Sol não se casa ainda; quando chegaram todos a París, para fazer o contrato, ela não quis mais. Lamento, e tenho muita pena do rapaz, que é muito direito e apaixonado; mas é melhor que assim seja antes do casamento que depois. Segundo se diz, foi adiado para mais tarde, mas não sei o que ha de certo." Por sua vez, George confia sua inquietação a um amigo: "Em seis semanas ela rompeu um amor que mal experimentava, e aceitou outro, de que está sofrendo ardentemente. Se ela se casar com êste, abandonal-o-á, para se casar com aquele. E' bizarro, é sobretudo audacioso, mas, enfim, é seu direito, e o destino lhe sorrí. A um casamento modesto e suave, ela prefere outro, brilhante e ardente. Ela domina tudo e leva-me a París no fim de abril... O trabalho e a emoção enchem os meus dias e todas as minhas noites... E' preciso que êste casamento se faça impetuosamente, como de surpresa. Demais, é um segrêdo *grave*, que vos confio, e que o próprio Maurício ignora, (êle se acha na Holanda)."

Chopin, principalmente, nada devia saber, êle, a quem agora se recusa toda participação mais íntima nos negócios da família. Desta vez, George se sente verdadeiramente condenada por êste Clesinger feroz, que pretende atingir seus fins a todo preço. Aparece êle repentinamente em La Châtre, tem encontros com Solange nos bosques, exige uma resposta categórica. Responde ela que sim, naturalmente, visto que o ama. George é obrigada a ceder, a despeito de suas aprehensões e seus receios. A 16 de abril, pede socorro ao filho, pois tem medo e sente necessidade de ser tranquilizada. E no fim da carta, acrescenta: "Nem uma palavra de tudo isto a Chopin; estas coisas não lhe dizem respeito, e, quando já se transpôs o Rubicon, os *mas* e os *porém* só podem fazer mal."

Quando se transpôs o Rubicon... Mais uma vez!

Quantas vezes o transpôs em sua vida, esta velha freguesa dos rompimentos? Não obstante, faz de conta que não vê que é o ponto crítico de sua longa ligação. O casamento de Solange, facto, aliás, todo estranho a sua vida amorosa, eis que se torna a táboa de salvação onde procura cravar-se a mão do pianista, que ela repele com os pés.

Chopin ouve falar secretamente destas coisas, mas nada diz e não interroga ninguém. Espera renascer a confiança. Se êle se espanta de todo êste mistério, e adivinha mesmo o propósito e a puerilidade dêste rompimento hoje notificado à sua amizade, nada deixa, entretanto, transparecer. Como sempre, é sua saúde que paga as dores abafadas. Cai gravemente enfêrmo.

Mas não é mais George que trata dele; é a princesa Marcelina Czartoryska, que envia a Nohant um boletim sôbre a saude do enfêrmo.

"Mais esta mágua a juntar a todo o resto, — responde George em 7 de maio. — Está êle, de facto, sèriamente enfêrmo? Escrevei-me, conto convosco para me dizer a verdade e para tratar dele." Nesta mesma data, exatamente, escreve ela, porém, em seu diário, com uma pena bem calma: "Eis-me chegada aos 45 anos com uma saúde de ferro, atravessada por dolorosas indisposições, que, entretanto, não me dão mais que *algumas horas de tédio, dissipadas no dia seguinte... Minha alma está bem, hoje, e meu corpo igualmente...*" E' nesse dia que ela é sincera, ou no dia seguinte, 8 de maio, quando diz à senhorita de Rozières: "Estou

doente de inquietação, e, escrevendo-vos, tive uma vertigem. Não posso deixar minha família num momento como êste, quando não tenho sequer Maurício para salvar as aparências e proteger sua irmã contra qualquer conjectura malêvola. Afirmo-vos que sofro bastante. Escrevei-me, peço-vos. Dizei a Chopin o que julgardes oportuno a meu respeito. Não ouso, porém, escrever-lhe, pois temo por êle uma emoção; temo que o casamento de Solange o moleste muito, e que cada vez que lhe fale nisso, tenha um choque desagradável. Todavia, não lhe pude fazer mistério, e precisei agir como. de facto agí. Não posso fazer de Chopin um chefe e um conselheiro de família, pois meus filhos não o acceitariam, e a dignidade de minha vida se perderia".

Se fôsse questão de sua dignidade, teria sido melhor que ela pensasse nisso mais cedo. Se se tratasse de poupar a saúde de Chopin, teria sido tarde demais. E as próprias contradições de sua carta, ela não as percebe. O pobre grande artista continua firme em seu propósito de silêncio, e perdidamente altivo.

Nesta altura, George publica sua *Lucrécia Floriani*, que já é o canto fúnebre de seu amor. Mas Chopin continua a não ver aí senão "belos caracteres de mulheres e de homens, muito de natural e de poético". Isto leva-a a confessar-se de outra maneira, a explicar-se melhor, pois nela existe sempre esta impetuosa necessidade de justificação que, nos momentos decisivos de um início ou de um fim de amor, a impele a fazer confidências sôbre as fôrças que a conduzem. A quem, desta vez, en-

dereçar ainda os comentários de seu cérebro doentio, e mostrar as fadigas de um corpo que de agora em diante não poderá exigir mais que brevíssimas satisfações? Oito anos antes, escrevera ela ao conde Grzymala, para demonstrar de quanto seria capaz, e dizer que um coração como o seu poderia entrar sucessivamente nas mais variadas fases da paixão. Desde que tivesse percorrido todo o horizonte do amor, parecia-lhe justo, e mesmo útil, fazer ponto final no limiar da noite que se anunciava. Tomou, pois, de uma folha de papel, e escreveu ao mesmo confidente, — o da primeira e da última hora, — as linhas seguintes:

12 de maio de 1847.

"Obrigada, meu caro amigo, por tuas cartas. Sabia, de um modo incerto e vago, que êle estava doente, vinte e quatro horas antes da carta da boa princesa. Agradece também por mim, a êsse anjo. E' impossível dizer-te o que sofrí nessas vinte e quatro horas, e o que quer que acontecesse, me colheria em condições de não poder mexer-me.

"Enfim, ainda desta vez, êle está salvo; mas como o futuro dêste lado é sombrio para mim!

"Não sei ainda se minha filha se casa aquí, dentro de oito dias, ou em París, dentro de quinze. Em qualquer caso, estarei em París, por alguns dias, no fim do mês, e, se Chopin puder locomover-se, conduzí-lo-ei para aqui. Meu amigo, estou tão contente quanto possível, com o

casamento de minha filha, pois que ela se sente transportada de amor e de alegria, e Clesinger parece merecê-la, amá-la apaixonadamente, criar-lhe a existência que ela deseja. Mas, para se tomar semelhante decisão, sofre-se igualmente.

"Creio que Chopin deve ter sofrido também, de sua parte, por não saber, não conhecer, e nada poder aconselhar. Mas é impossível tomar-se em consideração um conselho seu nas coisas reais da vida. Jamais êle viu os factos com justeza, nem compreendeu a natureza humana sôbre ponto algum; sua alma é toda poesia e toda música; não pode tolerar o que lhe seja diverso. De resto, sua influência nos negócios de minha família seria para mim a perda de toda a dignidade e de todo amor da parte de meus filhos.

"Conversa com êle, e trata de fazê-lo compreender, de um modo geral, que deve abster-se de ocupar-se deles. Se eu lhe dissesse que Clesinger (de quem êle não gosta) merece nossa afeição, êle o detestaria ainda mais, e se faria odiar por Solange. Tudo isso é difícil e delicado, e não sei por que meio acalmar e reconciliar uma alma enfêrma que se irrita com os esforços que se fazem por curá-la. O mal que consome êsse pobre sêr, no moral e no físico, me mata ha muito tempo, e vejo-o partir sem jamais ter podido fazer-lhe bem, pois a afeição inquieta, ciumenta e sombria que êle me vota, é que é a causa principal de sua tristeza. Ha sete anos que vivo como uma virgem, com êle e com os outros; envelhecí antes do tempo, e mesmo sem esfôrço, nem sacrifício, tão fa-

tigada estava de paixões, desiludida, e sem remédio. Se uma mulher no mundo devesse inspirar-lhe a mais absoluta confiança, seria eu; e jamais êle o compreendeu. E bem sei que muitos me acusam: uns, de tê-lo esgotado pela violência de meus sentidos; outros, de havê-lo desesperado por minhas extravagâncias. Vê que situação é a minha, nesta amizade funesta, pela qual me fiz sua escrava, em todas as circunstâncias em que o podia, sem lhe mostrar uma preferência impossível e culpável sôbre meus filhos; pela qual o respeito que devia inspirar a meus filhos e a meus amigos tem sido tão delicado e tão difícil conservar. Fiz, neste particular, prodígios de paciência, de que não me julgava capaz, eu, que não tinha uma natureza de santa, como a princesa. Cheguei ao martírio; mas o céu é inexorável contra mim, como se tivesse grandes crimes a expiar, pois em meio de todos estes esforços e sacrifícios, aquele a quem amo com um amor absolutamente casto e maternal, agoniza, vítima da dedicação insensata que me vota.

"Praza a Deus, em sua bondade, que ao menos meus filhos sejam felizes, isto é, bons, generosos, e em paz com a conciência; pois, quanto à felicidade, não creio nela, neste mundo, e a lei do alto é tão severa a êste respeito, que é quasi uma revolta ímpia pensar em não sofrer por todas as coisas exteriores. A única fôrça para a qual possamos apelar é a vontade de cumprir nosso dever.

"Fala-me de nossa Ana, fala-lhe do fundo de meu coração; depois, queima esta carta. Envio-te uma outra

para o bravo Gutmann, cujo enderêço ignoro. Não lha entregues na presença de Chopin, que ainda não sabe que já me contaram de seu estado, e quer que eu o ignore. Êste digno e generoso coração tem sempre mil delicadezas ao lado das cruéis aberrações que o matam. Ah! Se um dia, pudesse Ana falar-lhe e penetrar em seu coração, para curá-lo! Mas êle se fecha hermeticamente aos melhores amigos. Adeus, caro. Amo-te. Conta com que terei sempre coragem, perseverança e devotamento, apesar de meus sofrimentos, e que não me lastimarei. Beija-te Solange.

GEORGE".

Quantas contradições ainda, e como, desta vez, soa falso cada frase. As únicas verdades que aquí transparecem são as crispações de sua vontade no caso da sua filha, e sua decisão de romper com Chopin. Mais uma vez está ela sofrendo da libertação, e, quando uma mulher sofre dêsse mal, passa por cima de tudo. Talvez, sem ela o querer, — porque haja nas coisas do amor, como nas da arte, uma espécie de simetria, de equilíbrio secreto, — é que esta última *associação* se tivesse aberto ha quasi nove anos, e agora se fechasse com uma carta ao mesmo homem. Estes quasi nove anos cabem inteiramente entre essas duas missivas, a primeira das quais exprimia o desejo inicial de unir duas almas contrárias, forçando a natureza; a última, de abandonar o parceiro mal aquinhoado, "todo poesia, todo música", para quem a prática da existência e as realidades da

carne continuam a ser pura ilusão. De mais a mais, é escusado querer comentar um conflito tão perfeitamente visível. Pretendo ser justo, não dando razão a nenhuma das duas partes. Ambos trouxeram cada um, seu dote, e, como sempre acontece, o que primeiro consumiu o seu, atirou a culpa ao outro, por ser êste mais rico. George devia ficar a mais forte, pois nada mais tinha a gastar. Chopin tinha que arruinar-se, pois que sua própria riqueza o tinha perdido.

A 20 de maio, Solange casou-se à pressa e como que ocultamente, em Nohant. Dudevant assistiu a estas nupcias bizarras, em que Solange não assinou o registro civil sequer com seu nome, mas com o pseudônimo da mãe. E esta, tendo luxado um músculo, precisou ser transportada à igreja. "Nunca houve casamento menos alegre" — disse ela. Havia maus pressentimentos no ar.

Sobreveio outro noivado, o de Augustina, a amiga de Maurício, que êste queria casar com o pintor Teodoro Rousseau, seu camarada. Passaram-se então estranhos incidentes. O noivado de Augustina foi repentinamente dissolvido sob um pretesto frívolo. Na realidade fôra uma vingança de Solange. Por ódio à prima, e rancor ao irmão, pôs Rousseau ao corrente das relações que ela mesma lhes atribuia.

Romperam. George ficou furiosa, lastimou-se amargamente.

Nisto, o casal Clesinger, casado havia um mês, voltou a Nohant, deixou cair a máscara, e, entre George e o

filho, de um lado, e o escultor e sua mulher, do outro, houve cenas de uma violência inaudita.

"Quasi se degolaram aquí, — escreve a infeliz Sand à senhorita de Rosières. — Meu genro ergueu um martelo contra Maurício, e tê-lo-ia matado, se não me tivesse metido entre êles, batendo na cara de meu genro, e recebendo dele um sôco no peito. Se o vigário, que lá se achava, amigos e um criado não interviessem com a fôrça de seus braços, Maurício, armado de uma pistola o mataria no lugar. Solange atiçava o fogo, com uma frieza feroz, tendo provocado estes deploráveis furores com intrigas, mentiras, perversidades inimagináveis, sem que aquí tivesse havido por parte de Maurício ou de quem quer que fôsse, um vislumbre de impertinência, ou de iniquidade. Êste casal diabólico partiu ontem à noite, crivado de dívidas, triunfando na impudência, e deixando na terra um escândalo do qual jamais poderão resgatar-se. Enfim, durante três dias, estive em minha casa na iminência de um massacre. Não quero revê-los nunca; nunca êles tornarão a pôr os pés em minha casa. Encheram as medidas. Meu Deus, que fiz eu, para merecer tal filha?

"Foi preciso que escrevesse uma parte de tudo isto a Chopin; receava que êle chegasse em meio de uma catàstrofe, e morresse de dor e de comoção. Não lhe digas até onde foram as coisas; nós lho ocultaremos tanto quanto possível. Não lhe digas que te escreví, e, se o casal Clesinger não se vangloriar de sua conduta, guarda-me segrêdo de tudo...

"Tenho um obséquio a pedir-te, minha filha: é de reter cuidadosamente as chaves de meu apartamento, desde que Chopin tenha saido, (a menos que já lá não esteja), e não permitir que lá ponha os pés Clesinger, sua mulher, ou quem quer que seja de sua parte. Êles são salteadores por excelência, e, com uma compostura mirabolante, me deixariam sem uma cama. Carregaram daquí até as colchas e as velas..."

E' importantíssimo observar duas coisas. Nesta primeira carta à senhorita de Rozières, Sand supõe que Chopin já tenha deixado a praça d'Orleans, ou esteja em vias de fazê-lo. Logo se verá por que. Na segunda, que vou transcrever a seguir, convém notar a data: 25 de julho. Estes indícios servirão para esclarecer de certo modo uma situação, ao primeiro olhar confusa, mas que se esclarece fàcilmente, não se perdendo de vista estes dois pontos de referência.

"Nohant, 25 de julho.

"Minha amiga: estou inquieta, assustada, sem receber notícias de Chopin, ha vários dias, nem sei quantos, pois no meio da angústia que me acabrunha, perdí toda noção de tempo. Mas, ao que me parece, já faz muito tempo. Êle ia partir; agora não vai mais, e não escreve. Terá partido? Terá ficado doente em alguma parte? Se êle se acha sèriamente enfêrmo, por que não me escreves, vendo seus sofrimentos prolongarem-se? Já teria partido, se não fôsse o receio de me cruzar

com êle, e se não fôsse o medo de ir a París, expor-me ao ódio daquela que julgas tão boa, tão meiga para mim... Por vezes, para me tranquilizar, penso que Chopin a quer mais do que a mim, se arrufa comigo e toma o partido dela.

"Preferiria cem vezes isto, a sabê-lo doente. Conta-me, com toda a franqueza, o que ha de verdade. E, se as horríveis maldades e se as incríveis mentiras de Solange o governam, seja! Tudo me é indiferente contanto que êle se cure".

Chopin sofrera demais, já muito renunciara, para retroceder e deixar-se dominar pelos apelos desta mãe esbulhada, desta amante endurecida. Não queria saber de sua compaixão, pois não lhe dera êle sequer a sua.

Solange veio à casa dele. Muito custou convencê-lo de que tinha ela razão, tanto se haviam solidificado sua desconfiança e suas suspeitas. Pois toda esta obscuridade que se buscava manter em tôrno dele, não escondiam outras traíções ainda, e outras intenções? Sua longa docilidade converteu-se de súbito num amargo desgôsto. "Também os ciprestes têm seus caprichos" — diz êle. E foi seu único lamento. Êle escreveu a George, mas, nem sua carta, nem a que recebeu em resposta foram conservadas. Os amantes que se deram oito anos de vida, não consentem em conservar em seus arquivos a prova de sua suprema derrota. Em compensação, se não conhecemos os termos em que redigiram êles o acto de dissociação, temos, pelo menos, seu eco.

Chopin mostrou só a Delacroix a carta de adeus que recebeu: "E' forçoso convir em que ela é atroz" — anota êle em seu diário, em data de 20 de julho. "As cruéis paixões, a impaciência por longo tempo reprimida se revelam; e por um contraste que seria interessante, se não se tratasse de um assumpto tão triste, o autor, de vez em quando, toma o lugar da mulher e expande-se em tiradas que parecem emprestadas a um romance ou a um discurso filosófico".

Se sublinhei mais acima a data de 25 de julho, em que George se queixa de ter sido abandonada, foi para melhor ressaltar que, cinco dias antes, no dia 20, já Delacroix consignava em suas notas a carta de rompimento, que êle mesmo qualifica de *atroz*.

E', pois, de ficar-se espantado com os assombros de George Sand! Notemos antes, sua duplicidade. E sem dúvida, bem previa ela os efeitos, para supor um instante que êle fôsse capaz de correr para Nohant. Ao contrário, contava ela com sua mudança definitiva. Entretanto, cuidava ainda de preparar o trôco, fazendo-se de vítima. Decidida a romper, temia ela que, mais tarde, a glória e os amigos de Chopin pudessem investigar a verdade, em nome da História. Numa terceira carta à senhorita de Rozières, escreveu, pois, o seguinte:

(*Sem data*)

"...Doente a morrer, ia ver por que razão não me escrevia. Finalmente, recebí pelo correio da manhã uma carta de Chopin. Vejo que, como de ordinário,

fui ludibriada por meu estúpido coração, e que, enquanto eu passava seis noites em claro, atormentando-me por sua saúde, êle se ocupava em pensar e falar mal de mim com os Clesinger. Está muito bem. Sua carta é de uma dignidade risível e os sermões dêste bom pai de família de facto me servirão de lição. Um homem prevenido vale por dois, e daqui por diante me manterei bem sossegada a respeito dele.

"Ha nisso tudo muitas coisas que adivinho, e sei de quanto minha filha é capaz, em matéria de calúnia, como sei de quanto o pobre cérebro de Chopin é capaz em matéria de prevenção e de credulidade... Mas, enfim, vi claro ! e me conduzirei convenientemente; não mais darei minha carne e meu sangue, como pasto à ingratidão e à perversidade. Eis-me agora tranquila e entrincheirada em Nohant, longe dos inimigos encarniçados contra mim. Saberei guardar a porta de minha fortaleza contra os perversos e os malucos. Sei que, durante êsse tempo, vão me cortar em pedaços. Pois bem! Quando sua raiva estiver saciada dêste lado, êles se devorarão uns aos outros.

"...Acho *magnífico* Chopin, vendo, frequentando e prestigiando Clesinger, que me *bateu* porque lhe arranquei das mãos um martelo erguido contra Maurício. Chopin, que toda a gente me dizia ser o mais fiel e o mais devotado amigo ! E' admirável ! Minha filha, a vida é uma ironia amarga, e os que fazem a tolice de amar e de crer, devem encerrar sua carreira com uma risada lúgubre e um soluço amargo como espero

que logo me aconteça. Quanto mais sofro neste mundo, mais acredito nele. Abandonarei esta vida passageira com um profundo desgôsto, para entrar na vida eterna com uma grande confiança..."

Pela quarta vez retoma ela da pena, em 14 de agosto:

"Estou mais gravemente enfêrma do que se pode pensar, graças a Deus ! pois estou farta da vida, e apronto minha bagagem com muito prazer. Não te peço notícias de Solange, pois tenho-as indiretamente. Quanto a Chopin, não oiço absolutamente falar dele, e peço-te que me digas, *verdadeiramente*, como vai êle: nada mais. O resto não me interessa de todo, e não me cabe lastimar a falta de sua afeição".

Ha em diversas passagens dêstes documentos uma forte dose daquele *melo* que Chopin achava tão detestável, e o desejo evidente de tirar dele todo o patético possível. Mas, sem dúvida, ha também algo de autêntico. E' provável que ela própria aí não se reconhecesse muito bem. George Sand sofreu com êste rompimento, do qual ela foi causa, agente e vítima. Se aquí não se ouvem os mesmos clamores do tempo de Veneza, é que treze anos fluiram após a experiência de Musset. Mas, talvez esteja eu tornando mais fácil sua defesa. Pois, que são os anos decorridos, para os corações apaixonados ? Não, o envelhecimento é uma fraca razão; a única verdadeira é que esta mulher não arranca mais nada de vivo, de sua alma. Se não chegou ela ainda ao tempo dos grandes invernos, de que já falámos, pelo

menos chegou ao das primeiras serenidades, época favorável a sua literatura. Tão bem o pressente, que escolhe precisamente esta fase para empreender a *História de minha vida*, o melhor de seus livros.

Quanto a Chopin, queixar-se não é quasi de sua natureza. Mesmo nestas semanas mortais, a dor lhe foi de uma admirável discreção. Como outrora, sempre, ela se fez e se desfez no íntimo. Nenhuma imprecação saiu de seus lábios. A Luiz Viardot, (o marido da cantora), que o interpelou, respondeu êle simplesmente: "O casamento de Solange é uma grande desgraça para ela, para sua família e para seus amigos. A filha e a mãe enganaram-se, e tarde demais foi reconhecido o êrro. Mas êste êrro deve ser repartido entre as duas; por que acusar uma só ? A filha quis, exigiu um casamento mal escolhido; mas a mãe, consentindo, não tem uma parte da culpa ? Com seu grande espírito e sua grande experiência, não devia esclarecer ũa menina que sentia mais despeito que amor ? Se ela se deixou iludir, é preciso não ser implacável para com um êrro do qual participou. E eu, lastimando-as a ambas, do fundo de minha alma, esforço-me por trazer um pouco de consôlo à única dentre elas que me é permitido ver".

Êle quis informar sua irmã dêstes acontecimentos, mas não o conseguiu na primeira tentativa. Escrever certas palavras, por si só, às vezes é uma crueldade tão grande ! Finalmente, depois de ter queimado várias folhas de papel, logrou exprimir o essencial, em sua carta de Natal.

"25 *de dezembro de* 1847.

"Meus queridos meninos.

Não lhes respondí imediatamente, porque estou horrìvelmente ocupado... Expeço-lhes, por via ordinária, gravuras do Ano Novo. Passei a madrugada de anteontem da maneira mais prosaica, mas pensei em vocês todos, para quem são meus melhores votos, como todos os anos...

"Sol está em casa de seu pai, em Gascogne. Ela viu a mãe, de passagem. Esteve em Nohant, com os Ouvernet, mas a mãe a recebeu friamente, e lhe disse que se ela se separasse do marido, poderia voltar para Nohant. Sol viu seu quarto nupcial transformado em teatro, sua alcova em guarda-roupa de actores, e escreveu-me dizendo que sua mãe não lhe falou senão de negócios pecuniários. Seu irmão brincava com o cachorro, e tudo o que achou para lhe dizer foi: "Queres comer alguma coisa ?" Agora, a mãe parece mais zangada com o genro do que com a filha, embora me tenha ela escrito, em sua famosa carta, que o genro não é um perverso; que a filha é que o faz assim. Pode-se crer que ela quisesse desembaraçar-se de uma vez da filha e de mim, porque eramos incômodos. Ela continuará em correspondência com a filha: assim, seu coração maternal, que de todo não pode passar sem notícias da filha, por um momento ficará sossegado, e sua consciência adormecida. Ela pensará ser justa, e me proclamará seu inimigo, porque terei tomado o partido do genro, que ela não tolera, únicamente porque êle se casou com sua filha, ao passo que eu me opus a esta união, tanto quanto pude. Singular criatura, com toda a sua inteligência ! Deixa-se tomar por um delírio, revoluciona a própria vida, revoluciona a existência da filha. Com o filho também acabará mal, eu o predisse e o afirmo. Para escusar-se ela desejaria encontrar culpa naqueles que lhe querem bem, que crêem nela, que nunca lhe fizeram grosserias, e que ela não pode suportar ao pé de si porque são o espêlho de sua conciência. Eis porque ela não me escreveu mais uma palavra; eis porque não virá êste inverno a París; eis também porque não disse uma palavra à filha. Não lamento havê-lo auxiliado a suportar os oito anos mais delicados de sua vida, aqueles em que sua filha crescia, aqueles em que educava o filho; não lastimo tudo o que sofrí, mas lamento que sua filha, aquela planta tão perfeitamente cuidada, abrigada de tantas tempestades, se tenha quebrado nas mãos maternas por uma imprudência e uma leviandade que se poderia desculpar a uma mulher de vinte anos, mas não a uma mulher de quarenta.

"O que foi e não mais existe, não se inscreve nos anais. Quando, mais tarde, mergulhar em seu passado, a sra. S. não poderá encontrar em sua alma senão uma boa lembrança de mim. No momento, está no mais estranho paroxismo de maternidade, representando o papel de ua mãe mais justa e mais perfeita do que é realmente, o que é uma febre contra a qual não ha remédio,

sobretudo quando se apodera de uma cabeça exaltada que se deixa levar por um terreno movediço...

"...Nos *Débats* aparece um novo romance da sra. S, no mesmo gênero das novelas de Berry, como o *Pantano do Diabo*, que começa admiràvelmente. Chama-se *François le Champi*... Fala-se também de suas *Memórias;* mas numa carta à sra. Marliani, escrevia a sra. S. que se tratava antes de seus pensamentos sôbre a arte, a literatura, etc. e não o que geralmente se entende por memórias. Com efeito, é muito cêdo para isso, pois a prezada sra. S. terá ainda muitas aventuras na vida, antes de envelhecer, e muitas coisas ainda lhe acontecerão, bonitas, e feias também..."

A ironia quasi não é maldosa, e o "inimigo" que devia "cortá-la em pedaços" bem suave. Em verdade, é de admirar-se como o artista domina a própria vontade. Nesse mesmo dia, escreve também a Solange:

"... Quanto me entristeceu a história de vossas duas visitas a Nohant ! Todavia, está dado o primeiro passo. Revelastes ter coração, e seguiu-se uma certa aproximação, visto que vos pediram que escrevesseis. O tempo fará o resto. Sabeis que não se deve tomar ao pé da letra tudo o que se diz. Se não se quer mais conhecer *um estrangeiro como eu*, por exemplo, tal coisa não pode acontecer a vosso marido, pois que pertence à família... Tenho sufocações, dores de cabeça, e peço-vos que me desculpeis minhas rasuras e meu francês..."

Janeiro de 1848. Depois, fevereiro. Logo faz dez meses que George e Frederico estão separados. Mas Chopin não sarou; ao contrário. Sua ternura, uma vez partida, não só lhe matou o coração, como secou a única fonte de suas consolações, a música. Desde 1847, o *ano mau*, como o denominou, Chopin nada mais compôs.

"Ela não me escreveu mais uma única palavra, nem eu a ela, — confia êle a sua irmã, em 10 de fevereiro. – Ela deu ordem ao proprietário, de alugar seu apartamento de París... Representa comédias, no campo, no quarto nupcial de sua filha; esquece, atordoa-se como pode, e não envelhecerá senão quando o coração lhe doer muito, coração neste momento subjugado pela cabeça. Fiz lá uma cruz. Que Deus a proteja, se ela não souber discernir o verdadeiro devotamento da bajulação. Aliás, talvez seja só a mim que os outros pareçam bajuladores, ao passo que sua felicidade está efetivamente onde eu não a enxergo. Seus amigos e vizinhos durante muito tempo nada compreenderam do que lá se passou nestes últimos tempos; mas, provàvelmente, já estão habituados a isso. Enfim, ninguém poderá seguir os caprichos de uma alma como aquela. Oito anos de uma vida meio metódica é muito. Deus permitiu que fôssem os anos em que as crianças cresciam, e, se não fôsse eu, não sei desde quanto tempo estariam elas com o pai e não com ela. E Maurício, na primeira oportunidade, fugirá para o pai. Mas, porventura, serão tais as condições de sua existência, de seu talento de escritor, de sua felicidade ? Que isso não te aflija, pois

já vai tão longe ! O tempo é um grande médico. Até agora, ainda não me refiz; por isso, não vos escrevo; tudo o que começo, queimo no mesmo instante. E teria tanto a escrever-vos ! Mas é melhor não escrever nada".

*
* *

Tornaram a ver-se, uma última vez, em 4 de março de 1848, por mero acaso. Chopin saía da casa da sra. Marliani, quando George entrava. Ela lhe apertou a mão trêmula e gelada. Chopin perguntou-lhe se havia recebido recentemente notícias de sua filha.

— Ha uma semana, — respondeu.

— Não recebestes notícias ontem, ante-ontem ?

— Não.

— Então, participo-vos que sois avó. Solange teve uma filhinha, e tenho a satisfação de ser o primeiro a dar-vos esta notícia.

Depois, cumprimentou-a, e desceu a escada. Chegando em baixo, teve remorso e quis subir de novo. Esquecera-se de acrescentar que Solange e a criança passavam bem. Pediu a um amigo, com quem estava, que desse à sra. Sand esta segunda informação, pois a subida de uma escada se lhe tornara coisa horrìvelmente penosa. George voltou imediatamente. Quis falar mais, e pediu-lhe notícias suas. Êle respondeu que ia bem, e esquivou-se. "Entre nós havia maus corações" — disse ela mais tarde, relatando êste minuto, na *História de minha vida.*

Quanto a Chopin, comunicou à sra. Clesinger êste encontro fortuito com sua mãe, e aduziu: "Sua saúde pareceu-me boa. Estou certo de que o triunfo da idéa republicana a torna feliz..."

Havia oito dias, com efeito, que a revolução tinha estalado. Devia ela ter contrariado singularmente ao príncipe Karol. E êle escreveu ainda a Solange: "O nascimento de vosso filho me deu muito mais prazer, podeis acreditar, que o nascimento da república".

XVII

O canto do cisne

Fazia vinte anos que Chopin brincava de esconde-esconde com as revoluções. Tinha êle deixado Varsóvia algumas semanas antes da de 1830. Seu projeto de viagem à Itália foi prejudicado pelas insurreições de Bolonha, de Milão, de Ancona e de Roma. Chegara a París um ano após as *Três Gloriosas*, mas ainda assistira, do alto de seu balcão do Boulevard Poissonnière, aos últimos granizos da tempestade. Luiz Filipe era então rei de França. E acabava de abdicar, após pouco mais de dezessete anos de reinado, quanto exatamente durou a permanência de Chopin em París.

Quarenta-e-oito anunciava-se mal para os artistas. Muito mal para Chopin, com aquela chaga aberta no coração, e a tuberculose contra a qual já nem mais lutava. Decidiu deixar a França, por certo tempo, e empreender a *tournèe*, pela Grã-Bretanha, que se propusera organizar Miss Stirling, uma dama escocesa que êle muito estimava. Era sua discípula, havia quatro anos. Seus amigos, porém, aconselharam-no a dar um último concêrto em París, antes de partir. E êle se deixou convencer. Era pelo princípio de fevereiro.

Em oito dias, todos os bilhetes foram vendidos: trezentos lugares, a vinte francos, nos salões Pleyel. "Terei toda a boa sociedade parisiense, — escreve êle a seus parentes. — O rei, a rainha, o duque d'Orleans, o duque de Montpensier, mandaram tomar, cada um, dez lugares, se bem que estejam de luto e nenhum deles possa comparecer. Fez-se inscripção para um segundo concerto, que provàvelmente não darei, pois o primeiro já me está aborrecendo". E, no dia seguinte, acrescenta: "Meus amigos disseram-me que não tenho que me incomodar com coisa alguma, senão sentar-me, e tocar... De Brest, de Nantes, escreveram a meu editor para que êle reservasse lugares. Tal interêsse me espanta, e hoje devo pôr-me a tocar, seja embora por descargo de consciência, pois toco menos bem que antigamente. (Antes dos concêrtos, sempre Chopin se exercitava, repetindo Bach). Tocarei, como curiosidade, o trio de Mozart, com Franchomme e Allard. Não haverá programmas, nem bilhetes gratuitos. O salão será confortàvelmente arrumado e pode conter trezentas pesoas. Pleyel zomba sempre de minha tolice e, para me animar a êste concêrto, mandará ornamentar de flores as escadarias. Estarei como em minha casa, e meus olhos não encontrarão, por assim dizer, senão rostos conhecidos. Dou mui-

tas lições. Estou esmagado de trabalho, de todos os lados, e, com isso, nada faço... Se partirdes, eu me mudarei também, pois duvido que possa digerir mais um verão em París como o do ano passado. Se Deus nos der saúde, havemos de nos rever, conversaremos e nos abraçaremos".

Não só lassidão transpira desta carta; não dissimula ela, através de não sei que sorriso contrafeito, a certeza de um fim próximo ? Algo de simbòlicamente fúnebre existe nessa reunião de amigos, nessa atmosfera de flores e coroas. Adivinha-se mesmo na solicitude dêsse meio artístico e mundano uma inquietação, como que um pressentimento do crepúsculo de toda uma época sossegada e elegante. Declinam o Poéta e o Rei. Faz-se empenho em colher os últimos perfumes do velho lírio de França e do jovem rosal polonês. Aproxima-se a vitória de George Sand, dos filósofos demagogos e de Barbès.

O supremo concêrto de Chopin teve lugar na quarta-feira, 16 de fevereiro de 1848, uma semana antes da abdicação de Luiz Filipe. Tudo foi excepcional: a sala, guarnecida de flores e tapeçarias; a lista do escolhido auditório, revista pelo próprio Chopin; as letras do programa, de caligrafia inglesa, gravadas a buril e impressas em papel finísimo.

PRIMEIRA PARTE

Trio de Mozart, para piano, violino e violoncelo, por Chopin, Allard e Franchomme.

Árias cantadas pela srta. Antonia Molina di Mondi.

Noturno
Barcarolla } compostos e executados por Chopin

Ária cantada pela srta. Antonia Molina di Mondi

Estudo
Berceuse } compostos e executados por Chopin

SEGUNDA PARTE

Scherzo, Adagio e Finale da Sonata em sol menor, para piano e violoncelo, composta por Chopin e executada pelo autor e Franchomme.

Nova ária de *Roberto o Diabo,* de Meyerbeer, cantada por M. Roger.

Mazurkas
Prelúdios
Valsas } compostos e executados por Chopin.

Acompanhamentos: Aulary e De Garaudé

A Barcarolla é de 1846 (op. 60); a *Berceuse* (op. 57), data de 1845. Quanto ao *Noturno* e ao *Estudo* anunciados, só se podem fazer conjecturas. A *Sonata* para piano, violino e violoncelo é a última obra que Chopin publicou. Relativamente aos *Prelúdios* e às *Mazurkas* não ha certeza tão pouco. Mas, sabe-se que a valsa escolhida foi a chamada *valsa do cãozinho,* (op. 64, n.º 1).

Surgiu Chopin. Estava extremamente fraco, porém direito. Seu rosto, se bem que pálido, não parecia mudado. Sua execução tão pouco traiu qualquer esgotamento; estava-se, de resto, bastante habituado à suavidade e ao imprevisto de seu toque, para que se estranhasse ter êle tocado pianìsimo os dois *forte* do final da *Barcarolla*. Sensibiliza saber que tivesse êle escolhido para essa noite aquele belo queixume, — recitativo de um encontro de amantes numa paisagem da Itália. Têrças e sextas, sempre inconfundíveis, fazem dêsse diálogo a duas vozes, a duas almas, um comentário bem legível de sua própria história. "Faz pensar numa apoteose envolvida em mistério" — disse Maurício Ravel a respeito desta peça. Talvez seja, com efeito, o desenlace interior, a glorificação de sua ternura inexprimida.

Tão grande foi o esfôrço, que Chopin desmaiou no camarim, após a execução. Quanto ao ardor do público, é escusado assinalar. "O silfo cumpriu sua palavra" — escrevia a *Gazeta Musical* alguns dias mais tarde, "e com que êxito ! com que entusiasmo ! E' mais fácil falar do acolhimento que recebeu, dos arrebatamentos que produziu, do que escrever, analisar, divulgar os mistérios de uma execução que não tem similar em todo o mundo. Se tivéssemos a nosso dispor a pena que traçou as delicadas maravilhas da rainha Mab, conseguiríamos, no máximo, dar uma leve noção do talento puramente ideal, para o qual a matéria quasi nada coopera. Para fazer compreender Chopin, não conhecemos

senão o próprio Chopin; todos os que assistiram ao concêrto de quarta-feira, tanto quanto nós, se convenceram dessa verdade.

* *
*

Chopin chegou a Londres em 20 de abril de 1848 e instalou-se num aposento confortável, em Dover Street, com seus três pianos: um Pleyel, um Erard e um Broadwood.

Não chegou só: a Inglaterra era invadida por uma leva de artistas que fugiam do continente, onde estalavam revoluções em todos os cantos. Entretanto, miss Stirling e sua irmã, sra. Erskine, haviam pensado em tudo, e já se falava, na sociedade e pelos jornais, da permanência de Chopin.

A mudança de ar e de vida parecem a princípio favoráveis a sua saúde. Respira mais livremente, e pode fazer algumas visitas. Vai ao teatro, ouve cantar Jenny Lind, e tocar a Filarmonia, mas "a orquestra dos ingleses é como seu bife, ou sua sopa de tartaruga; enérgica, séria e nada mais". Seu maior defeito é a falta de ensaios, e Chopin antes de dar um concêrto, sempre exige ensaios minuciosos. Delibera, pois, não se exibir em público. Além do mais, seu moral está abatido, por causa das más notícias políticas chegadas da Polônia. Não bastasse isso, tem o desgôsto de saber da completa desinteligência do casal Clesinger, de uma provável se-

paração, e logo se preocupa com George. Contanto que esta mãe desventurada não tenha novas lágrimas a derramar !

Não demora a fadiga em acabrunhá-lo de novo. E' forçado a sair todas as noites, dar lições desde á manhã, para pagar seu alojamento, o criado e a equipagem. Recomeçam os escarros sanguíneos. Não obstante, é recebido com muitas atenções pelos grandes senhores e grandes damas: o duque de Westminster, as duquesas de Sommerset e Sutherland, lord Falmouth, lady Gainsborough, miss Stirling e sua irmã, desejariam apresentá-lo a todos os seus conhecidos.

Enfim, faz-se ouvir em dois ou três salões, mediante uma remuneração de vinte guinéus, remuneração essa que a sra. Rothschild o aconselha a reduzir um pouco, "pois, nesta estação (junho), é preciso fazer preços mais moderados".

O primeiro sarau teve lugar em casa da duquesa de Sutherland, ao qual compareceram a rainha, o príncipe Alberto, o príncipe da Prússia, e mais de oitenta pessoas da aristocracia, entre as quais o velho duque de Wellington.

Stafford House, o antigo solar dos Sutherland, impõe-se à admiração do artista, que o descreve, maravilhado: "Todos os palácios reais e os antigos castelos são esplêndidos, mas não ornados com tanto gôsto e elegância como Stafford House. Era de ver-se a rainha, nas escadarias, sob uma iluminação resplandescente, envolvida por todos aqueles diamantes, fitas e jarreteiras,

descendo com a mais rigorosa elegância, conversando, detendo-se nos diversos patamares. Na verdade, é lamentável que um Paulo Veronese não pudesse ter visto semelhante espectáculo, para deixar mais uma obra prima".

Caro Chopin ! não se apercebia de que, contemplando tal quadro, nosso olhar não teria buscado se não seu rosto macerado ! Que significam, para nós, essas efêmeras lantejoulas e todas essas agaloadas grandezas, comparadas a sua minúscula pessoa, consumida, mas tão próxima de nosso coração ! A magnificência dessa pompa só nos aparece nele, actor obscuro de uma festa, em que nada se nos afigura excepcional, além de seu olhar febril !

"Sofro de uma nostalgia estúpida, — escreve êle — e, a despeito de minha perfeita resignação, preocupo-me, Deus sabe porque, com o que ha de ser de mim".

Vai tocar em casa do marquês de Douglas, de lady Gainsborough, de lord Falmouth, em meio de uma afluência de aristocráticas personagens. "Sabeis que todos êles vivem de grandezas. Para que citar-vos todos êsses nomes vãos ?" Entretanto, muito êle os cita. Entre as notabilidades, é apresentado a Carlyle, a lord Bulwer, a Dickens, a Hogarth, amigo de Walter Scott, que escreve sôbre Chopin um belo artigo no *Daily News*. Entre as "curiosidades", lady Byron. "Conversámos, sem quasi nos entender: ela em inglês, e eu em francês. Compreendo porque Byron se houvesse aborrecido dela".

Broadwood, fabricante de pianos, conta-se entre seus amigos burgueses mais solícitos. A's vezes, recebe êle sua visita, pela manhã. Chopin conta-lhe um dia, que dormiu mal. Regressando essa noite, encontra em sua cama um colchão novo, de molas, e travesseiros, que o protector lhe mandara, sem êle o saber.

Estes diversos recitais rendem a Chopin cêrca de cinco mil francos. Quasi nada, em suma. Que importa, porém, o dinheiro ? Para que lhe serve ? Jamais esteve êle tão triste. Ha bem tempo que não experimenta uma verdadeira alegria, confia êle a Grzymala. "No fundo, realmente nada mais sinto; vegeto, simplesmente, e aguardo meu fim com paciência".

Em 9 de agosto, deixa Londres, com destino à Escocia, onde vai procurar suas amigas Stirling e seu cunhado lord Torpichen. O solícito Broadwood reserva-lhe dois lugares no trem, para que tenha mais comodidade, e dá-lhe, por companheiro de viagem, um certo senhor Wood, engociante de música.

Chega a Edimburgo, onde o espera um apartamento no melhor hotel, e aí repousa um dia e meio. Visita a cidade, faz ponto numa loja de música, onde ouve tocar uma de suas mazurkas por um pianista cego. Nova partida, numa carruagem atrelada à inglesa, para Calder House, a doze milhas de Edimburgo. Aí é recebido por lord Torpichen, num antigo solar cercado de um parque imenso. Só se vêem taboleiros de relva, árvores, montanhas e céu.

"Os muros do castelo têm oito pés de espessura.

Ha galerias de todos os lados e sombrios corredores ornados por uma quantidade incalculável de retratos de antepassados, de todas as côres, em todos os trajes: uns, escoceses, outros em armaduras. Nada falta para satisfazer à imaginação. Ha até um chapelinho vermelho que faz suas aparições, mas que ainda não vi".

Quanto aos amigos que o hospedam, mostram-se impecáveis, sóbrios e generosos. "Que excelentes pessoas estes meus escoceses! — exclama Chopin. — Nada posso desejar, que não receba imediatamente. Até os jornais parisienses me trazem todos os dias. Sinto-me bem. Tenho calma e repouso, mas, dentro de oito dias, precisarei partir".

Era antiquíssima a família Stirling of Keir; remontava ao século XIV, e havia enriquecido nas Índias. Jane e a irmã mais velha, a sra. Erskine, conheceram Chopin em París. Duas damas aristocráticas, mais velhas que Frederico, mas a mais nova delas de grande beleza. Ary Scheffer fez-lhe o retrato várias vezes, pois representava ela, a seus olhos, o tipo da beleza ideal. Pretende-se que ela tivesse desejado casar-se com Chopin, que assim respondia aos que lhe falavam nisso: "Seria o mesmo fazê-la casar-se com a morte".

No solar de Calder House a vida é agradável: manhãs tranquilas, passeios em carruagem à tarde, e, à noite, música. Chopin harmoniza árias escocesas para o velho lord, que depois se põe a solfejá-las, espectáculo que não deixava de ser grotesco.

Mas o pobre cisne se vai entediando. Pensa ainda,

e sempre, em George, de quem acaba de receber algumas notícias por Solange.

Notícias más. Em virtude de lhe terem atribuido as proclamações que incendiaram a guerra civil até o Interior, foi ela muito mal recebida na região de Nohant. Refugiando-se em Tours, "chafurdou em todos os pantanos, e por aí arrastou muitos outros consigo" — mandou dizer Chopin a sua irmã. Circula um nefando libelo por sua conta, redigido pelo pai daquela Augustina, que Chopin detestava. Queixava-se êsse homem de que "ela desmoralizara sua filha, reduzindo-a á condição de amante de Maurício, e obrigando-a a casar-se com o primeiro que apareceu... O pai cita as próprias cartas da sra. Sand. Em uma palavra: a mais suja aventura de que París se ocupa actualmente. E' uma indignidade da parte do pai, *mas é a verdade*. Eis aí, pois, o benefício que ela julgou realizar, contra o qual me batí, com todas as minhas energias, quando essa moça entrou para a casa !

"Melhor fôra deixá-la com seus pais, não lhe pôr no pensamento aquele homem, que só fará um casamento de dinheiro... Mas, quis ter em casa uma linda prima... Vestia-se como Sol, e andava mais bem cuidada, porque assim o exigia Maurício... Solange, que tudo via, trazia-os constrangidos... Daí, as mentiras, a vergonha, e o resto".

Sentem-se voltar à tona todos os rancores, e máguas imensas. "Os ingleses são tão diferentes dos franceses

aos quais me afeiçoei, como e fôssem os meus!" — exclama êle nesta mesma carta à família. — "Tudo êles pesam pela libra esterlina, e não apreciam a arte senão porque esta é um *luxo*. E' ótima gente, mas tão original, que compreende que também a gente aquí se torne circunspecta: a gente se transforma em máquina".

E' preciso deixar Calder House, para dar vários concertos: em Manchester, em fim de agosto; em Glasgow, em fim de setembro; em Edimburgo, em princípio de outubro. E se, por toda parte colhe êle o mesmo êxito, a mesma surpresa admirativa, uma espécie de discreto entusiasmo, a maior parte da crítica assinala, contudo, que sua execução já não é mais que um murmúrio.

"Chopin aparenta cêrca de trinta anos" — diz o *Manchester Guardian*. (Tinha, de facto, 38). "E' de fragílima estrutura, e em seu porte e seu passo se reflete um ar quasi penoso de debilidade. Dissipa-se, entretanto, esta impressão, quando êle se põe ao piano, no qual parece absorver-se completamente. A música e o estílo de Chopin participam dos mesmos caracteres predominantes: ha mais requinte que vigor; mais elabora subtilmente a composição, do que simplesmente a possue; seu toque é elegante e ligeiro, sem que êle empunhe o instrumento com uma firmeza confiante. Sua música e sua técnica são a própria perfeição da música de câmara... mas, ser-lhes-ia necessário mais ânimo; mais franqueza de desenho e vigor de execução, para terem repercussão numa grande sala".

São as mesmas discretas censuras que se lhe faziam

em Viena, em 1829. Mas só os amigos sabem quanto êle sofre, e quanto custa conduzí-lo pelas escadas. Não obstante, continua escrupuloso e requintado em coisas de elegância, como uma dama, preocupado com a roupa e os calçados, que exige impecáveis. O criado frisa-lhe os cabelos todas as manhãs.

Entanto, denuncia-se o lado imperioso de sua natureza. Tudo lhe pesa: os obséquios e a própria afeição a seus ombros se tornam pesados, como o capote ou mesmo o chale de casemira. São as impertinências de doente grave: "Esta gente me esmaga com sua solicitude inútil. Sinto-me só, só, só, se bem que cercado por meio mundo... Enfraqueço-me cada vez mais; nada mais posso compor, não que me falte vontade, senão as próprias fôrças físicas... Minhas escocesas não me dão tréguas: asfixiam-me de gentilezas, e, por gentileza, nada lhes censuro". Assim se queixa a Grzymala. Levam-no de Stirling a Ueir, de um castelo a outro, de um lord a um duque. Em toda a parte encontra uma hospitalidade suntuosa, pianos excelentes, belos quadros, bibliotecas bem organizadas, caçadas, cavalos, cães; mas, onde quer que esteja, aniquila-se pela tosse e pelo tédio. Que fazer, depois do jantar, quando os senhores se instalam no salão, em torno do *whisky*, e, não conhecendo a língua, é obrigado a "vê-los falar e ouví-los beber" ? Novo acesso de nostalgia, nostalgia de Nohant.

Enquanto comentam suas árvores genealógicas, e, "como no Evangelho, citam nomes e nomes, que os fazem remontar a Jesús Cristo", Chopin rascunha cartas

aos amigos. "Se Solange se estabelecer na Rússia, — escreve à senhorita de Rozières — com quem falará ela sôbre a França ? Com quem poderá ela tagarelar no dialeto de Berry ? Parece-vos que não tem importância ?... Pois bem ! é, contudo, um grande consôlo ter, em país estrangeiro, alguém ao pé de si, a quem baste olhar, para sentir-se transportado à pátria".

Finalmente, regressa a Londres, pelo princípio de outubro, para caír logo de cama. Sufocações, dores de cabeça, influenza, bronquite, todos os sintomas habituais. Suas escocesas acompanham-no, desvelam-se, bem como a princesa Czartoryska, que se arvora em sua enfermeira. Desde então, só pensa em voltar para a França. Como outrora, ao voltar de Maiorca, encarrega Grzymala de procurar-lhe um alojamento nas proximidades dos boulevards, entre a rua de la Paix e a Madeleine, com o competente quarto para o criado. "Por que te dou todo êste incômodo nem sei, pois nada mais me causa prazer. Mas é bem preciso que me preocupe comigo". E de repente recrudesce a velha mágua, sem razão aparente, em meio de todos estes cuidados domésticos: "Jamais amaldiçoei ninguém, mas, neste momento, tudo me é insuportável a tal ponto, que, parece, me sentiria aliviado se pudesse amaldiçoar Lucrécia !..." Seguem-se três linhas, que êle risca imediatamente, tornando-as indecifráveis. Depois, voltando a si, ou tendo engolido, uma vez mais, o que nunca se permitiu exprimir, acrescenta: "Mas lá também êles sofrem, sem dúvida;

e tanto mais sofrem quanto envelhecem no ódio. Quanto a Solange, será para mim um eterno desgôsto".

Subsiste assim o mistério desta alma. Nunca se poderão bem distinguir os limites em que nela se tocam o amor, o desprêzo e o ódio. O único facto verdadeiro é que, a partir do rompimento com George, se extinguiram em Chopin a vida do corpo e a do espírito.

Dir-se-á: já estava êle condenado. Não mais, entretanto, do que quando regressava da Maiorca. E seu pai, só aos sessenta anos, sucumbiu ao mesmo mal. Chopin abandonou uma luta, que não tinha mais motivo para querer vencer. Mesmo êle o diz: "E por que voltar? Por que Deus não faz que eu morra de uma vez, em lugar de me deixar morrer lentamente, de uma febre de irresolução? E ainda por cima, as escocesas a me atormentarem! A sra. Erskine, que é muito boa protestante, desejaria, talvez, fazer de mim um protestante, pois sempre me traz a Bíblia, me fala da alma, e indica Salmos para eu ler. Ela é religiosa e boa, mas tem muita preocupação por minha alma. Contìnuamente ela me *verruma,* dizendo-me que o outro mundo é melhor do que êste, o que já sei de cor. Respondo-lhe por citações das Santas Escrituras, e declaro-lhe que conheço tudo isso".

Agonizando, arrasta-se ainda de Londres a Edimburgo, ao castelo do duque de Hamilton, torna a Londres, dá um concêrto em benefício dos poloneses, e redige seu testamento.

Gutmann, seu amigo e discípulo, informa-lhe que

em París circulam boatos sôbre seu casamento. Sem dúvida, estas malfadadas escocesas! "A amizade permanece amizade, — responde Chopin. E mesmo que pudesse apaixonar-me por uma criatura que me ame como eu desejava ser amado, ainda assim não me casaria, pois não teria o que comer, nem saberia onde me alojar. Uma ricaça procura um rico; mas, se ama um pobre, é preciso, ao menos, que êste não seja um doente... Não, não penso numa espôsa; antes, na casa paterna, em minha mãe, em minhas irmãs... E minha arte, aonde foi? E meu coração, onde o malbaratei? Mal posso lembrar-me ainda de como se canta entre nós. — Toda a gente desfalece em torno de mim, de maneira absolutamente estranha — desoriento-me. — Não tenho mais fôrças. — Não te faço lamúrias, mas, interrogaste-me, e explico-te; estou mais próximo do túmulo que do leito nupcial. Minha alma está em paz. Estou resignado".

Parte, afinal, pelo início do ano de 1849, de volta à praça d'Orleans, enviando a Grzymala suas últimas recomendações. Que mande comprar raizes de pinho para o fogão; que as cortinas e tapetes estejam em ordem; um piano Pleyel também; um ramo de violetas no salão, para embalsamar o ambiente. "De regresso, quero encontrar ainda um pouco de poesia, quando passar do salão para meu quarto, onde certamente me deitarei por muito tempo".

Com que alegria revê o pequeno apartamento! Infelizmente, falecera, havia pouco, o doutor Molin, o

único que possuia o segrêdo de reanimá-lo. Consulta o dr. Roth, o dr. Louis, o dr. Simon, e um homeopata. Todos prescrevem os velhos remédios ineficazes: água de goma, repouso, precauções. Chopin dá de ombros. Por toda a parte vê a morte: Kalkbrenner morrera; mortos, também, o dr. Molin, o filho do pintor Delaroche, uma camareira de Franchomme, a cantora Catalani (de quem recebera, com a idade de dez anos, o primeiro relógio).

— Em compensação, — diz uma das escocesas, — Noailles vai melhor.

— Sim, mas o rei da Espanha morreu em Lisboa, — replica Chopin.

Todos os amigos lhe fazem visitas: o príncipe e a princesa Czartoryska, Delfina Potoçka, a sra. Rothschild, Legouvé, Jenny Lind, Delacroix, Franchomme, Gutmann.

Com tudo isso, nem um vintém em caixa. Negligente e distraido, Chopin nunca sabe ao certo do estado de suas finanças. Presentemente, andam a zero, pois não pode dar uma só lição. Franchomme serve-lhe de guarda-livros, mas precisa fazer prodígios de imaginação para explicar a origem dos recursos que alguns de seus amigos fornecem. Se desconfiasse dêste estado de coisas, recusaria tudo; a idéa de tais caridades lhe seria insuportável.

A êste respeito, deu-se mesmo uma curiosa aventura: as irmãs Stirling, querendo poupá-la a essas preocupações, entenderam de mandar entregar à porteira, em sobre-carta fechada, e anônimamente, a quantia de vin-

te e cinco mil francos. A sra. Étienne recebeu a sobrecarta, colocou-a atrás do globo do relógio, e esqueceu-se. Quando, mais tarde, se apercebeu de que Chopin não havia recebido o dinheiro, a sra. Erskine foi forçada a confesar-lhe toda a história, o que lhe provocou os mais altos protestos. "Precisei dizer-lhe muitas verdades, — conta êle a Grzymala, — como, por exemplo: que era necessário ser a rainha da Inglaterra, para me fazer aceitar presentes tão principescos". Como, porém, não se encontrasse o dinheiro, o mensageiro que o tinha entregue à porteira, consultou um sonâmbulo. Êste pediu um cacho dos cabelos da sra. Erskine, afim de consultar os oráculos eficientemente. Chopin obteve-o, por um subterfúgio qualquer, mediante o que afirmou o clarividente que a sobrecarta se achava ainda atrás do relógio. Com efeito, aí foi encontrado, intacto, o dinheiro. "Hein! Que dizes dêste negócio? Que achas dêste sonâmbulo? Minha cabeça anda à roda, de tanto estupor!"

Como nos grandes nevropatas, a saúde de Chopin é caprichosa. Registram-se altos e baixos. Com a volta da primavera, pode sair um pouco, passeia de carro, mas sem descer. O editor Schlesinger vem tratar dos negócios com êle, à beira do passeio. Frequentemente o acompanha Delacroix, que, em seu diário, consignou muitas notas, hoje verdadeiramente preciosas.

29 *de janeiro* — "A' tarde, visitei Chopin; estive com êle até dez horas. Caríssimo homem! Falamos da

sra. Sand, dêsse estranho destino, dêsse composto de virtudes e vícios, a propósito de suas *Memórias*. Dizia-me êle que a ela seria impossível escrevê-las. Ela esqueceu tudo aquilo; tem lampejos de sensibilidade, e esquece depressa... Disse-lhe que previa para ela uma velhice desventurada. Êle nem pensa nisso... Sua conciência não o acusa de nada do que os amigos lhe reprovam. Ela tem uma boa saúde, que pode conservar-se. Só uma coisa poderia afectá-la profundamente; a perda ou a degradação de Maurício.

"Quanto a Chopin, o sofrimento impede-o de interessar-se pelo que quer que seja, e mais razoàvelmente, pelo trabalho. Disse-lhe que a idade e as agitações acabariam por fazer-me adoecer também. Respondeu-me que estimaria muito que eu resistisse. "Gozais de vosso talento, — disse — com uma espécie de segurança, que é um raro privilégio, e que justifica a ânsia mais febril de reputação".

30 *de março.* — "Vi, esta noite, em casa de Chopin, a encantadora sra. Potoçka. Já duas vezes a tinha ouvido. Raramente encontro coisa tão completa!... Vi também a sra. Kalerji: tocou, mas não muito simpàticamente; em compensação, é de uma impressionante beleza, quando levanta o olhar, tocando, à maneira das Madalenas de Guide ou de Rubens".

14 *de Abril.* — "Fui ver Chopin, à tarde: encontrei-o muito abatido, mal respirando. Minha presença,

ao cabo de algum tempo, reanimou-o. Disse-me que o tédio era seu mais cruel padecimento. Perguntei-lhe se conhecia o insuportável vazio que sinto algumas vezes. Disse-me que sabia sempre ocupar-se de alguma coisa; por menos importante que seja, uma ocupação enche os momentos e dissipa essas nuvens. Não são a mesma coisa os desgostos..."

22 *de abril.* — "Depois do jantar, em casa de Chopin; homem delicado de coração, e, — não precisa dizê-lo, — de espírito. Falou-me das pessoas que conheci em sua companhia... Recordou a primeira representação do *Profeta*. Que horror tinha êle por esta Rapsódia !"

* *
*

No mês de maio, Chopin queimou seus manuscritos. Experimentou escrever um método para piano; desistiu, e queimou-o com o resto. Evidentemente, a idéa do imperfeito, do inacabado, lhe era insuportável ao espírito.

Tendo-lhe recomendado os médicos um ar mais puro, um bairro mais tranquilo, seus amigos alugaram um apartamento na rua de Chaillot, no segundo andar de um prédio novo, e para lá o transportaram. Daí se desfrutava uma linda vista de París, e aí, ficava êle, por trás da janela, imóvel, silencioso.

Pelo fim de junho, quis, repentinamente, a todo preço, rever os seus. Mandou-lhes um apêlo, que levou dois dias a escrever.

XVIII

"Os ciprestes têm seus caprichos"

"Senhora Luisa Iedrzeïewicz.

París, segunda-feira, 25 *de junho de* 1849.

"Meus queridos.

"Chegai até aquí, se vos for possível. Sinto-me doente e nenhum médico me auxiliaria como vós. Se vos faltar dinheiro, tomai por empréstimo; quando estiver melhor, ganharei fàcilmente e pagarei a quem vos tiver emprestado, mas, por agora, estou desprevenido para mandar-vos alguma coisa. Meu apartmento de Chaillot é bastante espaçoso, para que vos possa receber, mesmo com duas crianças. A pequena Luisette aproveitará, sob todos os pontos de vista.

"O *pai* Calasante (1) passaria o dia a correr; temos bem perto daquí a exposição de produtos agrícolas; numa

(1) Cunhado de Chopin, marido de Luiza.

palavra, para êle haveria muito mais tempo livre que antigamente, porque estou mais fraco, e ficarei mais tempo em casa com Luiza. Meus amigos e todas as pessoas que me querem bem acham que o melhor remédio para mim seria a chegada de Luiza, como certamente ela saberá pela carta da sra. Obreskow. Providenciai, pois, sôbre os passaportes. Pessoas que Luiza não conhece, umas do Norte, outras do Sul, me dizem que seria proveitoso não só para minha saúde, como para a de minha irmã.

"Portanto, Luiza-mãe, e Luiza-filha, trazei vosso dedal e vossas agulhas; dar-vos-ei a marcar meus lenços, minhas meias a serzir; e passareis o tempo alguns meses, a respirar o ar fresco em companhia de vosso velho irmão e tio. A viagem agora é mais fácil, e não é preciso, tão pouco, uma bagagem numerosa. Se mesmo, algumas vezes, Calasante achar que é longe dos Campos Elíseos à cidade, poderá alojar-se em meu apartamento da praça d'Orleans. Os ônibus partem mesmo da praça e param à minha porta. Nem sei mesmo porque tenho tanta vontade de ver Luiza; é como um desejo de mulher grávida. Juro-vos que ela aquí estará bem. Espero que o conselho de família ma envie; quem sabe se eu é que a levarei, quando me tiver curado !? Então, é que nos regosijariamos, e nos abraçariamos, como já vos escreví, mas sem peruca, e com os nossos próprios dentes. A mulher deve sempre obediência ao marido; por isso, ao marido é que peço trazer sua mulher; suplico de todo o coração, e se êle bem considerar as coisas, verá que não

pode dar, nem a ela, nem a mim, prazer maior, nem prestar tão grande serviço, mesmo às crianças (quanto à menina, não tenho a menor dúvida). Gastar-se-á algum dinheiro, é verdade, mas não se pode empregá-lo melhor, nem viajar mais barato. Uma vez aquí, o tecto se ha de encontrar. Escrevei-me um bilhete. A sra. Obreskow, que teve a amabilidade de escrever-vos (deilhe o enderêço de Luiza), talvez a convença melhor que eu. A senhorita de Rozières também juntará uma palavra, e Cochet, se aquí estivesse, falaria por mim, pois, sem dúvida, não me acharia melhor. Seu Esculápio não se mostra ha dez dias, porque se apercebeu, finalmente, de que havia em minha doença qualquer coisa que ultrapassa sua ciência. Apesar disso, elogiai-o bastante a vosso locatário e a todos que o conhecem, e dizei que êle me fez o maior bem. Minha cabeça é assim: quando vou um pouco melhor, só isto me satisfaz. Dizei também que toda a gente acha que êle curou inúmeras pessoas do cólera. O cólera diminuiu consideràvelmente; quasi desapareceu. Faz um tempo soberbo; estou sentado no salão, de onde admiro todo o panorama de París: as tôrres, as Tulherias, as Câmaras, Saint-Germain-l'Auxerrois, Saint-Étienne-du-Mont, Notre-Dame, o Panteon, Saint-Sulpice, o Val-de-Grace, as cinco janelas dos Inválidos, e, entre estes edifícios e eu, nada mais que jardins. Vereis tudo isto quando vierdes. Agora, ocupai-vos um pouco dos passaportes e do dinheiro, mas, depressa. Escrevei-me uma carta imediatamente. Sabeis que os ciprestes têm seus caprichos: meu capricho

de hoje é ver-vos em minha casa. Talvez permita Deus que tudo corra bem; mas, se Deus não o quiser, procedei, pelo menos, como se êle o permitisse. Tenho muita esperança, pois nunca peço grande coisa, e ter-me-ia abstido também *disso*, se a tanto não fôsse impelido, por aqueles que me estimam. Avia-te, senhor Calasante; em compensação, dar-te-ei *grandes* e excelentes charutos; conheço alguém que fuma charutos famosos, mas, nota bem: no jardim. Espero que tenha chegado a carta que escreví pelo aniversário de mamãe, e que não tenha feito muita falta à festa. Não posso pensar em tudo isso, que me vem a febre, e, graças a Deus, estou sem febre, o que despista e aborrece todos os médicos ordinários.

Vosso irmão dedicado, mas bem fraco.

CH."

XIX

Morte de Chopin

"Luiza-mãe" e "Luiza-filha" acorreram imediatamente. Calasante acompanhou-as. Chopin bem teria gostado de ver igualmente junto de si o companheiro da mocidade, Titus, que acabava de chegar a Ostende. Sendo, porém, súdito russo, as dificuldades de passaporte lhe impediram a entrada em França.

"Os médicos não me permitem viajar, — lhe escreve o enfêrmo, que esperava poder ir ao seu encontro. — Bebo água dos Pireneus em meu quarto. Mas tua presença me seria mais benfazeja que toda a medicina. Teu, até na morte, Frederico".

Seis semanas, aproximadamente, se escoaram, sem melhora alguma. Chopin já quasi não falava, e fazia compreender-se por sinais. Teve lugar uma conferência entre os doutores Cruveillé, Louis e Blache. Concluiram que qualquer remoção para o Sul já então era inútil, mas que seria preferível transportar o moribundo para um alojamento que se pudesse aquecer, mais cômodo e bem exposto. Após longa procura, achou-se o

que convinha, no n.º 12 da praça Vendôme, para onde Chopin foi levado. Uma última vez tomou da pena para escrever a Franchomme. "Hei de ver-te no próximo inverno, pois estou instalado confortàvelmente. Minha irmã ficará comigo, salvo se for chamada com urgência. Amo-te, é tudo o que posso dizer-te no momento, pois estou quebrado de fadiga e de fraqueza".

Carlos Gavard, jovem irmão de uma de suas discípulas, frequentemente vinha vê-lo e fazer-lhe leitura. Chopin indicava-lhe suas preferências. Quasi sempre escolhia o *Dicionário Filosófico* de Voltaire, que lhe agradava sobretudo pela forma, concisão e firmeza de carácter. Foi precisamente o capítulo *Das diferentes tendências dos povos* que Gavard lhe leu uma das últimas vezes.

Seu estado peorou ràpidamente; entretanto, queixava-se pouco. A idéa do fim não parecia afectá-lo muito. Nos primeiros dias de outubro, não teve fôrça bastante para se manter sentado. Aumentaram os acessos de sufocação. Gutmann, que era alto e robusto, sabia agir com habilidade para sustê-lo e acomodá-lo sôbre os travesseiros. A princesa Marcelina Czartoryska retomou as funções de enfermeira, passando na praça Vendôme a maior parte do dia. Franchomme voltou do campo. Em torno do agonizante, os parentes e os amigos se reuniam, prontos a prestar qualquer serviço. Conservavam-se todos na peça contígua àquela em que Chopin vivia seus últimos dias. Um de seus amigos de infância, o abade Alexandre Jelowiçki, cuja amizade es-

tivera estremecida, quis revê-lo, ao saber da gravidade de sua moléstia. Três vezes seguidas recusaram-se a recebê-lo; mas, conseguindo, afinal, informar Chopin de sua presença, foi imediatamente admitido. Desde então, voltou todos os dias. Chopin teve satisfação em encontrar de novo êste camarada de outrora.

— Não desejaria morrer, — disse, — sem ter recebido os sacramentos, afim de não maguar minha mãe, mas não os compreendo como desejas. Na confissão não posso ver mais do que o alívio de um coração oprimido, no coração de um amigo.

Relatou o abade que em 13 de outubro, pela manhã, encontrou Chopin um pouco melhor.

— Meu amigo, — lhe disse êle, — hoje é o aniversário de meu pobre irmão falecido. E' preciso que me dês alguma coisa por êste dia.

— Que te posso dar ?

— Tua alma.

— Ah ! compreendo, — exclamou Frederico. — Ei-la, toma-a.

Jelowiçki caiu de joelhos e apresentou o Crucifixo a Chopin, que se pôs a chorar. Em seguida, confessou-se, comungou e recebeu a extrema-unção. Depois disse, abraçando o amigo à polonesa: "Obrigado, meu caro, graças a ti, não rebentarei como um porco". Êsse dia foi mais calmo. As crises de sufocação, porém, logo recomeçaram. Enquanto Gutmann o amparava nos braços, durante um dêsses acessos exaustivos, disse Chopin depois de um longo silêncio abafado:

— Agora, entro em agonia.

O médico tomou-lhe o pulso, e buscou uma palavra tranquilizadora. Mas, tornou Chopin com autoridade:

— E' um raro favor que Deus concede ao homem, revelando-lhe o instante que sua agonia começa; esta graça me concedeu. Não me perturbeis.

Foi ainda essa noite que Franchomme o ouviu murmurar: "Entretanto, ela me havia dito que eu não morreria senão em seus braços".

Domingo, 15 de outubro, chamada por um recado urgente, chegava de Nice Delfina Potoçka. Quando Chopin soube que ela se achava no salão, disse:

— Por isso, então, é que Deus tardava tanto em me chamar para si; quis dar-me ainda o prazer de revê-la."

Mal se aproximou ela do leito, manifestou o moribundo o desejo de ouvir cantar aquela voz que tanto havia amado. Rodou-se o piano até o limiar do quarto. Contendo os soluços, a condessa cantou. Devido à emoção geral, ninguém, mais tarde, se pôde lembrar com certeza quais foram os trechos escolhidos por êle. Mas, a pedido de Chopin, ela cantou duas vezes.

Ouviu-se de súbito o estertor do moribundo. O piano foi de novo arrastado e todos se ajoelharam. Contudo, não era o fim, e êle venceu ainda essa noite. No dia 16, extinguiu-se-lhe a voz e êle perdeu os sentidos durante várias horas. Mas voltou a si, fez sinal de que

desejava escrever, e lançou sôbre uma folha de papel sua última vontade:

"Como esta terra me ha de cobrir, conjuro-vos que façais abrir meu corpo afim de que não seja enterrado vivo".

Mais tarde, recobrou de novo dèbilmente o uso da palavra, e disse:

— Encontrar-se-ão muitas composições, mais ou menos esboçadas; peço, em nome do devotamento que se me tributa, que sejam todas queimadas, excepto o comêço de um *método*, que légo a Alkan e a Reber, para que tirem dêle alguma utilidade. O resto, sem excepção, deve ser consumido pelo fogo, pois tenho um grande respeito pelo público, e meus ensaios são tão acabados, quanto esteve em minhas fôrças fazê-lo. Não quero que, sob a responsabilidade de meu nome, se espalhem obras indignas do público.

Disse adeus a cada um. Chamando a princesa Marcelina e a senhorita Gavard, disse-lhes: "Fareis música junto, pensareis em mim, e eu vos escutarei". Dirigindo-se, em seguida, a Franchomme: "Tocarás Mozart em minha memória". Durante toda esta noite, o abade Jelowiçki recitou as preces dos moribundos, que os outros repetiam em conjunto. Sòmente Chopin ficava mudo; a vida não se revelava senão por espasmos nervosos. Gutmann tinha entre as suas a mão de Chopin, e de vez em quando lhe dava de beber. "Caro amigo" — murmurou Chopin uma vez.

O rosto ficou sombrio e rígido. O doutor debruçou-

se sôbre êle e perguntou-lhe se sofria. "Não mais" — respondeu Chopin. Foi sua última palavra. Percebeu-se, alguns instantes após, que havia cessado de viver.

Era 17 de outubro de 1849, às 2 horas da madrugada.

Sairam todos para chorar.

Desde o romper da manhã, trouxeram-se em massa as flores preferidas de Chopin. Clesinger veio modelar o rosto do morto. Uwiatkowski tirou diversos desenhos. Disse êle a Jane Stirling, pois compreendia quanto esta o havia amado: "Era puro como uma lágrima".

XX

Epitáfio a um poéta

A morte de um artista é o momento de sua transfiguração. Muitos ha que acreditamos grandes, cuja obra, entretanto, logo volta ao nada; outros, ao contrário, cuja glória só começa com a morte. E' que talvez, como dizia Delacroix, tudo em arte é uma questão de alma. Ainda não se conseguiu chegar a um acôrdo sôbre o sentido e o valor desta pequeníssima palavra. Mas, se fôsse preciso dar-lhe uma idéa sensível, nada melhor que a música a forneceria. "Um grito manifestado" — denominava-a Wagner, o que significa, sem dúvida: a expressão mais espontânea de si mesmo. Artista é aquele que sente necessidade de dar forma ao seu grito.

Cada um tem sua maneira de ser. A uma vida suntuosamente dispersa, como a de Liszt, se opõe a de Chopin, toda reservada, que mão alguma soube colher, mas tão mais impregnada de perfumes. Tudo o que êle não pôde dar: seu amor que ninguém aceitou, seu pudor e sua timidez, esta ânsia contínua de perfeição, suas ele-

gâncias, suas nostalgias de exilado, e até seus momentos de comunhão com o incognoscível, tudo isso ficou em sua obra, em estado potencial. Tal é, ainda hoje, o segrêdo de seu prestígio. A música recebeu o que os hmens e as mulheres desdenharam. Por ela, foi sua renúncia. Como se compreende a desolação de Schumann, quando soube da morte do cisne, e esta bela imagem espontâneamente lhe brotou da pena: "A alma da música passou pelo mundo".

Era bem isso o que devia sentir obscuramente a multidão que se comprimia no Templo da Madeleine, em 30 de outubro de 1849. Foram precisos treze dias para preparar estes funerais, que se exigiram tão solenes, quanto humilde havia sido sua vida. Entretanto, não era Cavalheiro da Legião de Honra êste senhor Frederico Chopin! Pouco importa. "A natureza tinha um ar de festa" — disseram os jornais. Todas as sumidades do mundo musical e literário: Meyerbeer à frente, Berlioz, Gautier, Janin. Só faltava George Sand. Daguerry, vigário da Madeleine, levou duas emanas a obter permissão para fazer cantar as damas em sua igreja. Às exéquias de Chopin é que se deve essa tolerância, sem a qual teria sido impossível cantar o *Requiem* de Mozart, executado pela orquestra do Conservatório, sob a direção de Giraud. Os solistas estavam dissimulados por uma cortina preta, atrás do altar: Paulina Viardot e a sra. Castellan, Lablache e Alexis Dupont; ao órgão, Lefébure-Wély. Ao Ofertório, tocou êste dois *Prelúdios*, o n.º 4 em si menor e o n.º 6 em si menor, composto

em Maiorca, naquele crepúsculo em que Chopin vira a morte, enquanto a chuva caía a cantaros sobre o Convento de Valdemosa.

O esquife, em seguida, foi descido em meio da multidão, enquanto soava, pela primeira vez, a famosa *Marcha Fúnebre*, orquestrada por seu amigo Reber. Seguravam os cordões do féretro o príncipe Czartoryski, Franchomme, Delacroix e Gutmann. Meyerbeer caminhava atrás do coche. Pôs-se em caminho, pelos boulevards, em demanda do cemitério do Père-Lachaise. Aí é que foi enterrado o corpo de Chopin, excepto seu coração, que foi enviado para Varsóvia, onde permanece, desde então, na Igreja da Santa Cruz. Belo símbolo, que convém a êste coração fiel.

Nenhum discurso foi pronunciado. Nos minutos de recolhimento, que se seguiram à descida do ataúde, foi vista certa mão amiga atirar sôbre o caixão aquela terra polonesa que havia sido entregue a Chopin no dia em que deixara a pátria. Durante todos aqueles anos, a terra natal havia ficado na taça de prata, à espera desta suprema aplicação. E agora, não mais existia a Polônia; não existia senão naquele punhado de terra, e na obra de Chopin: alguns cadernos, umas dezenas de páginas, onde ia arder, durante três quartos de século, o místico de uma nação.

*

* *

Em 17 de outubro seguinte, em 1850, miss Sterling, foi pela manhã ao florista Michon, fornecedor de Chopin, e comprou tudo quanto pôde encontrar de violetas. Depois, dirigiu-se ao Père-Lachaise e depositou-as sôbre o túmulo, e mais uma corôa em nome da família do morto. Ao meio-dia, celebrou-se a missa na capela do cemitério, depois da qual os assistentes voltaram ao pé da sepultura, onde foi descoberto o monumento de Clesinger. E' uma alegoria medíocre, feita por um homem que odiava Chopin. Como tal coisa poderia ter sido bela? Apenas o medalhão tem um pouco de vida. Na base, foram gravadas estas palavras: *A Frederico Chopin, seus amigos.* Quís o deputado Wolowski pronunciar um discurso, mas embargou-se-lhe a voz e nada se ouviu. Todos que alí estavam reunidos, tinham sido amigos do morto; ainda lhe ouviam a voz, o piano, a tosse de tuberculoso. E um deles lembrou uma de suas frases: "Ninguém me pode tirar o que me pertence."

*

* *

Hoje, estes restos batidos de chuva, esta pobre Musa debruçada sobre a lira de cordas partidas, se casam magnìficamente aos arvoredos do Monte São Luiz. Vêem-se visitantes neste parque dos mortos; detêm-se diante do busto de Musset, o jovem amoroso que traduzia a própria dor em tão encantadoras rimas; fazem uma peregrinação ao mausoléu de Eloisa e Abelardo, onde uma

abadessa devota mandou gravar estas palavras: "O amor, que unira seus espíritos durante a vida e que na separação se conservou pelas cartas mais ternas e mais espirituais, lhes reuniu os corpos nesta sepultura". Isto infunde confiança aos amantes que furtivamente vêm depositar uma flor aos pés dêstes dois símbolos de pedra, deitados paralelamente. Mas não se vê ninguém na estreita alameda que conduz, pela avenida central, ao túmulo de Chopin. E' que êste músico das almas não ofereceu aos amorosos uma carreira brilhante. Nenhuma alma se apresentou em harmonia com a sua, — alma que jamais encontrou seu alaudeiro.

Esta palavra me faz recordar uma carta que êle escrevia a Fontana, quatorze anos antes de morrer, e na qual projeta um pouco de luz em seu mundo interior: "A única infelicidade consiste nisto: saímos da oficina de um mestre célebre, de algum Stradivarius *sui generis*, que não existe mais para nos concertar. Mão inhábeis não sabem tirar de nós novos sons; então, por falta de um alaudeiro, recalcamos no fundo de nós mesmos o que ninguém nos sabe arrancar".

Eis um belo epitáfio para um poéta: morto por falta de um alaudeiro.

Mas, onde se encontra o alaudeiro de nossa vida?

Etoy, 17 de outubro de 1926

77.º aniversário da morte de Chopin

Fontes

São extremamente raras as fontes onde se pode buscar uma documentação autêntica sôbre a vida de Chopin. Durante sua vida, poucas pessoas tiveram o cuidado de conservar sua correspondência, não obstante ter sido êle tão pouco pródigo em escrever: a umas, sem dúvida, não lhes deram grande valor; a outras consumiram, porque revelava uma parte íntima demais de suas existências.

Segundo uma anedota histórica, foi ter às mãos de Alexandre Dumas filho, por mero acaso, quando de uma viagem sentimental que fez à Polônia, pela primavera de 1851, um arquivo completo das cartas dirigidas por George Sand a Chopin. Dumas trouxe êste arquivo para a França, e, tendo-o restituido à romancista, viu-a reler suas cartas e depois jogá-las todas ao fogo. Talvez julgasse ela sepultar assim, de uma vez, no esquecimento os tristes vestígios de um amor, do qual já não recordava nem os transportes, nem os sofrimentos... Um incêndio, em Varsóvia, no prédio em que morava a sra. Barcinska, a mais jovem das irmãs de Chopin, em 1863, destruiu outras preciosas relíquias.

Não nos restou, pois, senão um limitado número de cartas do compositor, e, assim mesmo, alteradas ao bel prazer de seu primeiro editor, Maurício Karasowski. Muitos biógrafos, pois, copiaram-nas displicentemente, sem se dar ao zêlo de confrontá-las com os textos originais, ou, pelo menos, com a honesta e integral tradução alemã feita em Leipzig, por B. Scharlitt, em 1911. Henrique Bidou foi o primeiro a reconstruir uma parte delas, em sua

redação original. Contudo, o trabalho de Karasowski não deixe de ser importante, porque o autor, que as escreveu entre 1860 e 1863, era intimamente ligado às irmãs e à sobrinha de Chopin, e porque delas colheu diretamente a tradição oral sôbre a vida doméstica. Aproveitámos uma boa parte dêsse trabalho, especialmente no que concerne aos anos de infância e à morte do artista, persuadidos de que tais notícias fôssem as mais próximas da verdade. Outros episódios, notadamente a viagem a Berlim e seu amor por Constance Gladkowska, foram emprestados à obra do conde Wodzinski. Adoptamos também certos pormenores pitorescos fornecidos por êste mesmo biógrafo, bem como esclarecimentos sôbre a família de sua parente Maria Wodzinska. Para não sobrecarregar de referências nosso texto, oferecemos a seguir uma lista de todas as *obras consultadas*, onde o leitor curioso as encontrará minuciosamente.

O primeiro trabalho completo e sòlidamente documentado sôbre a vida de Chopin foi publicado por F. Niecks, em Londres, em 1888. Niecks chegou ainda a conhecer muitos discípulos e amigos do mestre. Seu estudo apresenta um sabor singular, não ultrapassado por nenhuma obra ulterior. Longa série de outros ensaios tem sido publicada sôbre a vida do poéta, principalmente em polonês, inglês e alemão. Devemos citar, antes de qualquer outro, o monumental *Chopin* de Ferdynand Hoesick. Mas, se não podemos desprezar as monografias — fantasistas e deficientes — aparecidas em França na segunda metade do século XIX (e mesmo em nossos dias), é preciso lembrar o trabalho de E. Ganche, reconhecendo-o o primeiro livro sério e completo editado em língua francesa sôbre o sonhador polonês. O recente volume de H. Bidou retifica-o sôbre certos pontos e desenvolve-o sôbre tantos outros. E' um trabalho indispensável a quem deseje aprofundar a música de Chopin.

Como precedentemente fizemos em relação a Liszt, não buscamos aquí mais do que descobrir uma personalidade e colocá-la em sua moldura. E por isso deixamos sempre agir e falar nossas personagens. Escrupulosamente nos abstivemos de *inventar* o que

quer que fôsse. Em compensação, procuramos não pecar deixando de *interpretar*, pois consideramos, como já fizemos sentir algures muitas vezes, que de uma interpretação artistica todo facto extrai um prestígio duradouro. Tendeu-nosso esfôrço apenas em agrupar numa certa ordem os acontecimentos e em destacar deles a linha do coração e a do espírito, sem a pretensão de explicar o que, na alma de Chopin, sempre ficou inexplicável; em não despojar, enfim, nosso modêlo, daquela penumbra, de onde transpira seu sentido íntimo e sua nebulosa beleza.

PRINCIPAIS TRABALHOS CONSULTADOS

FRANZ LISZT — *F. Chopin* — Leipzig (Breitkopf), 1852 e 1923 — Trablho estranho e desordenado, mas rico em esclarecimentos de ordem técnica.

GEORGE SAND — *História de minha vida* — 4 vols. — Calmann-Lévy. — *Um inverno em Maiorca* — 1 vol. — ibid. — 1843. — *Correspondência.*

MAURICIO KARASOWSKI — *F. Chopin* — Varsóvia, 1862, e nova edição, Berlim, 1877 e 1925.

CONDE WODZINSKI — *Os três romances de F. Chopin* — Calmann — 1886.

ROBERTO SCHUMANN — *Estudos sôbre a música e os musicistas* — Trad. de H. de Curzon — París — 1898.

M. KARLOWICZ — *Recordações inéditas de F. Chopin* — París e Leipzig — 1904 — Tradução de F. Disière.

FREDERICO NIECKS — *F. Chopin as a man and a musician* — Londres — Novello — 1888 — 2 volumes.

KLEZINSKI — *F. Chopin. Da interpretação de suas obras* — París — 1906.

WLADIMIR KARENINE — *George Sand, sua vida e suas obras* — Plon — 1899-1926 — 4 volumes — Importante e notável trabalho, encerrando inúmeros documentos inéditos, de que nos servimos largamente.

BERNARDO SCHARLITT — *F. Chopin gesammelte Briefe* — Leipzig — 1911 — Único texto completo e autêntico das cartas.

SAMUEL ROCHEBLAVE — *George Sand e sua filha* — París — 1905.

ELIAS POIRÉE — *Chopin* — París — 1907.

EDUARDO GANCHE — *Frederico Chopin, sua vida e suas obras* — París — 10.ª edição. Mercure de France — 1923.

FERDYNAND HŒSICK: *Chopin* — 3 vols. — Varsóvia — 1911.

I. PADEREWSKI — *A' memória de F. Chopin* (Discurso) — 1911.

JAMES HUNEKER — *Chopin, the man and his music* (Reeves) — 1921.

EUGÊNIO DELACROIX — *Diário* — Plon — 3 vols. — Nova edição — 1926.

OPIENSKI — *Chopin* — Lwow — 1910.

HENRIQUE BIDOU — *Chopin* — Liv. Alcan — 1926.

AURORA SAND — *Diário íntimo de George Sand* — Colmann-Lévy — 1926.

Muitos esclarecimentos preciosos e inéditos sôbre a agonia de Chopin, bem como sôbre sua última vontade quanto às obras incompletas, devemos a uma carta que o conde Alberto Grzymala dirigiu, poucos dias após a morte de Chopin, a seu velho amigo Augusto Léo. Com autorização gentilmente concedida por seus netos, foi aquí reproduzida uma importante passagem dessa carta.

Índice

Dedicatória 9

I — "Um anjo de rosto lindo tal uma mulher triste" 13

II — Infância de Chopin 17

III — Nascimento do poéta 22

IV — Desgraça e ideal 17

V — Solidão em Viena e revolução em Varsóvia 40

VI — "Não sei se haverá no mundo cidade onde se encontrem mais pianistas que em Paris 52

VII — Anos felizes, anos de trabalho 64

VIII — Maria Wodzinska e o "crepúsculo" 73

IX — Primeiro esbôço de George Sand 92

X — Cartas de dois romancistas 101

XI — O Convento de Valdemosa 125

XII — *"Il music be food of love, play on"* 142

XIII — Sôbre algumas amizades de Chopin e sua estética 157

XIV — Desinteligência, solidão 176

XV — Amarguras, ódios 192

XVI — História de um rompimento 205

XVII — O canto do cisne 228

XVIII — "Os ciprestes têm seus caprichos" 248

XIX — Morte de Chopin 252

XX — Epitáfio a um poéta 258

Fontes 266

INSTYTUT FRYDERYKA CHOPINA-NARODOWY BIBLIOTEKA

Zbiory Stowarzyszenia I.F.C.

* *Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" à Rua Xavier de Toledo, 72, em São Paulo, em Agosto de 1934.*

F 001996
NARODOWY
INSTYTUT
FRYDERYKA
CHOPINA
B/1

GUY DE POURTALÈS

VIDA DE CHOPIN

"Êle se s
a si me

EDIÇÕ
LIVRARIA CULTU
RUA LIBERO BADARÓ
Telefone
SÃO PAUL

